

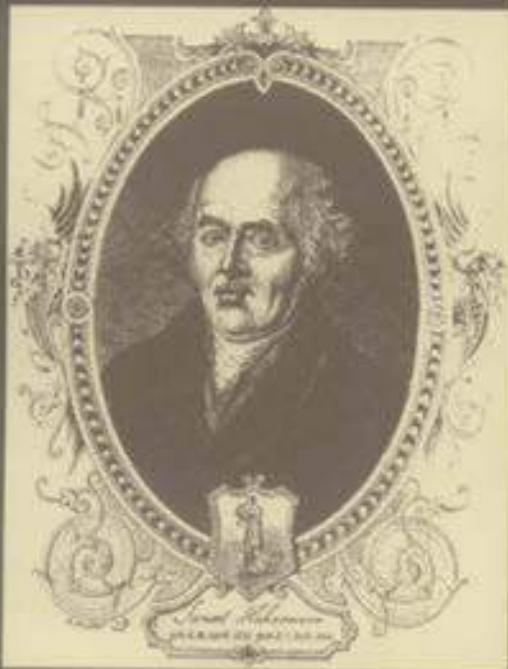


Concepção

VITALISTA

de
S. Hahnemann

Marcus Zulian Teixeira



apolo

Associação Paulista de Homeopatia

CONCEPÇÃO VITALISTA DE S. HAHNEMANN

S. Hahnemann

Marcus Zultan Teixeira

*Especialista em Homeopatia pelo Conselho Federal de Medicina
Coordenador do Curso de Especialização da A PH
Membro do Grupo Docente da A PH*

CIP - Brasil Catalogação
Câmara Brasileira do Livro

Copyright Rohr Editorial

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema de trânsito de qualquer tipo por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita pelos editores.

1997

PRODUÇÃO EDITORIAL

Direção Geral:

J. Roberto M. Belmude

Revisão Científica:

Marcos Zulian; Trivisa

Produção e Arte:

Rohr Editorial

Capa:

J. Roberto M. Belmude

Todos os direitos para a língua portuguesa são reservados pela

*"Quando as forças vitais do corpo estão em perfeita harmonia,
você significa que a cura é possível."*

*"Quando as forças vitais do corpo estão em profundo desacordo,
diz-se que a doença é difícil de curar."*

Huang Ti Nei Ching Su Wen

*"Mantém a alma sensível e o corpo animal numa unidade
para que não possam separar-se.
Controla a força vital, a fim de que te transformes
necessariamente numa criança recém-nascida."*

Tao Te Ching - Tao Tsé

*"Quero não ser viciado conhecendo prazeres
Começou logo por tirar-lhe a vida,
As partes depois falam, mas já lhe faltou
O espírito que as liga e as anima."*

Fausto - Goethe

*À Homeopatia,
Ciência, Filosofia e Arte de curar,
que há duzentos anos enaltece a Medicina.*

*À Associação Paulista de Homeopatia,
propulsora do conhecimento homeopático.
pelos seus sessenta anos de existência.*

À minha esposa Eliane e meu filho Pedro.

APRESENTAÇÃO

S. Habermann

APRESENTAÇÃO

S. Hahnemann

Samuel Hahnemann é citado, indiscriminadamente, como gerador de vários pensamentos que ele próprio jamais verbalizou e dos quais afastava-se linearmente em suas publicações.

Para alguns homeópatas, ele é o criador da medicina espiritual. Segundo estes, o medicamento homeopático direcionaria o espírito para a finalidade maior da existência. Para outros, o medicamento homeopático atuaria nos órgãos enfermos e, portanto, teria a capacidade de estimular a defesa dos mesmos. Para outros, ainda segundo Hahnemann, o homem teria um medicamento que o curava sempre e definitivamente.

Enfim, todos, invariavelmente, partiam suas concepções sobre partes isoladas da obra do mestre, tentando justificar e embasar suas convicções. E mais, posicionaram-se como se tivessem compreendido Hahnemann, o suficiente, para colocar suas interpretações e posicionamentos como se fossem palavras dele.

Este tipo de erudição, dia científica, tem sido bastante comum em nossos dias. A diversidade de informações e a falta de profundidade nas teses apresentadas têm gerado divergências nas idéias centrais que embasam a ciência homeopática. Estas atitudes, seguramente, levam o iniciante e também o praticante mais experiente desse sistema médico a terem problemas de compreensão de partes importantes, ou da totalidade da obra homeopática.

Para avaliar com propriedade o vitalismo de Hahnemann, surge através de Marcus Zulian Teixeira este trabalho intitulado "Conceção Vitalista de Samuel Hahnemann", que, ao citar cuidadosa e exaustivamente trechos das partes mais importantes de seus escritos, mostra, com clareza, o seu pensamento a respeito da estrutura do homem, e a que deste homem poderia ser compreendido por nós e aí onde deveríamos atuar como médicos, para restaurar a saúde do mesmo.

Pode parecer a muitos que estas questões não têm a menor importância, pois o medicamento homeopático age no organismo apesar de qualquer teoria que se faça a

respeito de seu *locus de ação*. Entretanto, enganam-se os que pensam desta forma. Nossos resultados, enquanto médicos, assentam-se sobre o que pretendemos curar ou modificar em nossos enfermos e isto está intimamente relacionado àqueles conceitos. Sendo assim, se pretendemos, com o medicamento, atuar na espiritualidade do doente, não nos satisfazemos apenas com a melhoria de sua saúde física. Isto significa um enfoque diverso da tentativa de restabelecer o equilíbrio da energia vital, conforme propunha Hahnemann.

O autor desta obra (que certamente será de grande utilidade, tanto para os iniciantes quanto para os que já exercem a Homeopatia) reavaliarem os reais objetivos de suas prescrições) mostra com muita propriedade e fidelidade o pensamento de Hahnemann, naquilo que é a pedra angular de sua teoria vitalista.

O criador da Homeopatia compreendia o homem como sendo um ser constituído de corpo, energia vital e espírito racional. Sabia ele, em sua genialidade, que um medicamento jamais alteraria os designios espirituais, já que estes, segundo suas crenças, estariam condicionados à racionalidade inteligente, ligada ao homem através da divindade. Sómente reequilibrando a energia vital é que o medicamento devolveria ao ser humano um organismo são, sensível e livre para servir a causa deste espírito que poderia conduzi-lo a qualquer fim. Portanto, somos médicos do complexo formado pelo corpo e a energia vital. Sera muita preguiça de nossa parte acreditarmos que para que o espírito evoluir necessaria das benéficas medicamentosas do *simillimum* e que em caso contrário, estaria o homem fadado a não se realizar enquanto ser espiritual.

Na verdade, a proposta do sábio de Meissen era muito lógica e simples: devolver ao organismo as condições de normalidade, para que este pudesse determinar a si uma trajetória liberta das artimanhas dos mecanismos defensivos patológicos. Esta questão não nos exime da responsabilidade de contribuirmos com a evolução de nossos pacientes, queremos, daí-nos a medida exata do que podemos alcançar com o medicamento e daquilo que é função de outras atitudes terapêuticas ou da educação moral, ética e religiosa de uma pessoa. O medicamento homeopático, portanto, facilitaria a interação do indivíduo com seu ambiente cosmo-sociocultural. Entretanto, isto ficaria na dependência do contexto ético e moral adotado como padrão de normalidade.

Esta perspectiva aproxima-nos muito mais da ciência médica e torna nosso trabalho compreensível e factível.

Nesta forma, a obra de Marcus Zilván Teixeira contribui muito para reforçar a autenticidade do que se divulga como sendo o pensamento de Hahnemann, trazendo considerações importantes a respeito de suas crenças e opiniões em relação a outros grandes pensadores do mundo ocidental e oriental, ratificando o quanto ele se intelectuou em matéria de conhecimento para enfatizar esta ciência médica, que com tanta dificuldade tem atravessado as agruras do preconceito humano e do direcionamento parcial da ciência.

*Dra. Ângela Augusta Lanner Metra
Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira*

PREFÁCIO

S. Hahnemann

"No princípio era o Verbo... É o pensamento que tudo cria e produz? Seria preciso pôr: no princípio era a Força... O espírito vê em meu auxílio! Vejo de súbito a solução e escrevo com segurança: no princípio era a Ação..." (Goethe)

A apresentação de um livro de filosofia homeopática que não caia na teodicéia é difícil nos dias atuais, o que felizmente não ocorreu com esta obra.

Segundo Pedro Luis Entralgo, o termo vitalismo designa a atribuição aos seres vivos de um modo de ser qualitativamente distinto dos vários em que pode apresentar-se a matéria inerte ou inanimada e essencialmente irreduzível, portanto, aos esquemas mediante os quais a ciência explica a constituição e as propriedades dessa última.

As concepções de Hahnemann, para Syphilis Braga e Cia., têm notável unidade; podemos dizer que a base biológica de todas elas é o vitalismo. Negada essa noção, todos os princípios do mestre ficam sem fundamento lógico.

Ainda segundo este último autor, a força vital não é uma entidade, pois não se pode concebê-la sem o organismo; sem ela, é um corpo morto. Ironicamente, em latim, a palavra *corpus* quer dizer cadáver! Na sinonímia de força vital, os

diversos autores utilizam os termos energia vital, princípio vital, sopro vital, consenso orgânico, *vis medicatrix naturae*, etc.

Aqueles que acreditam estar a *genesis* da moléstia localizada na alma ou no espírito são chamados de espiritualistas; se estiver na força vital, vitalistas e, finalmente, se estiver no corpo, materialistas.

Este livro do Dr. Marcus Zulian é dedicado aos vitalistas.

Dr. Félix Barbosa de Almeida
Presidente da Associação Paulista de Homeopatia

SUMÁRIO

S. Hahnemann

Introdução	13
CAP. I - Força Vital e His Medicatrix	15
CAP. II - Força Vital Instintiva, Automática, Conservadora	25
CAP. III - Força Vital Orgânica - Composto Substancial Corpo Físico - Princípio Vital	29
CAP. IV - Força Vital Ionsferial, Ótímica, Iovisível, Espiritual	35
CAP. V - Força Vital, Magnetismo, Mesinismo e outras Potências Medicinas Difusivas	41
CAP. VI - Força Vital e Enfermidades	49
CAP. VII - Força Vital e Cura	53
CAP. VIII - Força Vital Irracional dilete do Espírito Racional	59
CAP. IX - Força Vital, Sangue, Fibra Sensível e Nervo.	67
CAP. X - Espírito, Alma e Mente	73
CAP. XI - Unidade Físico-vital alterada por Excessos Intelectuais e Emocionais	83
CAP. XII - Saúde e Moral	89
CAP. XIII - Despropósito das Discussões Metafísicas e Especulativas	97
CAP. XIV - Concepção Filosófica de Hahnemann - I) Visão Espiritualista	105

2) Hahnemann e Condúcio	107
3) Filosofia Natural	108
4) Hahnemann e Reimarus	112
CAP XV - Conclusões	119
Referências Bibliográficas	125
Comentários	129

Introdução

S. Hahnemann

Para a Homeopatia, toda doença é fruto de uma disritmia da força vital, princípio imaterial que permeia os seres vivos e é responsável pela homeostase do organismo humano. Isto ocorre porque antes do corpo material ser afetado, já ocorreu uma alteração no corpo energético.

Devido a Homeopatia atuar diretamente sobre a energia vital, provocando uma reação da mesma no sentido de restaurar o equilíbrio perdido, faz-se necessário entendermos o que vem a ser este princípio vital, a fim de compreendermos o caminho de cura e as possibilidades do mesmo.

Na busca da compreensão da natureza da força vital hahnemanniana, muitas concepções surgiram, orientando a posteriori conceitos filosóficos que abarcam desde a própria natureza imaterial do homem (*vis medicatrix naturae*, princípio vital, mente, alma, espírito, etc.), até o entendimento do binômio saúde-doença.

Alguns conceitos errôneos, como a analogia entre força vital e alma, criaram a falsa noção de que a Homeopatia, por atuar no reequilíbrio da força vital, poderia atingir níveis profundos do espírito ou da personalidade humana.

modificando-os. Confusões teórico-práticas que possuem sua origem em definições mal-elaboradas.

Ao analizarmos a obra de Hahnemann, certamente encontraremos um pensamento comum sobre o referido tema, reiterado nos mais variados aspectos doutrinários, que deverá nortear o ideal do discípulo fiel, isento de preconceitos e disposto a comunicar com as idéias do Mestre.

Na maioria de seus ensinamentos é notória a capacidade de síntese e clareza dos mestres, fazendo-nos desconfiar de erros interpretativos de nossa parte, caso encontremos sérias contradições em seus escritos. Como popularmente dizemos, Hahnemann *não deixa ponto sem nó*.

Não encontrando semelhança entre a obra de Hahnemann e alguns conceitos trazidos por quem se diz seu seguidor, dispusemo-nos a estudar minuciosamente o assunto e relati-lo no referido trabalho, sem o intuito de criticar tal ou qual autor, mas, unicamente, na busca de uma compreensão doutrinária mais clara.

Veremos que, ao introduzir uma idéia, Hahnemann repetia-a inúmeras vezes, como se quisesse deixar clara sua posição e acredito ser este o verdadeiro parâmetro, para que dissipemos dúvidas existentes. Pudermos assumir uma postura pessoal quanto ao que acreditamos e aceitamos, que pode consistir em exercício intelectual positivo ao movimento homeopático, mas não induzamos o pensamento do estudioso no rumo de noções individualistas.

Juntamente com a natureza imaterial do homem, buscaremos entender a concepção filosófica de Hahnemann, assuntos de extrema importância caso tentemos definir um modelo antropológico que embase a doutrina homeopática.

Para evitar falhas de interpretação, as citações das obras de Hahnemann foram transcritas literalmente dos textos consultados, facilitando a constatação dos que se proponham a revê-los. A repetição de termos semelhantes, por vezes censativa, visa transmitir ao leitor a frequência de utilização dos mesmos, demonstrando o regime do pensamento hahnemanniano.

CAP. I

Força Vital e *Vis Medicatrix*

S. Hahnemann

O entendimento deste primeiro item, provavelmente dispensaria o estudo de boa parte dos demais. mas, como dissemos anteriormente, o pensamento claro e lógico de Hahnemann reitera, ao longo de toda a sua obra, os conceitos em que acreditava. Quando escreve repetidamente sobre um tema, ainda que qualquer dúvida que possa pairar em nossas mentes fantasiemos.

Inicialmente, veremos a concepção hahnemanniana da *vis medicatrix naturae* (*caminho natural de cura*), ou seja, a reação natural defensiva do organismo, entregue a si mesmo, como meio de cura para algumas enfermidades passageiras, *de duração apenas breve*, como algumas doenças agudas e outras doenças medicamentosas. Critica o sistema de Brown, que dizia haver uma única força fundamental, a vida, e que esta força nada fazia a não ser diminuir ou aumentar, esgotar-se ou acumular-se nas enfermidades, as quais deveriam ser entendidas sob o ponto de vista da debilidade ou do excesso de força.

A Benefícia Natureza e a juventude, auxiliadas por um regime apropriado, curaram as doenças de causas muito mais profundamente localizadas que apenas deficiência ou excesso de excitabilidade, algo que o observador isento de preconceitos perceberia

diariamente, isto deve ser desautorizado ou negado por Broder, a fim de dar apoio a seu sistema evolutivo." (Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown. 1803, *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 350)

"A maior parte das enfermidades para as quais se invoca a presença de um médico são afecções agudas, ou seja, transformam da saúde que demoram um curto período para retornar à saúde ou conduzir à morte. Se o paciente sucumbe, seu médico acompanha modestamente o falecimento; se chega a curar-se, é para um que a natureza tenha tido força suficiente para transferir sobre a enfermidade e sobre a ação dos medicamentos, que se exerce geralmente em sentido inverso de como devem ser. Pois a natureza tem esta força com frequência, e no maior número dos casos." (Escalápio na Balança. 1805. *Oriental de Hahnemann*, p. 23)

Quanto à natureza da força vital ou *força natural*, Hahnemann é claro ao compará-la com a *vis medicatrix naturae*, "força curativa da natureza", conceito de cura hipocrático pelos movimentos naturais do organismo vivo.

Profundo admirador de Hipócrates, demonstra seu respeito ao *Médico de Cax*, enaltecedo sua capacidade de *observador escrupuloso da Natureza*, descrevendo as enfermidades exatamente como elas eram, sem nada ajuntar, sem fabricar, sem se permitir nenhum devaneio:

"Já que se faz mais pela arte de curar que à época de Hipócrates. Este observador escrupuloso estudava a natureza dentro da própria natureza. Descrevia as enfermidades exatamente sem ajuntar-lhes nada, sem dar-lhes colardos, sem permitir-se nebulosa raciocínio. Nenhum médico superior seu talento para a observação para. ñdava. faltava um só rastro da medicina a este favorito da natureza, com o qual teria possuído a arte por inteira: o conhecimento dos remédios e seu emprego. Mas tempo não afetara ter este conhecimento, até confessava que carecia dele não pre-
cendendo nemhum medicamento e contentando-se em substituir o regime a algumas regras." (Escalápio na Balança. 1805. *Oriental de Hahnemann*, p. 103)

Em *A Medicina da Experiência*, Hahnemann nos traz a ideia de *vis medicatrix* sem usar o termo força vital, que só foi incorporado à doutrina mais tarde. Neste escrito, fala da incapacidade dos recursos medicatrizes do organismo abandonado a si mesmo em vencer as enfermidades, pois este papel cabe ao espírito exercendo sua nobre prerrogativa em manter a saúde.

"Assim mesmo, permanece a imensidão turba de enfermidades que atacam nossa constituição debilitada, que a transformam que a põem em perigo de morte e de destruição, sabendo muito bem que o que há de animal em nós rara vez é capaz de afugentá-las, inimiga, sem sofrer muito pelas infições que esta tragéia lhe impõe, ou ainda sem sucumbir a elas. Mas é preciso que os recursos medicatrizes do organismo

ma abandonando a si mesmo fossem débiles, limitados e insuficientes, a fim de que nosso espírito se vise também obrigado a exercer sua maior prerrogativa numa circunstância em que se trata do maior prejuízo dos bens terrestres, a saúde e a vida? O Pai do gênero humano não queria que nós vivessemos como animais a natureza, queria que fizéssemos mais que a natureza orgânica, prouva isso do mesmo modo, nem com seus meios (...) Não permite que nos tiremos como a natureza dos meios chamados crueis para curar essa multidão de febres, não está em nossa poder o matar os suores críticos, as urinas críticas, os abcessos críticos, as epistaxes críticas (...) Nós não podemos, nem devemos, anular-lá, posto que há meios infinitamente mais suaves, mais rápidos e mais seguros que nosso espírito está destinado a criar para as exigências da mais necessária e mais respeitável das ciências, a medicina." (*A Medicina da Experiência*, 1805, traduzido de Hahnemann, p. 45)

Criticando o tratamento alelopático de sua época, tanto para doenças agudas como crônicas, que evoluíam mais severamente se abandonadas a si mesmas, à *vis medicatrix naturae* ou força vital, defende um tratamento mais rápido e mais completo que os empregados até então, como verdadeiro método de cura.

"As doenças de aparentamento repentino desafervoraram, como os seus medicamentos, evidentemente com virtude da vitalidade do organismo, estas doenças agudas, se tratadas com medicamentos, devem ceder muito mais rapidamente e de modo muito mais completo do que se fossem deixadas a própria sorte, para que possamos nos referir a isto como cura" (Materia Médica Pura, 1811, vol. I, p. 272).

"Nas afecções crônicas é muito mais seguro não usar qualquer espécie de medicamento e confiar inteiramente nas forças naturais, do que ser tratado pelo tratamento alelopático prejudicial e destruidor" (Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II cap. XIII suplemento 201)

No Prefácio à quarta edição do *Organon* discorre sobre a *vis medicatrix*, acreditada pela escola tradicional como a incomparável arte de curar, fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si.

"Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de infalível sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a ser guiados por essa voz infaustamente, apesar de embarrancados para compreender por que os médicos, pela sua interferência artificial com medicamentos, perturbariam ou nocivamente agravariam essas operações, supostamente incomparáveis, da autorunivista da natureza nas doenças (os medicos)! Mas o caso está longe disso! (*Organon, Prefácio à Quarta Edição*, 1829)

Na mesma referência, deixa clara a identidade da *vis medicatrix* com a força vital, *instintiva, irracional, irrefletida, sigeita às leis orgânicas do nosso corpo, mantendo as condições do organismo em equilíbrio desde que o mesmo esteja saudável e causando transtornos revolucionários, quando a saúde é perturbada.*

"... Essa natureza [vis medicatrix], cujo auto-sacrifício evitaria medica tradicional alega ser a viceversa de curar: a única digna de viver-se, sendo merelymente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sigeita às leis orgânicas do meu corpo, que o Criador ordenou manter entre as funções e sensações do organismo em condições maternais perfeitas, desde que o homem constitue em boa saúde, mas traiu fôrça de vida, nem adaptada para boa restauração da saúde, somente vez perturbada ou perdida. Pois, temba minha fôrça vital sua referendada prejudicada por influências mortais de fora, enfraqueça-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doenças) por processos revolucionários. (Hegemon. Prefácio à Quarta Edição, 1829)

Continuando, fala da inutilidade das tentativas de auxiliar a força vital nos seus esforços cegos, prática vigente dos médicos de sua época:

"... Não estiverem os homens de todos os tempos cientes dessa imperfeição, dessa não rara insuficiência dos esforços cegos da força vital, instintiva e irrefletida, nas tentativas de auto-sacrifício nas doenças, não ansiavam tanto, não se empolgavam tanto,乐然mente em ajudar a força vital sofredora, tão impaciente para ajudar se eficientemente, pelo emprego de melhores recursos medicamentosos, (...) em outras palavras, não teriam encadado esforços para descobrir nova arte de curar." (Hegemon. Prefácio à Quarta Edição, 1829)

Mais curto o que tem sido até aqui chamado "arte de curar" e merecendo destaque das esforços e operações nefóticas, utópicas e não raramente nocivas da importuna e arrebatada força vital (erradamente chamada natureza), quando abandonada a si mesma na doença. (J. J. Hegemon. Prefácio à Quarta Edição, 1829)

Alguns homeopatas utilizam-se do parágrafo anterior para inferirem que a força vital desta citação não se refere à *vis medicatrix*, justificando-se através da frase "irrefletida força vital (erradamente chamada natureza)" como se o "erradamente chamada natureza" referisse-se à *vis medicatrix*. Este é o perigo de utilizarmos frases soltas, separadas do contexto geral, para justificarmos uma posição pessoal.

Quando Behnemann diz "erradamente chamada natureza", está claro que sua crítica se volta à postura médica da época que, assim como Hipócrates,

considerava a *vis medicatrix* (força vital) como a mais perfeita e sábia manifestação da Natureza, ou a própria Natureza, obra máxima do Criador, conforme ele discorre nesta citação: "Se essa natureza que se habita a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico - a grande Natureza em si e por si, isto é, a raiz de meilleur subdoréto da grande Artifice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a ser gratidão por essa razão insulí el" (grifo nosso).

Aclarando a questão, citemos a conceituação da *vis medicatrix* segundo Hipócrates, trazida por Leduar de Assis Rocha em sua obra *Aforismos*:

"O fato é que Hipócrates criou o seu próprio sistema médica, incorporando-a a escola que fundou - a Escola de Cíos - sistema batizado por Galeno de *dogmatismo* e a qual muitos preferiram chamar de *humoratismo*, mas que o historiador médico Cunlton preferiu chamar de *naturismo*, porque tal sistema médica tem por diretriz o *poder curativo da natureza*, entendendo Hipócrates por natureza uma força que penetra a a economia interior e dirige todos os fenômenos na saúde e na doença, o *naturismo* foi, desta forma, fundada Cunlton, criado no dia em que Hipócrates desabriu esse grande fato que domina todas as outras suas operações ou nas funções da vida, englobando toda a ciência e toda a prática médica à vontade sua de seu poder que forma, conserva e cura, poder que é inherent ao próprio organismo, graças ao qual desenvolve, rege, descreve-se se preservar-se e combate todas as causas mórbidas e os efeitos que produzem. Tais amplexos que nos fizem, logo, esta descoberta, arranjada Cunlton, é a mais importante das que se fizeram em torno do conhecimento do corpo humano" (Aforismos, p. 20)

"Hipócrates é assim o diretor de dímanas de que dizia, em palma luminosa, o prof. Clementino Fraga: «Na imunidade orgânica e cultura mestra da defesa garantida pelos mecanismos protetores, é a *vis medicatrix*, que é mais velha de todos nós, nesse santo mestre Hipócrates, já percebera no instante das reacções vitais, justificada a defesa individual»" (Aforismos, p. 27)

O mesmo encontrarmos na obra *Homeopatia e Vitalismo*:

"Hipócrates - descobrindo os conceitos duns que o precederam - entendendo a fibra (universa) como sendo o *médico das enfermidades*, fazendo sem auxílio a que contrém. Esta *vis medicatrix* operava em todos os seres como uma servidora,扶助着 dos individuos enfermos: aprimarações, a substituições nutritivas, a temperatura e a regeneração das lesões. A medicina hipocrática understandia que o médico devia honrar-se a agir como um servidor da natureza. (Homeopatia e Vitalismo, p. 31)

Comentando a evolução de um paciente, Hahnemann relata os efeitos prejudiciais que os *poderes da natureza* (força vital irracional) foram gradualmente forçados no produzir a *nirol interno*, na tentativa de restabelecer o equilíbrio orgânico.

"Sua [do paciente orgânico] R.H. recuperou seu tutto difícil localizar-se muito tanto profundamente, quer dizer, está no alegamento orgânico e nos efeitos materiais que os poderes da natureza foram gradualmente forçados a produzir no nível interno, mas partes mais delicadas do organismo, aquelas que são essenciais ao movimento e a sensação, com sumo de protegê-la e preservá-la contra os ataques violentos dos remédios alquímicos... Estas mudanças materiais e internas, no nível orgânico, produzidas pela força vital para salvar e preservar a cada dos tratamentos adubos e dos remédios errados e prejudiciais, impedem a livre e desimpedida manifestação dos membros por muito tempo depois que a força vital tiver conseguido dissolver e remover tais alterações" (Carta do Dr. Schreter de Lemberg 91:01.1829 Samuel Hahnemann: his life and work).

Na introdução à sexta edição do *Organon*, Hahnemann relata exemplos das *derivações* empregadas pelos médicos da escola dominante, justificando os esforços impróprios das *medicatrix ou força vital abandonada a si mesma* na tentativa de eliminar o distúrbio na saúde já instalado.

"Mas os novos adeptos da antiga escola não mais querem ser vistos como praticantes da expulsão das substâncias morbidas materiais em seus tratamentos. Eles explicam as numerosas e diversas erupções como um *método terapêutico* pelo qual a natureza do organismo doente empenha-se em ajudar-se, daí seu exemplo do elomerar a febre pela transpiração e pela urina, ou suprimir a pleurisia pelo sangramento do nariz, os sores e escaras inchados e outras doenças pelo rômulo, diareias e hemorrágias, as doenças articulares pelas ulcerações nas pernas, as inflamações de garganta pela sialização, etc., ou por meio de moléstias e de abscessos que a natureza faz surgir em partes do corpo distantes daquela que está afetada. Isso é um assunto no tratamento da maior parte das doenças: estar fazendo a melhor *ao limitar a natureza*, também trabalhando desafios, como prover a força vital abandonada a si mesma, provocando exatamente ou mesmo mantendo erupções por estímulos e heterogêneos mais fortes, distantes da fonte da doença e normalmente também concurvando, nos órgãos menos sensíveis estruturas morbidas a fim de, imediatamente, deslocar para lá o mal. Essa assim chamada derivação foi e continua sendo o principal método de tratamento da escola dominante." (*Organon*, 6^a ed., Introdução pp. 38, 39. HTI, 1996)

Reiterando a identidade entre *vis medicatrix naturae* e força vital, Hahnemann compara várias vezes a *natureza bruta e instintiva* com a força vital sujeita unicamente às leis orgânicas e incapaz de agir segundo a razão e a reflexão, diferenciando nitidamente a força vital desprovida de razão de espírito inteligente e racional.

"Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas com craves morbidas agudas e maldecidas, estava privando apenas a força vital manteradora da vida, abandonada a si mesma nas dobras e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre *les organes* do corpo, agindo unica e exclusivamente segundo tais seus órgãos, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão. Mais ainda: os maiores flagelos de nossa civilização terrestre, as ventelhas que originaram as numerosas doenças sob as quais penou a humanidade castigada há séculos e séculos pelos mesmos criaturas (pessoas sôfis, viciosa, a *força vital desprovida de razão* os admite no corpo sem hesitar, nem sequer capaz, todavia, nem de sentir o efeito de qualquer um deles, e muito menos, de remediá-lo do organismo, devendo-as, antes, propagar-se até que a morte, muitas vezes, após um longo e triste período de vida, fizer os olhos au safrador." (Organon, 6^a ed., Introdução, pp. 30 a 32, HFL, 1996)

Dai o inconformismo de Bahnemann ao ver a velha escola, que se dizia racional, imitando e assumindo a força vital irracional, *condutora cega*, como o grande modelo a ser seguido. Denominava o *raciocínio lógico e a livre reflexão* (princípio inteligente) como o maior dom de Deus conferido aos homens.

"Como é que a velha escola, que se intitula *racional*, pode, num empreendimento que exige tanto raciocínio, reflexão e juizo crítico, eleger esta força desprovida de razão como a unica e melhor instrutora? como uma condutora cega, mutuando seu refletir suas disposições indiretas e reacionárias nas doenças, mantendo-a como a única e mais útil a melhor em termos de engenhosidade, visto que, a fim de poder superá-la infinitamente no seu desempenho curativo, sua função conferida, para o bem da humanidade, aquela dom maior de Deus, o *raciocínio lógico e a livre reflexão?*" (Organon, 6^a ed.; Introdução, p. 32, HFL, 1996)

O parágrafo abaixo fala da prática dos médicos da velha escola, que além de imitar os *esforços curativos da natureza bruta entregue a si mesma (força vital)*, auxiliavam nas consequências dos mesmos, favorecendo as eliminações em geral (método empregado atualmente por práticas "naturalistas"), pensando com isso estarem agindo de conformidade com a natureza (*dóce natura*), honrando-se com o título de ministros da natureza (*ministri naturae*).

"Assim, enquanto a maioria dos médicos da velha escola em geral, tentando os esforços curativos da natureza bruta entregue a si mesma, punham em prática, a seu bel-prazer, semelhantes derivações supostamente práticas, quando alguma indicação identificada por sua mente os levava a isto, outros, que se compenetravam de um objecto ainda mais alto, punhavam-se diligentemente a favorecer os

esforços de auto-ajuda que a força vital logo se identificava nos casos de doença e que consistiam de eracuações e metástases antagônicas, através das quais tais derivações e eracuações, o fim de auxiliá-la, acreditando, com esse procedimento prejudicial, agir como duce remédio (sendo por isso a natureza), podendo haver-se com o título minister naturae (ser�entes da natureza) " (Irigaray, 6^a ed., Introdução, p. 41, IHF, 1996).

Utilizando a denominação '*força bruta automática da natureza*' para designar a força vital, reúne num só termo a *ris medicatrix naturae*, a força vital.

"A alopacia da velha escola não só superestimava muito tais esforços da força bruta automática da natureza mas também os falsificava completamente, considerando-as de malévolo, genericamente salutares" (...) Quando a força vital, nas doenças crônicas, parecia aplicar vale um aquele incômodo sistema de cíclado interior, através de uma erupção cutânea ámida, por exemplo, lá ia o seruidor da força bruta natural (minister naturae) aplicar sobre a superfície corporante um emplastro de cantharides na sua embreagem (broto), o fim de duce natureza retrair da pele arada mais a umidade, favorecendo e apurando assim, o intuito da natureza, a cura (por meio da retirada da matéria mortífcia do corpo)" (Irigaray, 6^a ed., Introdução, pp. 45, 46, IHF, 1996).

A citação a seguir exemplifica os métodos empregados pelos *minister naturae* para auxiliar a *força vital* do organismo *desprazada de inteligência* (*ris medicatrix naturae*) em seus esforços curativos, estimulando as eracuações e os esforços derivativos em geral.

"Na mesma ilusão de querer favorecer a força vital em seus esforços curativos, o ministro naturete, quando a força diciente da natureza compromete a sangue nas veias do reto e do útrus (hemorróida vaginal), aplicaria sangue-sangue (...) Em que se todos os casos em que a força vital diciente, para aplicar um padecimento interno perigoso, procuraria expelir sangue por meio de vomito, da expectoração, etc., apresentasse o médico da velha escola duce natureza, a prestar auxílio a tais esforços supostamente salutares da natureza, fazendo escutar abundantemente o sangue das veias (...) Em caso de náuseas crônicas frequentes, pensava-se estar auxiliando a intenção da natureza, provocar a fortes eracuações gástricas e habitualmente causaria constelação (...) Por vezes, para acalmar a doença interna, a força vital procura através de acesso fríos nas glândulas exteriores e vice ére auxiliar as intenções da natureza como seu devidado seruidor, ao aplicar na inflamação toda sorte de frappes abrasivas e emplastos, o fim de abrir a pustula madura por meio de incisões (...) E como ele muitas vezes observava em casos de doenças crônicas breves milhares de grandes sofrimentos por meio de suores rotulados espontâneos ou de varias eracuações líquidas, acreditava o cético, estar em condições de seguir este rumo da natureza ilude natureza e de ser falso curá-

faz por meio da produção e manutenção de tratamentos sudoríacos completos no seu emprego durante anos, de hemáticos chamados suaves, a fim de fortalecer e multiplicar segundo seu raciocínio aqueles esforços da natureza [da força vital do organismo desgarrada de intelectualidade]" (Organon, 6^a ed., Introdução, p. 46, 47 BHT, 1996)

Na mesma linha do pensamento anterior, diz constituir os *esforços de expulsão realizados pela força vital doente a favor da doença*.

Tam raro que dessa opinião preconcebida, embora sem fundamento, prossegue o médico da velha escola sua contribuição aos esforços de expulsão realizados pela força vital doente, multiplicando tais demissões e evacuações do paciente, nunca atingindo um fim profícuo, mas somente levando a ruína, sem dar se conta de que todos os males higia, evacuações e esforços de curas aparentes, empreendidos e mantidos pela força vital entregue a si mesma e desqurida de razão, com o fito de analisar o enfermigo crônico original, constituem, justamente, a própria doença (Organon, 6^a ed., Introdução, p. 48, BHT, 1996)

Em vista das citações acima, clara está a identificação da *vis medicatrix naturae* com a força vital, que, por ser irracional e totalmente sujeita às leis orgânicas do corpo físico, necessita de um comando inteligente para atuar, frente às alterações da saúde, de forma coordenada e benéfica.

CAP. II

Força Vital Instintiva, Automática, Conservadora

S. Hahnemann

No escrito menor *Valor dos Sistemas em Medicina*, Hahnemann fala da propriedade da força vital de unir e animar as partes do corpo humano, afastando-o da natureza material através de ações automáticas (não-inteligentes), sendo difícil representar a força vital como *non ser aparte* do corpo físico vivo:

"... o que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um organismo tão admirável, o que as obriga a condizer-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e impõe a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como *non ser aparte*" (*Valor dos Sistemas em medicina*, 1808, *Opusculos de Hahnemann*, p. 134)

A reação do organismo vivo às *leis que governam a matéria morta* ocorre através do *antagonismo vital*, que permite através de seu *poder automático* reagir às agressões que desarranjam seu equilíbrio global. O termo "espirritual", que surge pela primeira vez no referido texto, deveria assumir o significado de "não-material" nas traduções da época, assim veremos a seguir.

"... Não, nosso organismo não pode se comportar pacificamente, ele não está sujeito às leis que governam a matéria morta, ele responde por antagonismo vital de mudanças contingentes"

se como um medicamento global a seu desarranjo mórbido e permitir que este se extinga no seu interior quando uma afecção similar com um modo semelhante, produzida pelo seu medicamento homeopático, temesse dele. Talvez que nesse desarranjo mórbido é o seu organismo curado, o qual com seu poder automático expelle de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) significa que o poder mais forte do medicamento homeopático produz sobre uma outra afecção similar semelhante". (O Espírito do Domínio Medicina Homeopática, INTJ, Revista de Homeopatia, pp. 68-69)

A seguir, Hahnemann descreve as propriedades da força vital (*vis medicatrix*), como *instintiva, irracional, irrefletida*, destituindo-a de qualquer atributo de inteligência, e sujeita às *leis orgânicas do nosso corpo*, relacionando-a ao corpo físico como uma unidade inseparável. Sua capacidade instintiva é automática de manter as funções e sensações do organismo em condições perfeitas, só ocorre na condição de saúde, sendo que ela não possui a capacidade de restaurar o equilíbrio perdido, pela ausência da razão, quando sua integridade for prejudicada por influências nocivas externas.

"*Essa natureza (vis medicatrix), cuja auto-ajuda a escala médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, é única digna de admirar-se, sendo meramente a sabedoria materialista do bom senso, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou que mantivesse as funções e sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas; desde que o homem continue em boa saúde, mas não for destinado para boa restauração de saúde, uma vez perturbado ou perdida. Poi, temos nossa força vital sua integridade proporcionada por influências nocivas de forma, enfraqueça se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adi-critico (disease) por processos revulsivamenteiros".* (...) *Não entremos na história de todos os tempos cientes dessa perfeição, dessa não-nova insuficiência das esforças cegas da força vital, instintiva e irrefletida, mas tentávulas de auto-medição nas doenças, não avançaram tanto, não se empenharam tão zelosamente em ajudar a força vital a恢复其, tão impotente para ajudar se eficientemente".* (Organon, Prefácio a Quarta Edição, 1829)

Quando confrontamos a energia do medicamento homeopático semelhante à energia vital desequilibrada, provocamos uma reação vital instintiva, tornando-a mais forte e poderosa contra o distúrbio original. Este processo ocorre de forma autómatica, resultado da interação entre duas energias de mesma natureza e de tipos semelhantes.

"Mas se nós, médicos, formos capazes de mostrar e de opôr a esta força vital instintiva seu primigo turbilho aumentado, por assim dizer, pela ação dos

medicamentos homeopáticos (...) , em poucos abragamos e compelimos esta força ; isto insinua a aumentar gradualmente suas energias, cada vez mais, e, finalmente, a alcançar um tal nível que se torne bem mais poderosa do que a doença original " (Doenças Crônicas. Profética, no Quarto Volume, 1838, p. 29)

Condizendo com os atributos "irracional e irrefletida", Habermann caracteriza a energia vital bruta em *automática* (*força bruta automática da natureza*), *desprazada de razão e incapaz de reflexão e de critério*:

" (...) mantendo irrefletidamente a energia vital bruta automática e desprazada de razão, apela as partes e órgãos não-afejados, impingindo-lhes uma dor mais forte, ou como é mais frequente, compelindo à evacuação com regularidade das forças e humoros (...) " (Organon, 6^a ed., Introdução, pp. 22, 13, HFL, 1996)

" (...) tais procedimentos da força vital energética parecem desprazadas de razão e incapazes de reflexão e de critério, não conseguem ter a ordem de cura (...) " (Organon, 6^a ed., Introdução, p. 45, HFL, 1996)

" (...) sem mediar como é irracional querer viver e incentivar esses esforços tão importunadores, na maior parte das vezes, traduzentes de força vital puramente instintiva e irracional, que se incorporam em nosso organismo a fim de, enquanto ele se encontra sadio, proporcionar à noça ruda um curso harmonioso, não, porém, a fim de curar-se e se curar das doenças. Se ela possuisse essa capacidade nunca permitiria que o orgulhoso adivesse" (Organon, 6^a ed., § 22, nota, HFL)

Como outro atributo, temos a **capacidade conservadora** da força vital que, através de mudanças morbosas nos órgãos (metástases), procura *afastar o perigo das partes indispensáveis à vida*, afastando de nosso organismo as ameaças hostis (medicamente-as ou não).

" (...) estabeleça a força vital conservadora, que está sempre atuando em reação, jamais deixar de procurar separar a preparação que estes frequentes ataques ocasionaram à própria vida por meio das mudanças morbosas que determinam novas reações. Evitar a utilidade de tudo que dela forma mata sentido e doloroso, dominar a do outro, que se torna necessária e se impõe, tirar a irresistibilidade de certas partes, e até as paroxysmas em seu fulgore, prover talvez mudanças morboas no fôlego e no moral do corpo, quando sejam necessárias para afastar o perigo e que a vida está exposta pelas ataques brutais das drogas continuamente rebentadas do medicamento, ou seja que fomenta em salinaria tanta multidão de disorganizações e de organizações patológicas, que são outras tantas desordens internas e externas permanentemente atuando (...) Do mesmo modo, a força vital incessantemente ocupa-se na conservação do nosso organismo (...) " (A. Abrebar, 1831, Opuscúlos de Habermann, p. 198)

" (...) porque só é certo que somente a força vital conservadora pode dar origem em nós a mudanças orgânicas duradouras para preservar a vida (...) " (A. Abrebar, 1831, Opuscúlos de Habermann, p. 206)

"... Assim também, quando a natureza entregue a si mesma, não necessitará de seu mal crônico que ameaçam a vida, não sabe ajudar-se sem a ocorrência de sintomas locais externos, a fim de apartar a força das partes indisponíveis à vida (metástases), tais procedimentos da força vital encravada, possam despertar da razão e incapaz de reflexão e de critério, não conseguem uma verdadeira ajuda ou cura, sendo meras e políticas suspensões efêmeras do prudencimento interno com desprendimento de uma grande parte de humores e força." 1 A Abertura da velha escola não só impregnava muito tão infusões da força vital automática da natureza, mas também "i) sabia a completamente". (Organon, 6^a ed., Introdução, p. 45. HFL, 1996)

"... é mesmo que esse meio livre localmente o corpo da úlcera maligna, o mal fundamental desse mundo, não será em nada dominado, tornando-se necessária que a força vital conservadora da vida transfira a sua do grande mal interno para o local ainda mais importante (como o faz em todas as metástases), produzindo desse modo cura, cura, cura, cura, cura suficiente, hidropisia, apoplexia etc." (Organon, 6^a ed., § 205 nota. HFL.)

O corpo físico, sem a força vital conservadora, deixá de ser uma unidade viva, atingindo a morte e retornando às leis materiais da decomposição.

"O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação." 1 Ele está morto e submetido apenas ao poder do mundo físico exterior, apodrecendo e se decompondo naturalmente com suas componentes químicas." 1 (Organon, 6^a ed., § 10. HFL.)

Altravés das propriedades acima descritas, vemos que a força vital instintiva e autonômica, possui o papel de manter o organismo em equilíbrio, desde que impere o estado de saúde, não conseguindo o mesmo quando dele se afasta. Nestas tentativas de conservar a vida em equilíbrio, por não possuir o atributo da inteligência, causa sérios danos ao organismo. O organismo físico, sem a força vital, é incapaz de qualquer sensação ou atividade, não possuindo nele mesmo a capacidade de autoconservação, ocorrendo a morte e a decomposição.

CAP. III

Força Vital Orgânica - Composto Substancial Corpo Físico - Princípio Vital

S. Hahnemann

Como vimos anteriormente, Hahnemann atribuía à força vital a capacidade de unir e animar as partes do corpo humano através de ações automáticas, afastando-as da matéria inanimada. Deste modo, o corpo físico e a força vital são encarados como uma unidade substancial.

"... O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um organismo, é o admirável e contínuo de seu modo tão diretamente contrário a sua primária natureza física ou química, o que as anima e impõe a lei surpreendentes ações automáticas; enfim, esta força fundamental não pode representar-se como son ter aparte" (*Liber dos Sistemas em Medicina*, 1808, *Opuscritos de Hahnemann*, p. 134).

A distinção entre princípio vital (vitalidade) e princípio inteligente ou espírito (*força intelectual*), é nítida desde o inicio de suas obras, permanecendo até a sexta edição do *Organon* como veremos adiante. Em *Valor dos Sistemas em Medicina*, Hahnemann diferencia nitidamente a unidade corpo-físico-força vital (*a vitalidade do corpo organizado*) do espírito racional que o dirige (*força intelectual que atua dentro dele*).

"Nenhum mortal conhece o substrato da vitalidade, ou a disposição interior a priori do organismo vivo. Nenhum mortal pode aperceber-se de semelhante objeto, nem

ainda sequer descobrir sua sabedoria...). Durante os dois mil anos em que os homens têm se ocupado de filosofia e medicina, nem se deu a menor força no conhecimento e priori da vitalidade do corpo organizado, nem da força vitalista que atua dentro dele." (Valor dos Sistemas em Medicina, 1898, Apêndice de Hahnemann, p. 135)

Ao atribuir à alteração mórbida da força vital a causa das doenças (*sensibilidades e funções vitais alteradas*), a qual promove mudanças nas *propriedades das partes materiais componentes do corpo*, fala-nos dos disôntrios na unidade corpo físico-força vital (*condição morbilmente alterada do ser vivo como um todo*). Nas perturbações dinâmicas ou imateriais (*semelhante à espiritual*) encontramos as causas das doenças, que desarranjam os *órgãos de mais alta hierarquia e da força vital*. Ao imaginartermos os "órgãos da força vital" pensamos numa réplica energética dos órgãos e do corpo físico, que acompanha toda a materialidade orgânica, assim como a matéria nuclear do átomo (prátoms, nêutrons, etc.) é envolvida pela imaterialidade das camadas de elétrons à *unidade alterada (funções anormais)* de cada órgão relaciona o *desarranjo da força vital* e à *sensação alterada (inquietude, dores)*, relaciona o *desarranjo dos órgãos de mais alta hierarquia* que, como veremos adiante, são análogos ao conceito de *órgãos psíquicos ou mentais (Intelecto)*.

"...a doença, consiste em uma condição alterada originalmente alegreias nas suas sensibilidades e funções vitais...; uma condição alterada dinamicamente, por outro lado de ser alterado, de qual ocorre mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição morbilmente alterada do ser vivo como um todo, em todo caso individual... As causas existentes das doenças agem, melhor dito, por meio de suas propriedades essenciais no estado de nossa vida (em nossa saúde), apenas de nossa mancha dinâmica - semelhante à espiritual e sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem, a partir deste estado de desordem, a partir da alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietude, dores) e aderdade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente." (O Espírito da Domínica Médica Hahnepolitca, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)

Inferindo ao organismo vivo o poder automático e irracional de expelir um desarranjo dinâmico, correlaciona-o à unidade orgânicov-vital. Aqui o termo *espiritual* assume conotação de dinâmico, imaterial, como duo anteriormente.

pois a energia do medicamento homeopático (semelhante ao desequilíbrio da força vital orgânica) traz a tem de espiritual, no sentido do *espírito dotado de razão*. Dizendo que *algo parecido acontece na mente humana*, vemos um processo semelhante ocorrendo em outra instância do ser humano, diferente da unidade físico-vital.

"Tal ser que nutre de seu mundo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático capela de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma afeção muito semelhante; ou, em outras palavras, considerando a unidade da vida, não pode sofrer ao mesmo tempo dois desarranjos gerados simultaneamente, mas deve descartar a afeção dominante permanente (doença), sempre que é atuado por um segundo poder dinâmico (medicamento) mais capaz de desarranjá-lo". I. Algo parecido acontece na mente humana" (O Esporte da Doutrina Médica Homeopática, 1853, Revista de Homeopatia, p. 629)

Hahnemann correlaciona diretamente o corpo físico com a força vital, dizendo que *meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo*. Une de forma clara e simples a força vital à constituição orgânica:

"... É essa natureza, cujo auxílio auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de manter-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo". I. A força vital produz, repito de acordo com as leis da constituição do organismo a que está sujeito" (Organon Prefácio à Quarta Edição, 1829)

Abordando a cura das doenças através dos medicamentos homeopáticos, explica que, *por si, este princípio vital - constituindo se a penas numa força vital orgânica, só está destinado a preservar um corpo saudável, não conseguindo opor uma força maior ao inimigo mórbido invasor*:

"... É a força vital orgânica do nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos. Só ligo seja fornecida por meio de remédios (homeopáticos) certos para alcançar a vitória. Na realidade, esta força não teria sido capaz de vencer sem tal auxílio, pois nossa força orgânica vital, considerada isoladamente, só é suficiente para manter a fluidez de um grande d'água, enquanto o homem não é afetado de forma mórbida pelo funcionamento adverso de forças causadoras de doenças". I. Por si, este princípio vital - constituindo se apenas numa força vital orgânica destinada a preservar uma saúde não perturbada - oferecendo uma débil resistência ao inimigo mórbido invasor". I. Esta força, para que não protege de danos a si própria, não é capaz, nem criada e nem destinada a

resistência maior (overcoming).⁷ *Obras Críticas, Prefácio ao Quarto Volume, 1898, pp. 28-29.*

Na Introdução à sexta edição do *Organon*, refere-se inúmeras vezes à relação resultante da força vital com o corpo físico, dizendo estar *assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo rítmica e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, apenas segundo uma disposição física do nosso organismo e não sendo capaz de atuar segundo a razão, o raciocínio e a reflexão.*

"Elas (velha escola) viveram estando seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises morbidas agudas e moderadas, estando limitado apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexo e que assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo rítmica e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão." (*Organon, 6^a ed., Introdução, pp. 40-41, HFL, 1996*)

"Entretanto, a força vital, capaz de atuar por si mesma apenas segundo uma disposição física de nosso organismo e não segundo o raciocínio e a reflexão" (*Organon, 6^a ed.; Introdução, p. 49, HFL, 1996*)

Chega a comparar os esforços insuficientes de auto-defesa da força vital à alergia, por atuarem segundo *uma disposição orgânica de nosso corpo e não segundo uma reflexão intelectual*:

"... Tal auto-defesa da força vital, combatendo uma doença aguda apenas segundo uma disposição orgânica de nosso corpo e não segundo uma reflexão intelectual, é, na maior parte das vezes, uma espécie de alergia! ... Em uma podaria todo processo de auto-defesa do organismo, nas doenças que o afetam, mostra um obstrutor cada vez de maior intensidade, cada vez que ele passar ou deve impedir o fluxo de entrar a verdadeira arte de cura." (*Organon, 6^a ed., Introdução, p. 43, nota 18, HFL, 1996*)

No décimo parágrafo do *Organon*, deixa explícita a **unidade substancial entre corpo físico e força vital**, que é reforçada no décimo quinto parágrafo da mesma obra:

"O organismo material pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer utilidade, nem de autopermanência!" (* Ele está morta e submetida a forças no poder do mundo físico exterior, apodrecendo e se decompondo notavelmente em suas componentes químicas! (*Organon, 6^a ed., § 10, HFL*)

O sufrimento das bactérias de tipo não material (força vital), animadora de nosso corpo, afetada morbidamente no interior em nível e o conjunto das virtudes externamente observáveis e por elas dispositas no organismo e representando o mal existente, constituem um todo, sólida, única e mesma realidade. Sendo, porém, o

organismo o instrumento material da vida, ele é também inconcebível sem a animação [vida]. Daí os instintos e sua sensoria e regularização tanto quanto a força vital se for o organismo, consequentemente, ambos constituem uma unidade, embora, em pensamento, nós a separemos em dois conceitos, a fim de facilitar sua compreensão." (*Organon*, 6^a ed., § 15; HFL)

Este último parágrafo é citado erroneamente como exemplo do vitalismo hahnemanniano embasado no pensamento aristotélico-tomista, inferindo-se que o mesmo justifique o composto substancial entre o corpo físico e a alma, prerrogativa básica da concepção monista. A unidade que aqui existe, assim como em toda a obra de Hahnemann, é do corpo físico com a força vital, instintiva, irracional, incapaz de agir segundo a razão e a reflexão (atributos estes do espírito ou princípio inteligente humano), ou ainda se o preferirem, unidade do corpo físico com a *vis medicatrix naturae*. Adiantando-nos aos fatos, para Hahnemann, o espírito humano possui identidade própria e diferencia-se da unidade corpo físico-força vital.

Citamos outros parágrafos do *Organon*, donde a mesma concepção orgânico-vital é transmitida, com o intuito de demonstrar inconteste o pensamento de Hahnemann sobre o assunto em questão, cientes de estarmos sendo repetitivos:

"... os infusores tão imperfeitos e, na maior parte das vezes, inadequados da força vital meramente instintiva e irracional que se incorporam em nosso organismo a fim de, enquanto elas se encontram sadias, proporcionar à nossa vida um curso harmônioso" (*Organon*, 6^a ed., § 22, nota; HFL).

"... Contudo, o afeição local nula mais é de que uma parte da doença geral, mas que, parcialmente alimentada pela força vital orgânica, foi transferida para um local (externo) menos perigoso do organismo a fim de amenizar o fadocimento interno." (*Organon*, 6^a ed.; § 291; HFL).

"... A influência dinâmica local sobre o princípio vital constitui a essência destes sintomas externos dos enigmáticos malginos internos que só se pode extinguir pela ação de um medicamento homeopático sobre o princípio vital, afetando a mesma de forma semelhante porém mais forte, privando-a de tal modo da sensação interna e externa do intuito mórbido de tipo não material, que já não mais existe para o princípio vital (para o organismo), libertando, assim, o doente de seu mal curando-o." (*Organon*, 6^a ed., § 282, nota; HFL).

CAP. IV

Força Vital Imaterial, Dinâmica, Invisível, Espiritual

S. Hahnemann

Ao iniciarmos este tópico, faz-se necessário alguns esclarecimentos, que muito auxiliarão à compreensão futura.

Devido à discordância de alguns tradutores, justificável por diferenças da língua alemã na época de Hahnemann e nos dias atuais, associadas a traduções de traduções em diversas línguas, o termo "espiritual" pode assumir conotações diversas como veremos a seguir.

Segundo justificativa citada no *Organon* traduzido pelo I.H.E.L., obra criteriosa e executada com extremo rigor, o termo "geistartig" não é usado no alemão atual *Hahnemann usou-o com muita frequência, querendo dizer "de tipo não-material", para diferenciar a força vital do corpo, segundo a concepção de materialia que podia ter na época. O termo espiritual pode ter conotações religiosas, eclesiásticas e outras, não sendo o mais adequado para o texto.*

Na obra *Homeopatia e Vitalismo*, encontramos explicação semelhante:

"Estas fórmulas, segundo Hahnemann, seriam representadas, por sua imaterialidade (immaterialien), fundamentada na expressão original *geistartig* utilizada no parágrafo 9 do Organon que Boericke traduziu por spiritual vital force um força vital espiritual. Também no parágrafo 15 do Organon encontramos uma outra palavra, *geistartigen*, traduzida por Dudgeon como spirit-like e que se aproxima mais em português a como espírito" (*Homeopatia e Vitalismo*, p. 91)

Analizando o termo "espiritual" encontrado em algumas traduções, observamos que ele é utilizado com o significado de "imaterial", segundo o contexto geral. Assim o é na referência abaixo, donde se emprega o termo *espiritual* para designar uma propriedade do medicamento homeopático que como já dissemos, em nada se relaciona às propriedades do espírito humano inteligente, a não ser com a imponderabilidade do mesmo. Além disso, é análoga com a vitalidade instintiva e irracional desse acta qualquer propriedade racional.

"Esta ação dinâmica dos medicamentos é quase inteiramente espiritual, como a mesma vitalidade, que se refaz sobre o organismo." (A Medicina da Experiência, 1805; Opuscritos de Hahnemann, p. 280)

Discorrendo sobre a *vida humana*, Hahnemann diz que a substância material do organismo vivo, em suas combinações vitais, não segue as mesmas leis que regem as substâncias inanimadas, sendo reguladas por *leis peculiares à vitalidade*, que não estão sujeitas aos parâmetros da química e da física.

"Os principios pelos quais explicamos outras condições são implicados a exploração da vida humana - assim como à sua dupla condição: saúde e doença (...) A vida humana não é de forma alguma regulada por leis puramente físicas, que prevalecem somente entre as substâncias inanimadas. As substâncias materiais das quais se compõe nosso organismo já não seguem, em suas combinações reais, as leis às quais se submetem as substâncias na sua condição inanimada. elas são reguladas pelas leis peculiares, sujeitas à vitalidade: elas são animadas e vitalizadas, seguem como o sistema como um todo é animado e vitalizado. Neste domínio reina igualmente um poder fundamental e sem nome: o qual abala toda a tendência que tem as partes do corpo a obedecer às leis da gravitação, do movimento, das vis intuições (força da memória), da fermentação, da nutrição etc., e as modifica na condição de sensibilidade e elas abalo necessária à preservação da ser vivo como não pode uma condição quase espiritualmente dinâmica." (O Espírito da Doutrina Móderca Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, pp. 65-66)

A doença consiste numa alteração das sensibilidades e funções vitais, sem qualquer consideração química ou mecânica, causada por influências morbificas materiais e imateriais dinâmicas como *espirituais*, que desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, causando sensação alterada (inquietação, dores) e atividade alterada (funções anormais) dos órgãos físicos, com alterações dos fluidos em nossas casas e produção de secreções anormais.

"Então, como a condição do organismo e sua saúde depende somente da saúde da vida que o anima, da mesma forma conclui-se que a saúde alterada, que denominamos doença, consiste em uma condição alterada orgânicamente apenas nas suas sensibilidades

e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica, em resumo, é considerar se em uma condição alterada dinamicamente um outro modo de ser, através da qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição morbilmente alterada do ser vivo como um todo, em todo caso individual. Além disso, a influência dos agentes morbígenos materiais é geralmente tão intensa e tão material, que é impossível que possa mecanicamente causar distorção ou desarranjo às partes componentes de nosso corpo, em sua forma e substância. (...) As causas evitantes das doenças agentes (...) apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de maior alta libertadura e da força vital, ocorrem a partir desse estado de desarraigo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (função), dor e atração alteradas (funções materiais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente. Assim, deve ocorrer necessariamente, como consequência, a alteração dos fluidos em nossos tecidos e produção de secreções anormais - a incribil e consequência do caráter vital alterado, que agora difere do estado de saúde" (*O Espírito da Dualista Medicina Homeopática*, 1813. *Revista de Homeopatia*, p. 66).

Sendo as doenças alterações dinâmicas, imateriais do princípio vital orgânico, que se refletem no físico através de um conjunto de sintomas (sensações e funções alteradas), *nada a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado*. Mais uma vez, as sensações e funções alteradas são exemplificadas como sintomas observáveis pelos nossos sentidos físicos.

"Por isso, é óbvio que as doenças descobertas pela influência dos agentes morbígenos podem ser originalmente apenas desarranjos dinâmicos causados quase apenas (por um processo espiritual) do caráter vital de nosso organismo. Prontamente perceberemos que estes desarranjos dinâmicos do caráter vital de nosso organismo que nós chamamos doenças, nada mais que elas são nada mais que sensações e funções alteradas, podem também expressar a si mesmas por nada mais a não ser um conjunto de sintomas, e apenas assim elas são reconhecíveis aos nossos recursos de observação. Bem, em uma profissão de tal importância para a vida humana como a medicina, *nada a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado*, e deve gerar nossos passos teórico, conjectural e hipóteses ademonstrativas como novas para, poderia ser uma tolice perigosa e, de mais a mais, um crime e traição contra a humanidade" (*O Espírito da Dualista Medicina Homeopática*, 1813. *Revista de Homeopatia*, p. 66).

Do mesmo modo, os medicamentos homeopáticos curam as doenças, através do mesmo poder dinâmico (imaterial), como

espiritual) de alterar o caráter vital, dinâmico (automático, imaterial, de um mundo espiritual) de nosso organismo.

"Estas substâncias ativas e poderes (medicamentos) que temos a nosso serviço efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado atual de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções" (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 66)

"Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo raro, o qual com seu poder automático expelle de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma outra afecção muito semelhante". I logo, apenas a menor dose dele é necessária e útil para a cura, isto é, para alterar o organismo doente em direção à doença medicamentosa semelhante; e uma dose maior não é necessária para este propósito, porque o poder espiritual do medicamento nestas circunstâncias não atinge seu objetivo por meio de quantidade, mas por potencialidade e qualidade (aptidão dinâmica, homeopatidez)". (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 69)

Novamente encontramos a citação do termo *espiritual* sendo utilizado para designar a energia dinâmica, invisível e imaterial dos medicamentos homeopáticos, não sendo admissível a natureza inteligente e racional do significado metafísico

"(...) Negam só! O poder dinâmico e espiritual de alterar a saúde do homem, poder recôndito no íntimo invisível dos medicamentos e nunca manifesto para o verdadeiramente sábio profissional, no homem são". (Organon, Prefácio à Segunda Edição, 1818)

Da mesma forma, para adjuivar o princípio vital imaterial, automático, instintivo e incapaz de qualquer atividade racional e reflexiva. O termo correto seria, como dissemos no inicio deste capítulo, "não-material".

"O fundo ou essência fundamental desse princípio é da espiritual, conferido a nós homens pelo Criador infundamente misericordioso, é incrivelmente grande, se nós médicos, entendermos de que modo manter sua integridade nos períodos de saúde, encaminhando os homens para um modo de vida saudável, e de que modo encárcalo e intensificá-lo na doença, através de um tratamento puramente homeopático." (Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume - 1838)

Enfatizando o raciocínio anterior, como imaginar a ação *espiritual* (inteligente) de uma dinamização homeopática sobre a nossa fibra irracional e sensível.

se sabemos da fúria de reação automática, irracional, instintiva do nosso princípio vital sob influência da mesma?

"Dynamizações homeopáticas são processos pelos quais são despertadas as propriedades medicinais, latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o qual tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual em nossa vida, isto é, sobre nossa fibra irritável e sensível." (Doenças Crônicas, Prefácio do Quinto Volume, 1839)

O miasma da Psora, como uma manifestação "meio-imaterial", atua como um parasita na constituição "meio-física" e "meio-dinâmica" (imaterial) da unidade orgânico-vital humana.

"Dai parece ter ocorrido que este miasma meta-espiritual (Psora), o qual como um parásita busca enriquecer sua vida basta no organismo humano e a confirmar ali sua existência (. . ." (Doenças Crônicas, 1828, Os Medicamentos, p. 179)

Nos parágrafos a seguir, encontramos duas denominações para a força não-material (dinâmica) que anima o corpo físico: "**força vital**", para designar a energia ou a força em si mesma, e "**princípio vital**" ou "**Dynamis**", para designar uma unidade desta força que envolve todo o organismo, como um "**ser imaterial**" (como se fosse um "**corpo vital**").

"(. .) Ela pode facilmente convencer a todos que têm capacidade de reflexão que as doenças dos Homens não reposam sobre qualquer substância, qualquer acridade, isto é, qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano (o princípio vital, a força vital)." (Organon, Prefácio à 6ª ed., p. 21; IHFL, 1996)

"(. .) Mesmo quando o menor estílbio atinge nossas partes sensíveis, a preceção vital, omnipresente em nosso corpo, não descarisa até notavelmente desalojá-lo por meio da dor, febre, supuração ou gangrena" (Organon, 6ª ed.; Introdução, p. 36; IHFL, 1996)

"No estado de saúde do individuo reina, de modo abundante, a força vital de tipo não material (Autocratice) que anima o corpo material (Organonico) como Dynamis, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções" (Organon, 6ª ed., § 9, IHFL)

"O organismo material, pensando sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação, somente o ser imaterial (princípio vital, força vital), que anima o organismo no estado saudável ou doente. Isto confere toda sensação e estimula suas funções vitais" (Organon, 6ª ed.: § 10; IHFL)

"Somente a força vital maravilhosamente astuta produz as doenças, de modo que ela se exprime no fenômeno mórbido perceptível aos nossos sentidos, simultaneamente

a toda alteração interna; isto é, a toda distinção morbida da Dynamis interna, revelando toda a doença" (Organon, 6^a ed., § 12, III).

"I. é como algo arrestando do conjunto todo do organismo e da Dynamis que o anima, internamente oculta" (Organon, 6^a ed., § 13, III).

"I. é a fim de, com esse procedimento reanimar o princípio vital, de modo que a reação desse restabeleça o fluxo dos músculos e dos rios sanguíneos e linfáticos" (Organon, 6^a ed.: § 296, III).

Explicando a *influência dinâmica e a força dinâmica*, caracterizando tais efeitos de dinâmicas, virtuais, fica clara a concepção habermanniana de oposição ao que é material e mecânico, comparando-os à força de um imã que atrai um pedaço de ferro, como uma força invisível que dispensa qualquer meio material para atuar, *uma força pura, imaterial, invisível, de tipo incorpórea*.

Quando o homem adoece é sempre porque, originalmente, essa força de tipo nem material presente em tudo o organismo, essa força vital de atração própria (princípio vital) foi afetada através da influência dinâmica⁴ de um agente miasférico, babilé rufo, (...) ("O que é influência dinâmica, força dinâmica") Somente o Homem culto, apto à comparação e à abstração, tem capacidade para formar uma espécie de idéia transcendental que baste para manter longe de seus pensamentos tudo o que é material e mecânico na concepção de tais conceitos: ele chama tais efeitos de dinâmicas, virtuais, isto é, efeitos que resultam de um poder e ação absolutos, específicos, puros de sua substância sobre a outra. Assim, por exemplo, a ação dinâmica das influências miasféricas no Homem saudável, bem como a força dinâmica das miasas rufulas sobre o princípio vital a fim de tornar o Homem ruivamente ruivo, nada mais é do que contagio, não sendo absolutamente material nem absolutamente mecânica, assemelhando-se à força de um imã quando este poderosamente atrai um pedaço de ferro ou aço que esteja perto dele (...) Essa força é irreal, dispensa qualquer meio material mecanico (material), qualquer gancho ou alavanca, para atrair o ferro. Ela o atrai e age sobre ele ou sobre uma agulha de aço por meio de uma força pura, imaterial, invisível, de tipo incorpórea própria, isto é, comunicando dinamicamente à agulha de aço a força magnética de natureza qualitativamente mesma el dinâmica." (Organon, 6^a ed., § 11, nota, III).

Analizando os textos acima, clara está a noção de uma força imaterial, incorpórea, invisível, sem qualquer ligação com o modelo materialista-mecanicista, reagindo com forças semelhantes, seja no contágio morbosso, seja na atuação das potências medicamentosas. O termo espiritual, conforme observamos, demonstra a **imaterialidade** em questão, não denotando qualquer sentido metafísico nas referidas citações.

CAP. V

Força Vital, Magnetismo, Mesmerismo e outras Potências Medicinais Dinâmicas

S. Hahnemann

Desde o inicio de seus escritos, Hahnemann, como observador isento de preconceitos, nota a atuação de outras forças no corpo enfermo. Esta como tal, *a força berônica do magnetismo animal, influência imaterial de um corpo humano vivo sobre outro*, comparando sua atuação às doses mínimas dos medicamentos homeopáticos. O mesmo ocorrendo com a *aplicação de uma barra de ferro instantânea e do contato com outros metais*.

A sensibilidade de um corpo mundo enfermo para as estimulações medicinais está elevada em muitos casos a tal ponto, que se i é que atuam sobre este corpo, e que começam a exercitá-lo, potências cuja existência quase chegam a negar porque não produzem nenhum efeito sobre o homem sôb, nem em algumas enfermidades que não têm relação com elas. Citarei aqui, como exemplo, a força berônica do magnetismo animal, dessa influência imaterial de um corpo humano vivo sobre outra, que se exerce em certos modos de contato ou quase-contato, e produz uma circulação tão energica sobre as pessoas em que uma constituição delicada e uma grande sensibilidade tornam-as muito dispostas, tanto às emoções vivas quanto aos movimentos que resultam de uma instabilidade muscular muito desenvolvida. Esta força animal não se mostra em nada entre pessoas robustas e sôb, não porque não excede senão porque é muito mais débil para poder ou dever manifestar-se entre pessoas sôs, enquanto muitas vezes atua com demonstrável intensidade nos

estados morbosos da sensibilidade e da irritabilidade, como igualmente o fazem doses mínimas de outros medicamentos curativos num sujeito muito enfermo. O mesmo ocorre com a aplicação de uma barra de ferro imantado e do contato com outros metais, cujos efeitos medicinais são absolutamente insensíveis no corpo dotado de saúde." (A Medicina da Experiência, 1805, Opuscritos de Hahnemann, pp. 76, 77)

Continuando, fala da *potência medicinal do calor e do frio*, com a diferença de não ser *ão exatamente dinâmica como a de outros medicamentos*, devendo ser usada em grande intensidade para que surta um efeito rápido. Juntamente com a eletricidade, o magnetismo animal, a ação das barras imantadas e o contato com metais, pertence à *categoria das excitações medicinais mais difusíveis*, não sendo detidas pela epiderme.

"Só a potência medicinal do calor e do frio parece que não é tão exclusivamente dinâmica como a de outros medicamentos. Quando se empregam estes dois agentes como remédios positivos, a menor dose possível não basta para produzir efeito. É preciso que as doses sejam usados em altas doses, ou seja, que tenham uma grande intensidade, com se quiser que sua ação saudável ocorra rapidamente (...) O calor e o frio pertencem, com a eletricidade, a categoria das excitações medicinais dinâmicas mais difusíveis. A epiderme não pode, nem deve tentar, nem deter sua ação, prontamente porque esta membrana lhes serve com certo mundo de condutor e de veículo. O mesmo ocorre, sem dúvida, o respeito do magnetismo animal, da ação medicinal das barras imantadas, e em geral da potência exercida pela aplicação dos metais no exterior. O galvanismo parece que penetra com um pouco menor de facilidade através da epiderme." (A Medicina da Experiência, 1805, Opuscritos de Hahnemann, pp. 81, 82)

Em Doenças Crônicas. Hahnemann ensina o que é mesmérico calmante para aliviar processos intensos de irritação após a administração seguida e sem critério de vários remédios antipsóoticos, donde medicamento *algum dia ou demonstra seus efeitos*, podendo até agravar o quadro em questão:

"Depois o paciente naturalmente entra num tal estado de irritação que, como dizemos, medicamento *algum dia ou demonstra seus efeitos* e de tal modo que o poder de resposta no paciente corre perigo de acender bruscamente e escapar à menor dose subsequente de medicamento. Num caso assim, não há qualquer benefício adicional a ser extraído do medicamento, mas pode mostrar-se útil um toque mesmérico calmante efetuado desde o alto da cabeça (onde ambas as mãos espalmadas devem responder durante um momento abruptamente) e lentamente deslizando para baixo sobre o corpo, passando pela garganta, membros, braços, mãos, joelhos e pernas, até chegar aos pés e arrolhos. Isto pode ser repetido se necessário." (Doenças Crônicas, 1828, Miasmas, p. 164)

Ao discorrer sobre a situação das forças dinâmicas do magnetismo mineral, da eletricidade e do galvanismo sobre nosso princípio vital, refere serem estas tão poderosas e homeopáticas como os próprios medicamentos. Porém, o modo seguro de emprego das duas últimas, assim como a da chamada eletromagnética, ainda permanece demasiadamente obscuro, para fazer delas uso homeopático.

"A força dinâmica do magnetismo mineral, da eletricidade e do galvanismo não age menos poderosamente sobre nosso princípio vital e não é menos homeopática do que os medicamentos propriamente ditos, os quais suprimento doenças mediante sua ingestão, fazem na pele ou mucilações, baixando doenças, especialmente as que se relacionam à sensibilidade e irritabilidade, nos desvios da urinação e aos movimentos musculares involuntários, que podem ser curados por ela. Porém, o modo seguro de emprego das duas últimas, assim como a da chamada eletro-magnética, ainda permanece demasiadamente obscuro, para fazer delas uso homeopático. Quando muito, empregou-se até agora a eletricidade e o galvanismo somente de modo paliativo, para grande prejuízo das doentes. Os efeitos positivos e puros de ambos no corpo humano saudável foram, até hoje, ainda pouco testados." (Organon 6^a ed.: § 287, IHFL)

Os parágrafos 288 e 289 do *Organon*, discorrem detalhadamente sobre o *magnetismo animal ou mesmerismo*, dizendo diferir da natureza de todos os outros medicamentos. Caracteriza-o como uma força curativa, muito negada e disfarçada, esse maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem, donde a força vital do mesmerizador radio atua dinamicamente para o indivíduo doente, substituindo no doente a força vital insuficiente em vários pontos de seu organismo, ou dispersando a força vital acumulada em demasia, responsável por inúmeros padecimentos perniciosos. Com este "passe magnético" operado por magnetizadores animais dotados de grande força natural, que são poucos entre os Homens, são operados, por vezes, aparentes milagres. Fala da importância do controle do desejo sexual nestas pessoas, pois assim sendo, a grande qualidade de satisfluidos ritais, que em todos os Homens está pronta a ser empregada na formação do esperma, pode ser transmitida aos doentes através do poderoso contato.

"Nesse ponto, acho ainda necessário, fazer menção ao chamado *magnetismo animal, ou melhor, mesmerismo* (como deveria ser chamado, graças a Mesmer, seu fundador), que difere da natureza de todos os outros medicamentos. Essa força curativa, muitas vezes intensamente negada e disfarçada ao longo de um século interno, esse maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem, mediante

o qual, através da poderosa vontade de uma pessoa bem intencionada sobre um doente, por contato com mesma sente ele e mesmo a uma certa distância, a força vital do mesmerizador sofre distorção com essa força, agir diretamente para um outro indivíduo, agindo de diversas maneiras enquanto subtiliza no doente a força vital deficiente em vários pontos de seu organismo. em outros, onde a força vital se acumulou em demasia causando e manejando indesejáveis padecimentos nervosos, desvia-a, suavizando-a, distribuindo-a equitativamente, extinguindo principalmente o distúrbio maléfico do princípio vital do doente e substituindo pela força vital residual do mesmerizador que age poderosamente sobre ele, por exemplo, velhas silvas, amadurecidas, paralisias parciais, etc. Muitas curas rápidas aparentes realizadas por magnetizadores animais de todos os tempos dvidados de grande força natural pertencem a essa categoria. Mas a ação da força humana comunicada a todo o organismo se evidencia de modo mais brilhante na extinção de alguma pressão que permaneceram algum tempo em muito aparente subtileza a vantagem tanto poderosa e muito acalhadora de um indivíduo em pleno gozo de sua força vital", sem tipo de reacçãoção do qual a história aponta raras examplos. Se o mesmerista de um outro sexo é capaz, ao mesmo tempo, de um benévolos entusiasmo (racismo degenerando na heretice, fanatismo, mysticismo ou quimientalismo altruísta), então ele estará ainda mais em condições, mediante esse contato filantrópico e abnegado, de, não somente, dirigir a força de sua bondade predominantemente ao objecto externo de sua opção, mas também como que ali entrá-la, assim operando, por vezes, aparentes milagres. () Especialmente entre dessas pessoas que são fontes entre os Homens e que, além de uma grande bondade e perfeita força física, possuem o desejo sexual muito moderado ou nulo e nas quais, portanto, a grande quantidade de suas fluições vitais, que em todos os Homens está pronta a ser empregada na formação do esperma, está presa a transmitir-se a outras pessoas, através da poderosa contata. Conheci algumas magnetizadoras com grande poder que possuíam todas essas características peculiares.) (Harganen, 6^a ed.; § 288, III-1)*

Ensinando detalhadamente a prática do mesmerismo, mostra a admiração que possuia pelo método em questão. Divide o mesmerismo em *positivo* e *negativo*, ocorrendo no primeiro tipo *um affluxo dinâmica de maior ou menor força vital* *um paciente*, enquanto no segundo temos uma ação contrária ocorrendo *uma descarga da força vital acumulada em excesso, em partes isoladas do organismo de pessoas não-debilitadas*. Exemplifica com muitas a forma de aplicação do *mesmerismo negativo*, com exemplos práticos de curas, alertando para o perigo da utilização do *mesmerismo positivo*, quando utilizado de forma abusiva e reprovável, em indivíduos de *nervos débeis*, para despertar o *sororirnismo* e *o clairiridência* (faculdades mediúnicas). Diz ser o feito de sedar um isolante da força vital, reforçando ainda desta possuir uma natureza

imaterial semelhante a outras formas de energias conhecidas, as quais são isoladas igualmente pela seda.

Todas as tipos mencionados de prática do mesmerismo baseiam-se num afluxo dinâmico de maior ou menor força vital no paciente, sendo conhecidos por isso como mesmerismo positivo. Contudo, uma prática oposta do mesmerismo merece ser chamada de *mesmerismo negativo*, pois age de modo contrário. A essa categoria pertencem os passos que são empregados para despertar do sono sonambulítico, bem como todos os processos manuais que foram catalogados sob o nome de *acalmar e ventilar*. Essa descarga através do mesmerismo negativo da força vital acumulada em excesso em partes esfoladas do organismo de pessoas não debilitadas, se faz de modo mais certo e mais simples, efetuando-se um movimento rápido do alto da cabeça até a ponta dos pés com a palma da mão direita estendida paralelamente a uma distância de cerca de uma polgada do corpo**. Quanto mais rápido for esse passo, tanto mais forte será a descarga. Assim, por exemplo, por ocasião da morte aparente de uma senhora, ate então saudável, ocasionada pela suspensão repentina da menstruação, em virtude de um intenso abalo psíquico, a força vital acumulada provavelmente na região pélvica, através de tais passos negativos rápidos, é descarregada e retorna o equilíbrio em toda o organismo, reanimando-se imediatamente. (*) Apresento-me em lembrar aqui, que quando me refiro a força curativa segura e energética do mesmerismo positivo, não me referiria a seu abuso altamente pernicioso em que, mediante faixas destes espíritos repetidas a cada meia hora, de hora em hora ou mesmo diariamente, produz-se, em doentes de nervos débeis, esse monstruoso transtorno da personalidade humana que se chama sonambulismo e clairidência, no qual o bêbado, roubando do mundo dos sentidos, parece pertencer mais no mundo dos espíritos - um estado profundamente antinatural e perigoso, por meio do qual muitas vezes se tentou, em vão, curar doenças crônicas. ** Que a uma pessoa a ser magnetizada possuir o negativamente não é permitido absolutamente testar seda em qualquer parte do corpo é uma regra já cunhada, nemor conhecido. Entretanto, é o fato de que, se o próprio mesmerizador estiver sobre um tecido de seda, poderá transmitir sua força vital durante de muito mais completo do que se mantiver seis pés apena no chão j" (Organon, 6^a ed., § 249 IMP).*

Associa-se o efeito benéfico da massagem, reanimando o princípio vital em indivíduos debilitados, ao *mesmerismo positivo*.

A essa categoria pertence também, em parte a chamada massagem feita por uma pessoa vigorosa e benéfica em um indivíduo que sofre durante crônico que embora curado, encontra-se em lenta convalescência, sofrendo ainda de enfraquecimento, digestão débil e secundária. Ele ergue-se regularmente os músculos dos membros do doente, peito e costas comprimindo-as e, como que beberão moderadamente o fim de com esse procedimento recuperar o princípio vital, de

modo que a reação destrói resiste à banhos d'água dos músculos e dos tecidos sanguíneos e linfáticos. A influência mesmérica é, naturalmente, elemento principal nesse procedimento de que não se deve abusar em pacientes ainda portadores de um fogo quente sensível (Organon, 6^a ed., § 290; IHTL)

Diz-seem os banhos de água para meios de auxílio homeopaticamente úteis na convalescência de enfermos, não constituindo, por si mesmos, verdadeiros medicamentos. Conforme a temperatura dos mesmos, atuam histeriotropicamente, sendo os banhos mornos utilizados para descurvar a irritabilidade nervosa (força vital) acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, e os banhos frios, na convalescência de pessoas com calor vital deficiente, mediante massões instantâneas e repetidas, como restauração pulsátil a do tônus da fibra exaurida.

Tes banhos de água para se prestam, em parte como palpativas, em parte como meios de auxílio homeopaticamente úteis na restauração da saúde em males agudos, bem como na cura de doentes crônicos recém-curados, devendo-se levar em conta a condição dos convalescentes e a temperatura dos banhos, a duração e a repetição dos mesmos. Eles proporcionam, contudo, ainda quando bem aplicados, apenas mudanças físicas benéficas no organismo doente, não constituindo, por si mesmos, verdadeiros medicamentos. Os banhos mornos de 25° até 27°K servem para despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa num ponto morto aparente (afogamento, congelamento, asfixia). Embora apenas pulsátil os mostram-se muitas vezes amplamente eficazes, principalmente quando associados à administração de café e fricções poderão prestar ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade nervosa está distribuída e acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, como em certas casas de espiritos histéricos e convulsões infantis. No mesmo modo, agem homeopaticamente os banhos frios de 10° a 6°K na convalescência de pessoas com calor vital deficiente curadas de doenças crônicas por medicamentos, mediante massões instantâneas e repetidas apesar, com maior frequência, como restauração pulsátil a do tônus da fibra exaurida (Organon, 6^a ed., § 291, IHTL).

Neste capítulo vimos a importância que Hahnemann davava ao magnetismo animal ou mesmerismo, chegando a comparar sua atuação com a dos medicamentos homeopáticos, apesar de agirem de um modo diferente destes. Atuando de forma contrária ao desequilíbrio vital, no mesmerismo positivo ocorre um influxo de força vital do mesmerizador para o doente carente da mesma, aumentando assim isto o seu tônus vital deficiente, em mesmerismo negativo, temos uma descarga da energia vital acumulada em excesso em determinadas partes do organismo.

Reiterando a idéia de uma força vital com semelhanças a outras formas de energia atualmente conhecidas pela Física, e não com características extremamente sutis como deveria ser no caso de pensarmos em algo "espiritual" (no sentido metafísico do termo), Hahnemann faz comparações com o magnetismo, a electricidade, o eletrromagnetismo, o galvanismo, etc. O mesmo se aplica ao penetrar numha força vital que se difunde do mesmerizador para o doente, passando de um para o outro, e sendo contida por substâncias isolantes. Jamais poderíamos aplicar isto ao espírito inteligente que em nós reside.

CAP. VI

Força Vital e Enfermidade

S. Hahnemann

Segundo Hahnemann, *já temos nós é permitida ver as mudanças interiores (innerenfreit) que são a base ou a origem das enfermidades*, podendo-se conhecê-las, sorteável através dos sintomas exteriores, únicos necessários para se efetuar a cura deste desequilíbrio vital.

"Os médicos perderam duas mil anos em investigar as mudanças interiores que o interior do corpo sofre nas enfermidades, a causa primária delas e sua essência futura, porque acreditaram que não podiam conhecê-las sem ter estes conhecimentos que é impossível adquirir! (...) Se juntas nos e permitida ver as mudanças interiores do corpo que são a base ou a origem das enfermidades, o conhecimento das causas exteriores que produziram estas últimas tem alguma utilidade (...) A essência intima de cada enfermidade, de cada caso morboso em separado se manifesta em tanto quanto necessitamos conhecê-la para curá-la, por meio de sintomas cujo conjunto intensidade individual, contínua e sucessiva estuda o verdadeiro observador" (A Medicina da Experiência, 1895 (opuscritos de Hahnemann, pp. 48 a 52).

Estando a origem da maioria das enfermidades numa *cansa imaterial e dinâmica*, é esta que irá desarranjar o equilíbrio imaterial e dinâmico da força vital.

"... As enfermidades podem dividir-se em duas classes sob o ponto de vista prático, em enfermidades que dependem de uma causa causal material, e aquelas

ciga causa e imaterial, dinâmica. (...) O que deve ocupar-nos neste caso, é a cura das enfermidades da segunda classe, que compreende a imaterial mudanças de outras ações que se chamam mais particularmente enfermidades agudas, semigravadas e crônicas, com todas as incomodidades e indisposições que dependem de uma causa imaterial e dinâmica" (Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades, 1809 (opúsculos de Hahnemann, pp. 163, 165).

A alteração da saúde, chamada de doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções ritais, independente de toda consideração química ou mecânica, através da qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, expressando-se por sintomas manifestos externamente.

"Então, como a condição do organismo e sua saúde depende somente da saúde da vida que o anima, da mesma forma conclui-se que a saúde alterada, que demonstram as doenças, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções ritais, independentemente de toda consideração química ou mecânica. Em resumo, deve constatuir-se em uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição mortalmente alterada do ser vivo como um todo em todo caso individual (...) Prontamente perceberemos que estas desarranjos dinâmicos do caráter vital de nosso organismo que nós chamamos doenças, uma vez que são muito mais que sensações e funções alteradas, podem também expressar a si mesmos por nada mais a não ser um conjunto de sintomas, e apenas assim eles são reconhecíveis nos nossos recursos de observação." (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1815; Revista de Homeopatia, p. 66)

Nenhuma doença humana repousa sobre qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não-materiais (dinâmicas) da força não-material que anima o corpo humano.

"(...) Ele pode facilmente convencer a todos que têm capacidade de reflexão que as doenças dos Homens não reposam sobre qualquer substância, qualquer acriúda, isto é, qualquer malitia mortuária, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano (o princípio vital, a força vital)." (Organon, Prefácio à 6^a ed.; p. 21; IHFL, 1996)

"(...) Testo, pois, que sendo a maioria a grande maioria mesmo das doenças, de origem dinâmica (não material) e de natureza dinâmica (não material) e sua causa também não podendo ser reconhecível materialmente (...) (Organon, 6^a ed., Introdução, pp. 25-25; IHFL, 1996)

"(...) desfazer-se dessa idéia material e reconhecer a natureza fisionomial do organismo como uma essência tão altamente potencializada que as modificações e suas

nas sensações e funções, as quais são chamadas de doenças, judearem principal e que se que excluir umente ser consideradas primordiais outrora é de uma influência dinâmica (tipo material)" (Organon, 6^a ed., Introdução, p. 27; IHFL, 1996).

"... as doenças não podem, para agradar àquelas falsas hipóteses alicerçadas sobre o nada, deixar de constituir desarranjos dinâmicos (tipo material) de nossa vida de tipo não material nas sensações e funções, isto é, desarranjos imateriais de nosso estado de saúde. As causas de nossas doenças não podem ser materiais, pois uma vez substância material entra num introduzendo nos vasos sanguíneos, embora nos pareça inofensiva, é imediatamente rejeitada pela força vital como um veneno, ou, quando isso não ocorre, sobrevém a morte. Mesmo quando o menor estílbago atinge nossas partes sensíveis, o princípio vital, apresente em nosso corpo, não desce para ativamente desalojá-lo por meio da dor, febre, suspiração ou gangrena." (Organon, 6^a ed.; Introdução, p. 35; IHFL, 1996).

O distúrbio interior da força vital, manifesta-se no exterior através da *totalidade dos sintomas*, sendo através desta a única forma de escolhermos o medicamento correto.

"... desse modo, a totalidade destes seus sintomas, este quadro do ser interior da doença que se reflete no exterior, isto é, do padecimento da força vital, deve ser o principal em o início através do qual a doença dá o combate o mem de cura de que ela necessita, o único que pode determinar a escolha do mem de cura adequadamente - em suma, a totalidade dos sintomas deve ser, para o artista da cura, tanto a coisa principal, o inicio que ele, em cada caso de doença, preveja combater e afastar através de sua arte, a fim de que a doença seja curada e transformada em saúde" (Organon, 6^a ed., § 7; IHFL).

Toda doença, segundo a Homeopatia, ocorre apenas porque a força vital, de caráter dinâmico, imaterial, presente em todo o organismo, foi afetada por uma influência dinâmica, imaterial, mudançosa.

"Quando o *Hummum adocic* é somente pura, originalmente, esta força de tipo não-material presente em todo o organismo, essa força vital de similaridade própria (princípio vital) foi afetada através da influência dinâmica de um agente morboso, hostil à vida, somente o princípio vital afetado em tal anormalidade pode conferir ao organismo as sensações alegres, levando-o, assim, a funções irregulares a que damos o nome de doença, pois este ser dinâmico, irresistível por si mesmo e somente reconhecível pelas suas efeitos no organismo, fornece sua doença mórbida somente através da manifestação da doença nas sensações e funções..." (Organon, 6^a ed.; § 11; IHFL).

"Somente a força vital morbidamente afetada produz as doenças, de modo que ela se apercebe no fenômeno morbido perceptível aos nossos sentidos, simultaneamente a toda alteração interna, isto é, a toda doença mórbida da *Dynamis Interna*, revelando toda a doença." (Organon, 6^a ed.; § 12; IHFL).

"Por conseguinte, a doença (que não compete a propriedade mercântica da cura) não ocorre de forma alguma segundo consideram os alquimistas como algo separado do conjunto vivo do organismo e da humanidade que o utiliza, internamente oculta" (Organon, 6^a ed., § 13, III).

"O sofrimento da Doença de tipo não material (força vital), animadora de nosso corpo, efetuada imaterialmente no interior em virtude de um conflito dos spissimas exteriormente observáveis e por ela despedidas no organismo e representando o mal envolvente, constituirão em todo, não uma justa e mesma realidade" (Organon, 6^a ed., § 15, III).

No parágrafo abravo, temos a ideia hahnemanniana de transmissão das doenças, aonde um *poder hostil de tipo não material como uma espécie de contágio, perturba em seu domínio instintivo, o princípio vital de tipo não material reinante em todo o organismo, torturando-o como um espírito maligno.*

A doença natural nunca deve ser considerada como matéria noci a situada em um ponto qualquer interno ou externo do indivíduo, mas como algo produzido por um poder hostil de tipo não material que, como uma espécie de contágio, perturba, em seu domínio instintivo, o princípio vital de tipo não material reinante em todo o organismo e, como um espírito maligno, tortura-o, comediando-o a produzir certos padecimentos e desordens no curso da vida, aos quais se dão o nome de doenças (sintomas)." (Organon, 6^a ed., § 148, III).

Nada de material deve ser removido do corpo com o agente causador de doenças, agravando o quadro do doente se isto for feito.

"Visto que as doenças de um modo geral são apenas sintomas dinâmicos sobre o princípio vital não estando em sua base qualquer princípio material qualquer matéria peccans, é não só também, nestes casos, nenhuma material a remover, nenhuma a retirar, conferir, nenhuma a ligar ou cortar, sem fazer com que o doente se torne cada vez mais doente e mais difícil de curar, do que de vez antes de serem tocadas as manifestações exteriores destas três grandes massas" (Organon, 6^a ed., § 262, nota, III).

Toda doença natural ocorre pela perturbação da força vital material que anima o corpo físico, através de influências dinâmicas morbosas de mesmo caráter. Para Hahnemann, existiu uma espécie de contágio imaterial para que isto ocorresse, ficando clara esta concepção ao explicar como os miasmas tomam conta do organismo vivo através das terrimanações nervosas, conforme veremos adiante. Esta desordem vital manifesta-se aos nossos sentidos através da totalidade sistemática, objetivo a ser perseguido por todo homeótopa que busque a verdadeira cura das enfermidades.

CAP. VII

Força Vital e Cura

S. Hahnemann

A ação dinâmica e imaterial dos medicamentos era uma certeza que Hahnemann tinha desde o início de sua prática homeopática.

"*Esta ação dinâmica dos medicamentos é quase inteiramente espiritual, como a propriedade vitalidade, que se refaz sobre o organismo.*" (*A Medicina da Experiência, 1895. Opuscólos de Hahnemann, p. 78*)

Aenergia positiva e pura dos medicamentos, que atua sobre o corpo doente restabelecendo o equilíbrio perdido, expressa-se nas modificações e sensações que produzem no organismo do homem são (sintomas morbus).

"Tu deves, penso eu, observar o modo como os medicamentos atuam sobre o corpo do homem quando se encontra no estado tranquilo da saúde. As mudanças que determinam então não ocorrem em vão, e certamente devem significar alguma coisa, porque se não fosse assim para que secorrermos? Quia se é esta a única língua em que podem expressar ao observador o objeto da sua existência, quia as modificações e sensações que produzem no organismo do homem são, no qual não se re-afogada sua voz pela dos sintomas morbus; e a única moeda com que podem revelar ao observador, sem preocupação, sua tendência especial, a energia positiva a e pura em verdade da qual atuam sobre o corpo, ou seja, destroem a harmonia que constitui a saúde; e a rectaledor em quando foi perturbada pela enfermidade" (Carta

a um médico de alta categoria a resposta da urgência de sua reforma em medicina.
THOMAS HAHNEMANN, pp. 122, 123)

Utilizando-se do princípio da semelhança hipocrático (*similia similibus*), Hahnemann nos traz a ideia de que os medicamentos *efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções*. Desta pensamento surgiu a "experimentação no homem sáud", alerçor de toda a Homeopatia, donde são anotadas e catalogadas nas Matérias Médicas as alterações de qualquer ordem produzidas pelo medicamento experimentado no indivíduo saudável, único guia a se utilizar quando surgirem os mesmos sintomas em indivíduo doente. A mesma propriedade dinâmica que produz os sintomas mórbidos na pessoa saudável é a que cura os sintomas semelhantes no enfermo.

Estas substâncias ativas e poderes (medicamentos), que temos a nosso serviço, efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado atual de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções; pelo que elas são capazes de afetar também o indivíduo saudável, de produzir nele mudanças dinâmicas e certos sintomas mórbidos, cujo conhecimento, como veremos, fornece-nos as mais confiáveis informações em relação aos estados mórbidos que podem com certeza ser curados por tal ou qual medicamento em particular. Por isso não existe no mundo nenhum poder de efetuar uma mudança no organismo humano de um caráter tal que a doença se submeta a ele, a não ser um agente capaz de desarranjar de modo absoluto (dinâmico) a saúde humana e consequentemente capaz de alterar morbidamente o seu estado de saúde. (...) Ora, como a propriedade de curar doenças e também a de afetar morbidamente os saudáveis é encontrada em combinação inseparável em todos os medicamentos, e como ambas propriedades evidentemente diminuem da mesma origem, isto é, da capacidade de dinamicamente desarranjar a saúde humana, por este motivo é impossível que elas atuem segundo uma lei natural do doente - diferente em relação àquela segundo a qual atua no saudável; seguir-se que deve ser a mesma propriedade do medicamento que tanto cura a doença na doente como produz os sintomas mórbidos no saudável (...). () O resultado diferente nestes dois casos é devidamente à diferença do objeto que deve ser alterado. (**) Espírito da Doutrina Médica Homeopática. 1813: Revista da Homeopatia, p. 66)*

A força vital perturbada, causa das doenças, só pode se restabelecer através da energia vital dos medicamentos homeopáticos, que, funcionando como um modelo indutor da reação vital, equilibrarão ao equilíbrio perdido: é a *força*

vital orgânea de nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória.

"Somente o homeopatia sabe e ensina que a cura deve ser efetuada por meio de toda a força ainda existente no paciente, quando o medicamento perfeitamente homeopático no caso presente da doença, é administrado nas doses apropriadas, faz com que esta força exerça sua propriedade curativa. Uma das mais inestimáveis vantagens da homeopatia é a de instigar tanto quanto possível essa força vital, que é indispensável à cura, no decurso do tratamento" ("A Mens Verdadeiros Discípulos" Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XVI suplemento (13))

"Segundo já demonstrei em outra parte, é impossível que nossa força vital sem a assistência de remédios, ou dos produtos da arte humana, não consiga sobrepujar sequer as mais tenues doenças agudas (se não sucumbe a elas) e reviver uma certa espécie de súbito, sob o sacrificio de uma porção (em geral extensa) das partes fluidas e sólidas do organismo, através de uma assim chamada crise. O modo como nossa força vital efetua isto permanece-nos à vista sempre desencoberto, mas com muita certeza, esta força não pode vencer nem mesmo estas doenças de maneira direta, e tampouco sem tais sacrifícios.") É a força vital orgânica de nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória. Na realidade, esta força não teria sido capaz de vencer sem tal auxílio, pois nossa força orgânica vital, considerada isoladamente, só é suficiente para manter o fluxo desimpedido da vida, enquanto o homem não é afetado de forma nóbilis pela invasão adversa de forças causadoras de doenças" (Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume, 1838; pp. 28, 29)

Através do processo de dinamização dos medicamentos (diluições e succusões), alicerce da farmacotécnica homeopática, são despertadas as propriedades dinâmicas e imateriais latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual (imaterial) em nossa vida, sobre nossa fibra irritável e sensível.

"Dinamizações homeopáticas são processos pelas quais são despertas as propriedades medicinais latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual em nossa vida. I. e., sobre nossa fibra irritável e sensível" (Doenças Crônicas, Prefácio ao Quinto Volume, 1839)

A força vital intuitiva, desprovida de razão e intelecto, nula provida de energia automática, não foi criada absolutamente para ajudar-se a si mesma

nas doenças, mas ao ser confrontada com a energia do medicamento homeopático semelhante ao seu próprio desequilíbrio, encontra o estímulo necessário para reagir automaticamente contra a enfermidade, restabelecendo sua integralidade.

"Não! aquela força magnífica reside em Homem, destinada a conduzir a rítmica maneira perfeita durante sua saúde. Isto é, uma força criada absolutamente para ajudar-se a si mesma nas doenças, nem para exercer sua arte de curar digna de admiração. Não! A verdadeira arte de curar é uma atitude reflexiva que conduz à grandeza do espírito humano, à reflexão livre e ao raciocínio, a fim de, por meio de uma afecção semelhante provocada por um medicamento escolhido homeopaticamente, denovar a força vital instintiva - desprazada de razão e de intelecto, mas protegida de energia automática - quando perturbada pela doença, deixando-a de tal modo afetada pelo medicamento e elevando-a mesmo a um tal grau, que a afecção mórbida não mais possa atuar sobre ela, deixando-a livre, para ocupar-se apenas com a afecção medicamentosa semelhante à doença natural e até um pouco mais forte, mas que a força vital, dirigindo agora contra ela toda sua energia, embora doentia, tornando-se, com isso, livre e apta a retornar ao estado normal de saúde e à sua própria disposição: a estimulação e a manutenção da saúde no organismo, sem haver sofrido com tal transformação qualquer agressão dolorosa ou debilitante. Tal procedimento nos ensina a arte de curar homeopáticos." (Organum, 6^a ed., Introdução, p. 59, HFL, 1991)

"... Por outro lado, constado, o desaparecimento de todo fenômeno mórbido, isto é, de toda alteração considerável que se efectua pelo efeito vital saudável, por meio da cura, certamente médica e previsível necessariamente, o restabelecimento da integralidade do princípio vital e, consequentemente, a reforma da saúde se todo o organismo..." (Organum, 6^a ed., § 12, HFL.)

O medicamento homeopático funciona como uma doença artificial, semelhante à doença natural, que, segundo Hahnemann, tomaria o lugar desta e a extinguiria do princípio vital, por ser mais forte que a mesma.

"Como toda doença (não unicamente crônica) consiste somente em uma alteração mórbida dominica particular de nossa força vital (princípio vital) em novas sensações e atitudes, assim, na cura homeopática, este princípio vital dinamicamente alterado pela doença natural, é atingido por uma afecção da doença artificial semelhante, um pouco mais forte, através da administração de uma potência medicamentosa escolhida convenientemente segundo a semelhança das similitudes. Com isso, extinguem-se e se desvanecem a sensação da afecção da doença natural (mais fraca), dominada, que, a partir de então, não mais exerce para o princípio vital, ocupado e governado agora somente pela afecção artificial mais forte que aquela, contudo, por pouco tempo, deixando-o permanentemente livre e curado. A Pitânia, assim libertada pode, então, reminiscer a rítmica condicões de saúde..." (Organum, 6^a ed.; § 29, HFL.)

Todo medicamento causa uma perturbação na força vital, chamada de *ação primária* (sintomas surgidos na experimentação com o homem sadio). A esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia, atividade autorrápida, instintiva e de conservação, chamada *ação secundária ou reação*. Segundo o princípio da semelhança na escolha do medicamento homeopático, direcionaremos a força vital, na ação secundária, a deslocar o seu desequilíbrio instado, que lhe é imperceptível pela ausência de razão e reflexão.

"Toda força que atua sobre a vida, todo medicamento afeta, em maior ou menor escala, a força vital, causando certa alteração no estado de saúde do Homem por um período de tempo maior ou menor. A tal se chama ação primária. Outra propriedade da força vital e do poder medicamentoso faz parte, principalmente, deste idêntico. A esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia. Tal ação oposta faz parte de nossa força de conservação, constitutindo uma alteridade automática da mesma, chamada ação secundária ou reação." (Organon, 6^a ed., § 63, BHF)

"... a influência dinâmica bestial sobre o princípio vital constitui a origem das suas crises; são mecanismos internos, que só se pode extinguir pela ação de um medicamento homeopático sobre o princípio vital, afetando o mesmo de forma semelhante, porém mais forte, partindo de tal nível desta açãoção interna e externa do organismo mortificado de tipo, não material, que já não mais serve para o princípio vital (para o organismo), libertando, assim, o dente de seu mal, curando-o" (Organon, 6^a ed.: § 282, nota, BHF).

Sa cura das doenças pelo medicamento homeopático, realizamos um confronto da força dinâmica orgânica desequilibrada com a energia medicamentosa de tipo semelhante, mas um pouco mais forte, promovendo com isto uma reação vital do organismo contra o distúrbio morboso que lhe é próprio, mas imperceptível. A força vital irracional, que tem como função manter o organismo em harmonia apenas no estado de saúde, não tem discernimento para perceber um desequilíbrio que se lhe incorporou no estado de doença. Simplificando, é como se mostrassemos à força vital a natureza da sua distorção, que ela não consegue enxergar por ser desnutrida de raciocínio e reflexão, direcionando a reação vital contra a enfermidade em si.

Pela analogia qualitativa da força vital orgânica com a energia do medicamento homeopático, obtida através do processo de dinamização, donde se libera a energia interna de qualquer substância da Natureza, podemos dizer que a força vital apresenta caráter semelhante à energia medida nestas.

CAP. VIII

Força Vital Irracional difere do Espírito Racional

S. Hahnemann

Neste tópico, esperamos esclarecer qualquer dúvida que ainda possa existir a respeito da diferença entre a força vital e o espírito.

Na citação abaixo, Hahnemann elatida a característica do espírito humano, *física del di insdele*, em satisfazer todas as suas necessidades através da inteligência que herdou de Deus, que o diferencia dos demais reinos da Natureza. Deste modo, possui condições de buscar *armónias mais eficazes* contra as enfermidades, do que aqueles que possuem na sua simples constituição orgânico-vital.

Porém a fundo essencial do homem não descreve o homem mais que da animalidade, a fim de dispensar-lhe com maior profusão esta faculdade divinal, esse espírito que o faz encontrar como quer satisfazer a todas suas necessidades, assegurar seu bem-estar, e criar os inúmeros recursos através dos quais se eleva de um modo considerável sobre todos os seres em si, esse espírito, imperceptível por si mesmo, sabe proporcionalmente à sua perfeição cobrir as meias de conservação de garantia, de desejo e de bem-estar superiores a todos os que as criaturas mais fortificadas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza.¹³ É necessário que os esforços próprios no corpo para afastar as enfermidades ficassem muito limitados, a fim de que o espírito humano sempre melhor a necessidade de buscar auxílio mais eficaz que aquelas cuja origem tenha julgado a propriedade e tradição colocar na simples organização. (A Medicina da Esperança, 1805; Opuscúlos de Hahnemann, p. 44)

Com grande exaltação, Habermann elenca a Criação Humana, com o *sopro divino que lhe penetra e lhe anima* (espírito inteligente), capaz de criar meios para alterar os padecimentos causados pelas enfermidades.

"Blagomus, idem humilmente exclamou a golpeando-me a fronte! Que não bom era podermos a sabedoria infinita do Espírito que anima o universo produzir meios de aliviar os padecimentos causados pelas enfermidades, as quais não obstante permitem que possamos alegar os homens! A soberana bondade paternal daquelle que também nome poderia designar de seu muito digno e... é, seria capaz de um ato tuâmeno e não baixasse querido que o homem feito à sua imagem pudesse com o sofrimento que lhe penetra e lhe anima encontrar na imensidão das coisas criadas, meios a propósito para levar seu trovão de padecimentos muitas vezes piores que a própria morte!" (Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma na medicina, 1888; Opusculos de Habermann, p. 521)

Em *Valor dos Sistemas em Medicina*, analisa separadamente o corpo físico com sua essência íntima (vitalidade), responsável pela manutenção do estado de saúde corporal, e o espírito inteligente, responsável pelo desenvolvimento e enobrecimento (evolução) do ser humano.

"Torem e muito diferente quando se trate de objecto cuja essência consiste em manifestações de vida, e totalmente quando haja que tratar o corpo do homem para conduzir suas modificações normais ao estado de saúde, ou seu espírito para desenvolvê-lo e enobrecê-lo. Em um e outro caso o objecto sobre o qual se opera não pode ser julgado nem tratado isoladamente, ou principios físicos ou químicos, como o fogo do fogueiro e mudanças do curupira, ou cores da tulherina. Assim, pois, o médico e o mestre não podem se dispensar, antes de se possem afixar sobre o corpo e o espírito do homem, de ter um conhecimento profundo de seu objecto, que lhes dêrga de certo modo, como a rainha até o fim de seus trabalhos (...) Tais poucos poderiam terem rendido partida dia sordas metáfisicas e misticos que folgadas presumidas hão impregnado sobre a essência íntima do organismo, sobre a vida, a existibilidade, a sensibilidade e a nutrição do corpo, sobre a natureza do espírito considerado como causa absoluta" (Valor dos Sistemas em Medicina, 1888; Opusculos de Habermann, pp. 133, 134)

Ao se referir à *alma humana*, nega qualquer discussão ou sistematização transcendental sobre a natureza íntima da mesma, dizendo não ser devido que mereça considerar a *pura e essência do espírito humano*. Dizendo que o *mestre sehns* está *bem perturbado* desta verdade, orienta-nos a adquirir os conhecimentos do espírito através daquele a quem nos deixa perceber dela por suas manifestações de alteridades a *psicologia experimental*. Fica evidente sua postura de negação, a respeito de qualquer modelo metafísico que tente explicar a natureza íntima do homem.

Qual de nossas sistemas ontológicos sobre a natureza é inferior, para que o impenetrável da alma humana seja apropriado para apurar um intelecto no campanário de sua nobre força? Podia perder-se no abôto das abstrações sobre o eu e o não-eu, sobre a essência do espírito em si mesmo, etc., que vêm de exuberante conferm dos vestígios de todos os tempos, mas o que estas subtilezas trazem devidas lhe manteriam de lado e aplicaria não compensaria o trabalho que se aplicou em estudá-las. Não vendo nenhuma conexão a priori a existência do espírito humano. Transduzir valeria mais a permanência dessa verdade. Assim poupar-se no passo el a fadiga de muitos, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objecto exige dele, se afiou a ele a posterior, ou que a alma não deve perceber dela por suas manifestações de atividades, a polidez experimental. Nem pode, nem necessita saber mais. (Obras das Sistemas em Heidegger, 1893, Opuscritos de Heidegger, p. 135)

Ao falar sobre a *força fundamental* (força vital), que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um todo unido e organizado que as anima e as impõe a tão surpreendentes ações anatomicas, nega qualquer conhecimento mais profundo da mesma, dizendo que *Nenhum mortal conhece o substratum da vitalidade, ou a disposição intima a priori do organismo*. Notavelmente nega qualquer conceituação metafísica que tenta se aprofundar no conhecimento da força vital. A unidade corpo-fusco-força vital é reforçada em todo o texto:

No mesmo caso encontra-se o médico, que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um todo animado e organizado, o que só obriga a conduzi-lo de um modo tão diretamente contrário à sua formata e natureza física ou química, o que o quanto que o impõe a tão surpreendentes ações anatomicas, resistem esta força fundamental não pode representar-se como não ser aperte, não fazendo mais que entranhá-la de longe, porque evita a todas essas investigações, e todas essas percepções. Nenhum mortal conhece o substratum da vitalidade, ou a disposição intima a priori do organismo seu. Nenhum mortal pode aprofundar no conhecimento de semelhante objecto, nem ainda quer descobrir sua sombra; as línguas humanas embora falem em privado, ou em verso, só expressam em relação a este ponto quimeras ou galimatias. (Obras das Sistemas em Heidegger, 1893, Opuscritos de Heidegger, pp. 134, 135)

No parágrafo a seguir, Heidegger é claro quanto à inutilidade das especulações metafísicas e quanto à dualidade entre a vitalidade do corpo organizado e a força intelectual (espírito, alma) que atua dentro dele. Assim como na citação do inicio deste capítulo, "o sopro d'ira que lhe penetra e lhe anima", o predicado abaixo citado, "que atua dentro dele", nos orienta quanto à natureza externa e separada do espírito em relação à unidade organismo-vital (dualismo):

Durante os dois mil anos em que os homens têm se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o mais pequeno passo no conhecimento a priori da vitalidade

do corpo organizado, nem da força intelectual que ulta dentro dele. (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 135)

Estando-nos negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, temos na "psicologia experimental" (psicologia empírica) o método para conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude, através da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem. Exemplifica esta postura com Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, só necessitando conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. Creio não haver dúvidas sobre o que ele chamava de "psicologia empírica" e da sua admiração por Sócrates, que juntamente com Mesmer, ele trouxe como exemplos de condutas práticas, além da homeopatia, para curar as enfermidades.

"O moralista sabe que, estando-lhe negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada podia ser-lhe só necessita, ademais da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitou a conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo... / Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. Do mesmo modo, o médico não tem necessidade mais que de um conhecimento histórico do modo de comportar-se o organismo humano no estado de saúde e do modo de manifestar-se a enfermidade individual, para poder sugerir a esta última loja que tenha encontrado o meio com enunciado. Não pode saber mais, porque isto pouco lhe fará servir de nada sabê-lo. Consultará, puis, suas a dignidade da medicina em imaginar teorias que em adquirir a habilidade necessária para curar as enfermidades?" (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, pp. 138-139)

Contrapondo-se à força vital bruta, instintiva e automática, mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças, agindo única e

exclusivamente sobre leis orgânicas do corpo, incapaz de agir segundo a razão e a reflexão, temos a grandeza do espírito humano, manifesta através do intelecto, da livre reflexão e do raciocínio.

"Só as doenças crônicas são a pedra de toque da verdadeira arte de curar, porque elas não podem se curar por si. Ela é a "verdadeira arte de curar", aquele trabalho de reflexão, atributo dos poderes mais elevados do intelecto humano, do julgamento equilibrado e da razão, selecionando e determinando à base de principios, o fim de efetuar uma alteração na força vital automática e energética, mas irracional, instantânea e desistuida de inteligência, nos casos em que a mesma tiver se desviado por meio da doença, assumindo uma atuação anormal, e, com a ajuda de uma ação semelhante produzida por um remédio homeopático escolhido criteriosamente, excitar no organismo uma doença medicinal um pouco mais intensa que a natural, de modo que a ação maravilhosa natural não possa mais interferir sobre a força vital" (Materia Médica Pura, 3^a ed., vol. I, p. 272, IHFL).

"Ela (velha escola) sempre estava segurando a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises marcadamente agudas e moderadas, estando limitada apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assertiva unicamente sobre leis orgânicas do corpo, apesar única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão (...) Mais ainda, as maiores flagelas de nossa existência terrestre, as centelhas que originam as inumeráveis doenças sob as quais gemiu a humanidade castigada há séculos e milênios pelos mesmos crônicos (púrpa. sifílis. sícose), a força vital desprovida de razão os admite no corpo sem bestas, não sendo capaz, todavia, nem de suavizar o efeito de qualquer um deles e, muito menos, de removê-las do organismo" (Organon, 6^a ed.; Introdução, p. 42, IHFL, 1996).

"Temos é que a velha escola, que se instituiu nacional, pôde, num empréstimo que exige tanto raciocínio, reflexão e juízo crítico, eleger esta força desprovida de razão como a única e melhor instrutora, como uma condutora cega, imitando sem refletir suas disposições indiretas e revolucionárias nas doenças, imitando-a como a única e unica aliada, a medida em termos de engenhosidade, visto que, o fim de poder superá-la resumitamente no seu desamparo e cegueira, nos foi conferida, para o bem da humanidade, aquela dom maior de Deus, o raciocínio lógico e a livre reflexão" (...) imitando irresididamente a energia vital bruta, automática e desprovida de razão" (Organon, 6^a ed.; Introdução, pp. 42, 43, IHFL, 1996).

"(...) Assim também, quando a natureza entregue a si mesma, nas ucorrências de um mal crônico que ameaçam a vida, não sabe ajudar-se senão pela ocorrência de sintomas lucros externos, o fim de apartar o perigo das partes indispensáveis à vida (metástases), tais procedimentos da força vital energética, purim desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não conseguem nenhuma verdadeira ajuda ou cura (...)". (Organon, 6^a ed.; Introdução, p. 45; IHFL, 1996).

"(...) aqueles esforços da natureza (da força vital do organismo desprovida de inteligências evitadas a cura geral do sofrimento crônico (...) (Organon, 6^a ed., Introdução, p. 42. HFL, 1996)

"(...) inventados pela força vital entregue a si mesma e desprovida de razão (...) (Organon, 6^a ed., Introdução, p. 48. HFL, 1996)

"Entretanto, a força vital capaz de atuar por si mesma, apenas seguindo sua disposição física de novo organismo e não segundo o raciocínio e a reflexão, não foi confiada a nós. No entanto, para que devêremos considerá-la como a melhor e única curadora de doenças (...) existindo, assim isso, de maneira óbvia, a disponibilidade raciocínio, de reflexão, de juízo crítico necessários à descoberta e à concretização da实理 sobre das doenças humanas, a verdadeira arte de curar fazendo jus ao espírito da auto-ajuda proveniente da força vital da natureza por meio de curar, por arte racional de curar... Não! A verdadeira arte de curar é uma atividade reflexiva que conduz à grandeza do espírito humano, a reflexão livre e ao raciocínio, a fim de, por meio de uma afecção semelhante provocada por um medicamento escolhido homeopaticamente, demover a força vital instintiva - desprovida de razão e de intelecto, mas prorrida de energia automática" (Organon, 6^a ed., Introdução, pp. 42, 50. HFL, 1996)

"(...) Como queriam eles suprimir o incalável número de doenças crônicas com seus tratamentos indiretos que não passam em de pertinazes imitações de auto-ajuda da força vital desprovida de razão, esforços estes que não estão destinados a serem de modelo para a cura?" (Organon, 6^a ed., Introdução, pp. 53, 56. HFL, 1996)

A dualidade corpo e alma é expressa nos parágrafos abaixo:

"Tributar maior respeito, compreender da manifestação das formulações metafísicas que sua experiência não pode compreender ate mesmo o mais profundo, não perde, em cada caso individual da doença, sentido ulterior do corpo e da alma: reconhecer no exteriormente afetado dos sentidos e intuições mortibertos, acidentes, sintomas, isto é, dentro das anteriores condições de saúde do doente atual, que ele próprio sente, que os pensava que o rodeavam percebem e que o mundo nele abriga" (Organon, 6^a ed., § 6. HFL)

"(...) poris, somente a escolher a certeza do medicamento pode restabelecer, de maneira rápida e duradoura, o maior das bens da Terra: a saúde do corpo e da alma" (Organon, 6^a ed., § 12b. HFL)

Finalizando com o parágrafo nove do Organon, reforçamos a ênaldade entre o conjunto irracional físico-vital, material-imaterial, e o *espírito racional* que nela habita, como vimos anteriormente. O princípio inteligente tem como "morada" o organismo vivo, constituído pela unidade corpo-físico-princípio vital, dele se utilizando para sua evolução e seu aperfeiçoamento, em busca dos altos fins de sua existência.

"No estudo de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (*Autovitalice*) que anima o corpo material (*Organismo*) como *Dynamis*, intendendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-lhe fielmente deste instrumento; não é sábio para um mais elevado objecto o de nossa existência!" (*Organon*, 6^a ed.; § 9. *HFL*)

CAP IX

Força Vital, Sangue, Fibra Sensível e Nervo

S. Hahnemann

Fazendo uma analogia ao "Prâna" dos hindus, que através da respiração e dos exercícios corporais (Yoga) é restabelecido e equilibrado, relaciona a vitalidade ao oxigênio, ao sangue, ao éter e aos nervos.

"A Química produzir de vital puro e, quando o fisiologista e o observador clínico perceberam seu poder peculiar de manter e aumentar a energia vital (...) o de vital, que é o segundo componente da atmosfera, como o elemento apropriado para se encher os pulmões?" (Ensaios sobre um novo princípio para se averiguar os poderes curativos das drogas, 1796. *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 249)

"... Ao ar livre, especialmente quando junto com exercícios corporais, existe a possibilidade de um meio suspenso el para a recuperação da vitalidade de nosso sangue e do éter que possa existir em nossos nervos, pulsus vitaæ (alimento vital) tão incomparável que não poderia ser substituída por qualquer outros medicamentos no mundo intero" (Cartas a um Paciente, entre 1793 e 1805. *Samuel Hahnemann bis life and work*, vol. II, cap. VII, suplemento 37)

"... Bronstean só precisava reduzir cada vez mais e mais a força vital do docente: quanto mais frequentes eram as sanguinhas, quanto mais sanguessupas e lençóis cheiram o sumo vital (pois, segundo ele, em quase todos os padocentes, o sangue inocente e inimbitido devia ser o culpado), mais o docente perdia força para unir dura ou para a agravarão de seu estudo através de queixas e gestos violentos. O docente parecia, então, tanto mais cético quanto mais estiver enfraquecido (...). Cada

re, mortas no domínio de sua consciência, já não mais por ele que a morte forçosamente vai suceder a essa dimissão e regulamentar da força vital *tantas vezes reiteradas* e seus parentes ficam tão entorpecidos por algum alívio da doença nas últimas horas pela perda de sangue e bambos mortos que se admiraria tanto de pôde nesse quadro momentâneo finar-se misteriosamente em suas mãos" (Organon, 6^a ed., § 40, nota III).

"... das sangurias" certamente sangue dos herinhões, das sanguinágeas, dos exutórios, etc., pelo que, por um lado, é impiedosamente enfraquecedora a força vital e, por outro, quando já não sucede, e anormalmente afechada, põem o príncipe (pelo abuso de cada meio de modo peculiar) de tal maneira que, a fim de preservar a vida contra tais ataques hostis e destrutivos, tende que transformar o organismo, seja restando a excitabilidade e a sensibilidade de algumas de suas partes, seja elevando-as excessivamente ou causando dilatação na contração, relaxamento ou endurecimento e mesmo sua total desarranjo". I, 7^a Entre todos os métodos que foram inventados para o curar as doenças, nenhum foi mais absurdo, mais irracional e mais inadequado do que o tratamento enfraquecedor de Bruxelas, mediante sangurias e dieta de fome, há muitos anos difundido em grande parte da Terra (...). Nenhum individuo, nenhum doente jamais tem sangue ou energia em demasia, pelo contrário, a cada doente faltam forças, pois, de outro modo seu princípio vital teria impedido o desenvolvimento da doença" (Organon, 6^a ed., § 71, III).

"Nunca é necessário na alta diurese a quantidade de sangue, que sempre significa um rebaixamento da força vital e da vitalidade, as quais regem de maneira mais integral quanto menos forem sido impulsionadas com interferências" (Carta do Dr. Dunsford, 1834; Samuel Hahnemann: his life and work).

Hahnemann diz: É a força vital que cura as doenças, pois o desfarto não precisa mais de medicamentos. Se acertarmos isto, devemos preverar a força vital, não de temos verter sangue, esvaziar a paciente, pois no sangue reside a força vital" ("Folhas de Recordação" do Dr. Julian Joséy Rath, 1846; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XXXI, suplemento 215).

Neste capítulo, veremos também a relação que Hahnemann faz da força vital com as fibras nervosas, reforçando a ligação daquela com o organismo físico.

"Sabe, Arcesilas, que há cintecrónias atualmente sobre se o mercurio pode ou não excitar uma mudança na energia, a motilidade e a sensibilidade da febre" (Disc Formulados em Medicina, 1800; Apêndices de Hahnemann, p. 14).

Ao descrever o modo de ação do medicamento homeopático, relata a necessidade do mesmo entrar em contato com a *fibril vibrante e sensitivel*, para a partir desse contato irradiar-se para todo o organismo. Diz que a epiderme, que recobre a superfície do corpo, é o único obstáculo à ação dos medicamentos sobre a *fibril sensitivel*.

"Quase a única condição que se necessita para que o efeito se desenvolva esteiramente e produza a cura é que o medicamento entre em contato com a fibra cutânea e sensíbilis, mas pouco importa a exatidão da dose que atua com este objetivo sobre as partes sensíveis do corpo (...) Ja foi dito que quase a única condição da ação do medicamento é que entre em contato com a fibra cutânea e sensíbilis (...) Esta propriedade dinâmica tem tal alcance, que é indiferente ao resultado que o contato se realize em tal ou qual parte, contanto que esteja despojada da epiderme (...) A epiderme que recobre a superfície do corpo é o único obstáculo à ação dos medicamentos sobre a fibra sensível que elas cobrem, mas este obstáculo não é invencível. Os medicamentos atuam também através da epiderme, porém o fazem com menos força (...) As fricções quase não contribuem a favorecer a ação dos medicamentos, a não ser tornando a pele mais sensível, e a fibra mais suscetível de ser impressionada pela pulsация medicinal específica que desde aquela se irradia a todo o organismo (...) A virtude específica dos medicamentos é a mesma, seja empregada no exterior ou no interior, entrando em contato com a fibra sensível pelo exterior ou pelo interior do corpo" (A Medicina da Experiência, 1805; Opuscólos de Hahnemann, pp. 79-80).

Ao discorrer sobre a infecção com miasmas (contágio) a que todos estamos sujeitos, diz que ela ocorre no momento em que o fluido mórbido entra em contato com o nervo exposto, acrescentando que, nessa ocasião, a doença é irremovivel e dinamicamente comunicada à força vital (a todo o sistema nervoso). Nesta citação torna-se evidente a relação entre força vital e sistema nervoso.

"A infecção com miasmas das doenças agudas, bem como das crônicas acometidas acontece sempre dia ida num único momento que é o momento mais faturado de uma infecção. Quando a varíola ou a varíola bovína pegam, isto acontece no momento em que, na fricção, o fluido mórbido do arranhão sanguinante da pele entra em contato com o nervo exposto, nessa ocasião, a doença é irremovível e dinamicamente comunicada à força vital (a todo o sistema nervoso), no mesmo instante (...) Dentro das muitas pessoas mordidas por cães rurais, (...) seja lá quem for a pessoa na qual o veneno age, isto se deu no momento em que a pessoa foi mordida e o veneno comunicou-se então com os nervos mais finos e, portanto, sem contradições, com o sistema completo de nervos". (Doenças Crônicas, 1828. Natureza das Doenças Crônicas, pp. 66 a 68)

Ao relatar o **contágio específico** dos miasmas venéreos (Sycosis e Syphilis), que ocorre no cinto impuro, diz que a fricção das partes genitais, ricas em nervos e recobertas por uma fina cutícula, facilitam para que ocorra a transmissão. Ao se referir à infecção pelo miasma da sarna (Psora),

altamente contagioso, diz ocorrer apenas pelo contato com a pele em geral: *o nervo que foi primeiramente afetado pelo miasma já o comunicou de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e o organismo todo foi imediatamente e de forma completamente subreptícia penetrado. Na disseminação do miasma através do nervo, de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e ao organismo como um todo, temos uma relação direta do sistema nervoso com a força vital.*

No coito impuro acontece o contagio específico, no local que é tocado e friccionado, mas preciso elmente no momento mesmo em que se dá o ato (...) No entanto, a doença da sarna é, além disso, o mais contagioso de todos os miasmas crônicos, muito mais infecioso que os outros dois miasmas crônicos, a doença de cancro venéreo e a doença da verruga do figo. Com estas duas últimas, para que se efetue a infecção, é preciso um certo grau de fricção nas partes mais macias do corpo, as quais são as mais macias em tutto e as recobertas pela mais fina cuticula, como nos órgãos genitais, a menos que o miasma entre em contato com um local ferido. Mas o miasma da sarna só precisa tocar a pele em geral, especialmente em trâncos pequenos (...) O nervo que foi primeiramente afetado pelo miasma já o comunicou de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e o organismo todo foi imediatamente e de forma completamente subreptícia penetrado de tal modo por este excitante específico que se lhe obriga o se aprimorar gradualmente deste miasma até que se completem a mudança da totalidade do ser da pessoa em alguém absolutamente pôneico, assim também atingindo o seu desferro, o desenvolvimento interno da Pox. Sómente quando o organismo interno sente-se transformado por este domíngica macomática crônica peculiar é que a força vital adoece tento aliviar e abrandar a moléstia interna pelo estabelecimento de um sintoma local adequado sobre a pele as vesículas de sarna." (Doenças Crônicas, 1828; Natureza das Doenças Crônicas, pp. 69 a 72)

Na citação adiante, discorrendo sobre o ataque das altas doses de medicamentos sobre a fibra sensível e irritável, diz que é muito provável que a força vital seja obrigada a enfrentar este ataque e a tentar mudar dinamicamente estes órgãos sensíveis, ou então a reconstruir-las materialmente a fim de torná-las inexpugnáveis à violência destes ataques, ocorrendo que a fibra mais sensível ficou anormalmente grossa ou dura e as fibras mais vigorosas tornam-se consumidas ou aniquiladas, resultando em malformações e degenerações adventícias. Vemos aqui a conotação material das fibras sensíveis e irritáveis (nervos), também chamadas de órgãos sensíveis.

"(...) Por meio destes ataques indiretos, contínuos e respeitosos à fibra sensível, terrível, perpetrados por estas imprudentes potências doença medicamentosas que

sua administração em grandes doses repetidas e frequentemente, é muito provável que a força vital seja obrigada a enfrentar este ataque e a tentar mudar dinamicamente estes órgãos sensíveis que são desproporcionalmente atacados, ou então a reconstruir-las materialmente a fim de torná-las imunepáticas à violência daqueles ataques, deste modo defendendo e escudando o organismo contra nova destruição geral!) Por um lado, a fibra mais sensível fica anormalmente grossa na dura e as fibras mais vigorosas tornam-se consumidas ou aniquiladas; deste modo, emergem artificialmente organizações, modificações e degenerações adventícias" (Doenças Crônicas, 1828, Paris, p. 151).

A força vital está presente em todas as partes do organismo, tanto nas fibras sensíveis como nas fibras irritáveis, sugerindo serem estas as fibras nervosas do nosso organismo. Isto torna-se mais claro, quando mais adiante Hahnemann denomina a força vital de "força nervosa".

"Não¹ aquela força magnífica inata no Homem destinada a conduzir a vida de maneira mais perfeita durante sua saúde, simultaneamente presente em todas as partes do organismo, nas fibras sensíveis como nas fibras irritáveis" (Organon, 6^a ed.; Introdução, p. 50, HFL, 1990).

"O que a força vital faz nestas chamadas crises é como ela os realiza permanente recolher para nós, assim como todo o processo interno da economia conjuntural da vida.) por, então, a força nervosa, agregada de maneira dinâmica parece, por assim dizer, descarregar-se por meio de produtos materiais." (Organon, 6^a ed., Introdução, p. 41, nota 18, HFL, 1990).

Nos textos abaixo, a concepção anterior é reforçada, dizendo que o poder dinâmico e imaterial dos medicamentos homeopáticos atua através da "fibra sensitiva rica" sobre o princípio vital. Mais adiante, fala das *forças modificadoras de tipo não material* dos medicamentos homeopáticos, que agem sobre nossa *força vital de tipo não material* e são percebidas através da *sensibilidade dos nervos presentes em todo o organismo*.

"... As substâncias naturais que se nos apresentam como medicamentos, apenas são medicamentos na medida em que possuem o poder (cada qual um próprio específico) de alterar, através de uma influência dinâmica, de tipo não-material (por intermédio da fibra sensitiva rica) sobre o princípio vital de tipo não material, que governa a vida" (Organon, 6^a ed.; § 11, nota HFL).

"... Do mesmo modo, todas estas ações que mirabilmente (as doenças) não podem ser afastadas pelos artifícios da cura sendo elas as das forças modificadoras de tipo não material (dinâmicas, virtuais) dos medicamentos apropriados agindo sobre nossa força vital de tipo não material e sendo percebidas através da sensibilidade dos nervos presentes em todo o organismo. (Organon, 6^a ed.; § 16, HFL)

'Um globulo assim preparado (500 milionimal), colorido vermelho sobre a língua, é um dos menores dozes para um caso moderado e recente de dorença, no qual somente poucos nervos são atingidos pelo medicamento' (Organon, 6^a ed., § 272, BIEL).

Discrerendo sobre a prática dos banhos terapêuticos, diz que os banhos mornos servem para despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo enlouquecimento da sensação nervosa, ou para dispersar a irritabilidade nervosa acumulada em alguns órgãos, e, os banhos frios, abrem como restauradores do fôrtes da fibril exaurida (*calor vital deficiente*)

'... Os banhos mornos de 25° até 27°K servem para despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo enlouquecimento da sensação nervosa num morto aparente (afogamento, congelamento, asfixia). Embora apenas palliativos, mostram-se, muitas vezes, amplamente eficazes, principalmente quando associados à adutorrestação de enje e frações, podendo fornecer ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade nervosa está distribuída e acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, como em certas cunhas de esquemas hereditários e curvulações infantis. Do mesmo modo, agem homeopaticamente os banhos frios de 10° a 6°K na convalescência de pessoas com calor vital deficiente causadas de doenças crônicas por medicamentos, mediante imersões instantâneas e repetidas apos. com maior frequência, como restauração palliativa do fôrtes da fibra exaurida. (Organon, 6^a ed.: § 291, BIEL)

Nas citações anteriores vemos uma relação das fibras nervosas com a força vital, sendo que aquelas funcionam como meio de propagação de qualquer influência dinâmica para a unidade corpo-físico-força vital, como um substrato material-energético por onde a força vital é influenciada e através do qual reage

CAP X

Espírito, Alma e Mente

S. Hahnemann

Os termos alma e espírito são usados como sinônimos por Hahnemann.

"Qual de nossos sistemas ontológicos sobre a natureza íntima, para nós impenetrável, da alma humana, seria apropriado para ajudar o instrutor no cumprimento de sua nobre tarefa? Poderia perder-se no dédalo das abstrações sobre o eu e o não eu, sobre a essência do espírito em si mesmo, etc? (...) Não é dado aos mortais conhecer a priori a essência do espírito humano. O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim pouquissimo nos possivel a fideigas inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objecto lhe exige, além se a ele a posteriori, ao que a alma nos deixa perceber direta por suas manifestações de atrações, a psicologia experimental." (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808. Opusclos de Hahnemann, p. 131)

"O moralista sabe que estando-lhe negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada poderia servir-lhe, sua necessita, além da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode em cada caso particular conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates que conheceu tão bem a curação humana, (...) jamais necessitou para conseguir seu nobre objecto (conduzir os homens ao caminho da virtude) entreggar-se a especulações ontológicas

acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual rincão da alma" (*Valores dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opuscólos de Hahnemann*, pp. 338, 339)

"(...) O enfermo expelle ondas de bile, tem cônitos sobre vômitos, acredita estar próximo a expulsar a alma, parece que se extende sobre seus olhos o raiô da morte, e sua suor fria inunda todo o seu corpo." (*Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades*, 1809; *Opuscólos de Hahnemann*, p. 160)

Abordando as causas excitantes das doenças, que agem dinamicamente, imaterialmente, Hahnemann fala da desarraio dos órgãos de mais alta hierarquia e da força vital. O que seriam estes "órgãos de mais alta hierarquia"? Seriam os "órgãos mentais ou psíquicos", a "mente"?

"(...) As causas excitantes das doenças agem, (...) apesar de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual, e, sobretudo como elas desarrajam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem a partir deste estado de desarraio, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietude, dor) e atidão alterada (forças animais de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente)" (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, p. 66)

Referindo-se à *mente humana*, compara a *vida psíquica* à vida orgânica, dizendo que a *unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo*, extinguindo-se a mais fraca e permanecendo a mais forte, assim como a unidade orgânica não pode ser afetada por duas influências dinâmicas semelhantes. Aqui parece termos um outro conjunto, funcionando como uma unidade independente da orgânica, chamada "órgãos de mais alta hierarquia" ou mente humana, sendo afetada por paixões e emoções.

"Algum patrício acontece na mente humana?" (...) "A unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo, e uma paixão deve ser extinta quando outra patrício semelhante, mas mais forte, tomou posse de sua mente, e age como um remédio homeopático que extingue a primeira (...) Da mesma forma que ocorre na vida psíquica ocorre na orgânica" (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, pp. 69, 71)

Nas citações adiante, os termos alma e espírito são usados como sinônimos, estando a mente correlacionada (subordinada) a eles, mas com uma

conotação orgânica, diferente dos mesmos. Temos na mente uma outra entidade, assim como o são o espírito (alma) e a unidade orgânica:

"...*... são causadas pela Psora(...) doenças da mente e da alma, desde a imbecilidade até o estúpore; desde a melancolia até a insanidade rancorosa (...) os transtornos e enfermidades do corpo e da alma que, em suas manifestações, diferentes são radicalmente e que, em diferentes pacientes, parecem tão disparecidos (se não pertencem às duas doenças diferentes, Syphilis e Sycosis), são apenas manifestações parciais do antigo miasma da lepra (leprosy) e da sarna (itch)."* (Doenças Crônicas, 1828; Natureza das Doenças Crônicas, p. 49)

"Distúrbios da mente e do espírito de todos os tipos (melancolia, insanidade, astenia, depressão, disposição chorosa, ataques de medo, ataques de pavor, medo, falta de vontade de trabalhar, sensibilidade excessiva, rápida mudança na disposição, etc.)" (Doenças Crônicas, 1828; Natureza das Doenças Crônicas, pp. 110 a 112)

A seguir, a mente é chamada claramente pelo termo *órgãos mentais*, assimindo, como dissemos anteriormente, uma conotação orgânica, mais material. Entenderemos o significado do termo "órgãos de mais alta hierarquia" atribuído aos órgãos mentais ou mente, quando Hahnemann correlaciona os distúrbios mentais e emocionais a maior importância no *despertar da Psora* que de todas as doenças, e na *aggravação dos transtornos crônicos já existentes*. A *mais frequente exortação da psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais frequente agravação dos transtornos crônicos já existentes são de longe as causadas pelo pesar e pelas contrariedades.*¹

"...*... Uma psora internamente adormecida que ainda permite ao favorito de um princípio viver com a aparência de uma saúde quase perfeita, safadamente desabrocha num transtorno corporal crônico, ou desvia seus órgãos mentais até à insanação, quando, por uma retira alta de seu destino, é lançado para longe de seu berço natal, ficando exposto no desprezo e à pobreza. A súbita morte de um filho provoca na mãe catarralisa já com saúde precária, sua infusão incunha nos pulmões ou um câncer no seio. Uma donzela jovem e afeita, já histérica e conduzida à melancolia por um desapontamento amoroso. Como é difícil fazer alguma coisa para aliviar tais desgraças, quão raramente o consegue o melhor dos tratamentos antipsóticos! A mais frequente exortação da psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais frequente agravação dos transtornos crônicos já existentes são de longe as causadas pelo pesar e as contrariedades.*" (Doenças Crônicas, 1828; Psora, pp. 148, 149)

Mais uma vez, a mente (espírito) assume a posição de uma outra entidade, diferenciada do corpo orgânico.

'Cora a grande excepção de que deve ser demonstrada na restauração da unidade humana afetada pela doença, o homenpatia deve, mais do que em qualquer outra ciéncia, se quiser agir de modo a ser digno de seu título, investigar profundamente o estado total do paciente: a causa interna até onde possa ser recordada e a causa da continuação do transtorno, seu modo de vida, a qualidade de sua mente, seu espírito e de seu corpo, juntamente com todos os seus sintomas' (Doenças Crônicas, 1828, Paris, p. 157)

'... já desfaz-se dessa teleia material e reconhecer a natureza fisico-mental do organismo como uma eséncia tão altamente potencializada que as modificações vitais nas sensações e funções, as quais são chamadas de doenças, podem ser principial e quase que exclusivamente ser causadas e provocadas através de uma influencia dinâmica (mio-material)' (Organon, 6ª ed., Introdução, p. 27, BHL, 1996).

As *doenças psíquicas e mentais* recebem uma classificação diferenciada das de mais doenças, reiterando a hipótese de uma outra entidade na constituição humana (mente), apesar destas enfermidades não constituirem *uma classe nitidamente isolada de todas as outras, pois em todas as demais, assim chamadas doenças físicas, a disposição psíquica e mental está sempre se modificando, servindo também como um dos mais notáveis conjuntos característicos de sintomas*. É como se a mente interagisse com a unidade orgânica de forma unissoma.

'... desse tipo são as chamadas doenças psíquicas e mentais. Elas não constituem, porém, uma classe nitidamente isolada de todas as outras, pois em todas as demais, assim chamadas doenças físicas, a disposição psíquica e mental está sempre se modificando e, em todos os casos de doença, que devem ser curados, o estado psíquico deve concorrer como um dos mais notáveis no conjunto característico das síntomas; se quisermos tratar no quadro fidedigno da doença, a fim de, a partir daí poder trati-la homeopaticamente, com êxito' (Organon, 6ª ed., p. 210, BHL)

Reforçando a importância do *estado psíquico e mental* na formação das doenças, estado de alta hierarquia no contexto da vida humana, Hahnemann diz que *não existe no mundo nenhuma substância com força medicamentosa que não altere de modo evidente o estado psíquico e mental do indivíduo saudoso que a experimente*. Aqui também observamos uma relação direta da energia vital dos medicamentos com este estado mental, apesar de não sabermos como isto ocorre. Estaria esta "energia mental", composta pelos pensamentos e sentimentos, envolvida à estrutura humana juntamente com a energia vital, influenciando-se mutuamente e ambas ao corpo físico?

Igualmente, o Criador das potências curativas tem em consideração, de maneira notável, esse elemento principal de todas as doenças, o estado psíquico e mental alterado, pois não existe no mundo nem haveria substância com força medicamentosa que não altere de modo evidente o estado psíquico e mental do indivíduo sicko que a experimente, havendo, na verdade, uma maneira diferente de agir para cada medicamento." (Organon, 6^a ed., § 212. HFL)

Do mesmo modo, as doenças psíquicas e mentais são curadas por um medicamento que apresente, pelos sintomas que causar no corpo e na alma de uma pessoa saudável, uma potência morbifícias tão semelhante quanto possível à aquela existente no caso patológico em questão. Os sintomas mentais e psíquicos são despertados pelo medicamento dinamizado, não estando explicado como isto ocorre, nem a relação da força vital medicamentosa com a estrutura mental e com a altria:

O que tende a embalar a respeito da cura nas doenças mentais e psíquicas pode-se reduzir a poucos tópicos, pois são curáceas da mesma maneira e nenhuma, que o são todas as outras doenças, tal é por um medicamento que apresente, pelos sintomas que causar no corpo e na alma de uma pessoa saudável, uma potência morbifícias tão semelhante quanto possível àquela existente no caso patológico em questão." (Organon, 6^a ed., § 214. HFL)

No parágrafo a seguir, notamos a ligação da unidade mental com a unidade orgânica. As doenças mentais e psíquicas são encaradas como doenças do corpo, transpostas para a mente, nas quais temos uma exacerbção dos sintomas mentais em detrimento dos sintomas físicos. Estes sintomas mentais e psíquicos não possuem a sua sede nos órgãos físicos e sim nos "órgãos mentais ou psíquicos intrinsecamente saudáveis".

Quase todas as chamadas doenças mentais e psíquicas nada mais são do que doenças do corpo nas quais o sintoma peculiar da alteração mental e psíquica aumenta, ao passo que os sintomas do corpo diminuem (com maior ou menor rapidez), até que, por fim, atinge acentuada parcialidade, quase como uma afecção local transposta para órgãos mentais ou psíquicos intrinsecamente saudáveis." (Organon, 6^a ed., § 215. HFL)

Ao relatar a observação de que distúrbios orgânicos graves são raros em portadores de perturbações psíquicas, conforme podemos exprever pela teoria da mudança do órgão de choque. Hahnemann deixa clara a concepção de que considera a mente como um órgão da constituição humana. "as afecções dos órgãos físicos maiores são como que conduzidas e transferidas para os

órgãos quase não-materiais mentais e psíquicos juntamente atingidos pelo bixituri". Os órgãos físicos maiores seriam o nosso sistema nervoso central.

"Nao são raras as casas em que se chamaem doenças físicas que atingem não maior - f. i. - degenera-se em loucura, em uma espécie de melanconia ou mania, mediante a rápida intensificação do sintoma psíquico presente ali então, fazendo desaparecer, assim, todo risco de cada dos sintomas físicos, que melhoram até quase atingir o estado de saúde (...) em uma palavra, as afecções dos órgãos físicos maiores são como que condutadas e transferidas para os órgãos quase não-materiais mentais e psíquicos juntamente atingidos e abrigados pelo bixituri" (Higman, 6^a ed.; § 216, MFL)

Dando continuidade à abordagem das doenças psíquicas, chama de *enladeira doença mental ou psíquica* aquelas que dependam de um mal físico, não melhorando, ou melhor, agravando-se mediante exortações amistosas e equilibradas, argumentos consoladores, adi crónicas sérias e sensatas. Ao explicar o porquê da piora frente às exortações amistosas, reforça a ideia de órgãos mentais e psíquicos em relação direta com os órgãos físicos e a alma: "Parece que a alma do doente, nesses casos, sente, com indignação e tristeza, a verdade destas advertências, situando sobre o corpo como se desejasse restabelecer a harmonia perdida, mas que, mediante essa dureza, reage muito intensamente nos órgãos mentais e psíquicos, colocando-os em desordem ainda maior, por uma nova transferência de seus sofrimentos para eles".

"Se a dureza mental não estiver plenamente desenvolvida e se ainda existem algumas dívidas para saber se realmente resultam de sofrimento do corpo ou se, antes, provém de falhas na educação, maus hábitos, moral corrupta, negligéncia mental, superstição ou ignorância; serve, então, de indicio o fato de diminuir e melhorar mediante exortações amistosas e equilibradas, argumentos consoladores, adi crónicas sérias e sensatas. Em contrapartida, uma verdadeira doença mental ou psíquica que dependa de um mal físico se agita até rapidamente com esse mal: a melancolia se torna mais obscura, inconsciente e mais ressentida, assim como a loucura furiosa se torna mais exacerbada e a linguagem sem nexo do louco tornar-se-á manifestamente ainda mais absurda" (* "Parece que a alma do doente, nesses casos, sente, com indignação e tristeza, a verdade destas advertências, situando sobre o corpo como se desejasse restabelecer a harmonia perdida, mas que, mediante essa dureza, reage muito intensamente nos órgãos mentais e psíquicos, colocando-os em desordem ainda maior, por uma nova transferência de seus sofrimentos para eles") (Higman, 6^a ed.; § 224, MFL)

Mais adiante, Hahnemann relaciona indiretamente os órgãos mentais e psíquicos (mente) à alma, como se estivessem subordinados a ela, ao dizer

que "tais doenças psíquicas que foram primeiramente trabalhadas e mantidas pela alma, enquanto ainda recentes e antes de terem perturbado em demasia o estado físico, são as únicas que podem ser rapidamente transformadas em bem-estar psíquico mediante meios de cura psíquicos".

"Tais doenças psíquicas que foram primeiramente trabalhadas e mantidas pela alma, enquanto ainda recentes e antes de terem perturbado em demasia o estado físico, são as únicas que podem ser rapidamente transformadas em bem-estar psíquico (sem regime de rada adequado, aparentemente até em bem-estar físico) mediante meios de cura psíquicos, tais como demonstração de confiança, conselhos amigáveis, argumentos sensatos e muitas vezes babilidosas simulações" (Organum, 6^a ed., § 226; IHFL).

Ao comparar a conduta psíquica adequada por parte das pessoas que cercam o doente mental grave, como *dileta auxiliar da alma*, exemplifica o modo de agirmos contrapondo os excessos do enfermo, abolindo qualquer repressão, castigo ou tortura no trato com estes doentes.

"Nas doenças mentais e psíquicas resultantes de doenças do corpo que não podem ser curadas com medicamentos homeopáticos dirigidos ao mesmo interno, a par de um regime de rada cuidadosamente regulada deve-se obter uma conduta psíquica adequada por parte dos que o cercam e também do médico, como *dileta auxiliar da alma* (...) deve-se procurar sempre impedir a deshydratação e dar muitos objetos que o seduzam, sem repreendê-lo por seus atos, dispondo tudo de modo a abolir completamente todo e qualquer castigo ou tortura física" (Organum 6^a ed., § 328; IHFL).

Temos no estado do psiquismo, da mente e de todo o comportamento do doente, os sinais mais seguros e elucidativos da evolução do mesmo, seja de melhora ou piora. Aqui observamos a importância hierárquica desta instância chamada *mente* na organização humana:

"... é, em todos os casos de doença, que deve em ser curados, o estado psíquico do e concorrer como um dos mais notáveis no conjunto característico dos sintomas, se quisermos traçar um quadro fidedigno da doença, a fim de, a partir disso, poder tratá-la homeopaticamente, com êxito." (Organum, 6^a ed.; § 210; IHFL.)

"Isso possui um famoso alcance, que o estado psíquico do doente, muitas vezes e principalmente, determina a escolha do medicamento homeopático, na qualidade de sinal possuidor de uma característica determinada entre todos, é o que menos pode permanecer oculto no médico observador criterioso" (Organum, 6^a ed.; § 211; IHFL).

"Por conseguinte, juntas se poderá tirar de acordo com a natureza, isto é, homeopaticamente se não se observar simultaneamente, em cada caso individual de do-

enquanto, mesmo nos casos de doenças agudas, o síntoma das alterações mentais e psíquicas se não se escoller, para alírro do duente, entre os medicamentos, nenhuma paternidade surpreendente que a par da semelhança de seus outros sintomas com os da doença, também seja capaz de produzir por si um estado psiquico ou mental semelhante" (Heringum, 6^a ed.: § 213; HFL).

"Entre os sintomas que, em todas as doenças, principalmente as que surgem de modo rápido (agudas), indicam um ligeiro inicio de melhora ou agravamento perceptível a todos, o estado da psiquismo e todo o comportamento do duente são as mais seguras e elucidadoras. No caso do inicio de melhora, por menor que seja, nuda-se um maior bem estar, crescente tranquilidade, despreocupação e mais ânimo - uma espécie de retorno ao estado normal. No caso da agravamento, ainda que muito ligeira, parim, acorre o contrário: o estado do psiquismo, da mente e todo seu comportamento passam a denotar retrimento, desamparo, requerendo mais compaixão, assim como as suas atitudes em todas as situações e atividades" (Heringum, 6^a ed.: § 255; HFL).

Em sua obra *Homeopatia, Escritos Menores e Preceitos*, na lição "Correspondência de Órgãos e Direção de Cura", Kent fez alguns comentários sobre a importância da mente humana em relação aos demais órgãos físicos. Cita a Lei de Hering, associando o *mais interno do homem* à mente e suas potencialidades (intuição, entendimento e memória), mostrando nitidamente sua *mais alta hierarquia* e exemplificando a influência da mesma nos órgãos materiais. Correlaciona o *intelecto* (razão) ao trato gastrointestinal, ao sistema genitourinário e aos pulmões, a *intuidade* (sentimentos, afetos) correlaciona ao coração, ao fígado e aos órgãos genitais femininos:

"Hering foi o primeiro a introduzir a Lei de Direção dos Sintomas: de dentro para fora, de cima para baixo, na ordem inversa de sua açãoção. Isto não aparece nos escritos de Hahnemann. É a chamada lei de Hering. Pouco bí desta lei na literatura homeopática, exceto a observação de que os sintomas vão de cima para os extremidades, e que aparecem erupções sobre a pele e descargas das membranas mucosas ou nicteras sobre os pernas quando desaparecem os sintomas internos." (...) Na cura de dentro para fora, de acordo com a lei, nem sempre émos as mudanças mentais serem seguidas por sintomas de pele - que é um devenir afrouxado mais rápido. Este é mais lento e mais gradual quando o estômago ou o rim estão desordenados. Então isto passa através de séries de erupções enquanto a valanga melhora, aparecem catarros e erupções" (*Homeopatia, Escritos Menores, Aflosmos e Preceitos*).

O *mais interno do homem* está constituído pela *intuidade*, o *entendimento* e a *memória* e isto se estende para o exterior através do organismo físico em geral. Esta ideia se relaciona com a direção dos sintomas - do *mais interno para o mais externo* (...) Quando se está tratando um paciente malando em suas facilidades reflexivas, enquanto o paciente melhora, aparecem desordens estomacais ou intestinais.

côlicas e diarréia, a desordem extende-se através do canal intestinal. Em outro paciente aparecem afreguesias reais com albuminúria na urina, no curso de uma reação onde houve desordens mentais. (...) As vezes, as facultades intelectuais correspondem aos pulmões. Os pulmões fazem parte o corpo o que a intelecto faz para o homem. (...) Quando um paciente está enfermo da vontade, quando o amor tornou-se ódio, quando deseja destruir a própria vida, ou fugir dela, ou matar seus próprios filhos, quando uma mulher sente aversão por seu esposo, ou quando o sistema da vontade está pervertido; que ocorre quando se faz uma prescrição errada? «corrupção ou o fígado serão afetados, estes correspondem ao sistema voluntário. Não ocorrerão afecções do estômago nem dos rins, nem que aparecerão distúrbios cardíacos ou hepáticos quando se prescreva para afecções da vontade. (...) O sistema voluntário corresponde ao coração e ao fígado» (Homeopatia, Escritos Menores, Afazismo e Preceitos).

Observamos neste capítulo a analogia dos termos alma e espírito, utilizados por Hahnemann frequentemente, sem distinção entre si. Quanto à mente, sede da vida psíquica, observamos que Hahnemann considerava-a como órgãos mentais e psíquicos, órgãos de mais alta hierarquia, quase não-materiais, intrinsecamente sutis, com uma unidade própria, mas em relação direta com os órgãos físicos e a alma. Este psiquismo sofre a influência das emoções e dos medicamentos homeopáticos que despertam estas mesmas emoções na experimentação com o indivíduo saudável.

CAP. XI

Unidade Físico-Vital alterada por Excessos Intelectuais e Emocionais

S. Hahnemann

A influência das excitações emocionais e psíquicas em nossa saúde é comparável a qualquer outra afecção dinâmica que possa nos atingir, seguindo as mesmas regras destas. Atuando como higienista e dietista, Hahnemann delega à prática de exercícios diários o mister de manter o equilíbrio psicosomático, criticando o uso excessivo da mente, como o fazem os estudios. Como discutido anteriormente, relaciona a mente à *maquinaria corporal - a elas (homens) esfervilha para usarem em prol de uma vida completa*. Nesta interação entre o corpo e a mente, temos na força vital o elo de ligação, sendo exaurida ou incrementada ao organismo, com o excesso de atividade mental ou a prática saudável de exercícios musculares, respectivamente.

Concede de bom grau, que o conflito de paixões opostas e de goces multiplicados, a indulgência e a falta de exercícios podem ocasionar nos países das grandes cidades enfermidades mais numerosas e mais raras que as que se encontram sob o leito rústico de uma cabana de aldeia (Escrípulas na Balança, 1805; Opusculos de Hahnemann, p. 98)

Não é somente o desgaste fixo excessivo que prejudica a pessoa, mas, sobretudo, o estudo constante de tensão mental, a mente esgotada, por sua vez, afeta o corpo de maneira negativa (...) Cozar a vida com a mente tranquila e corpo são é para o que o homem foi feito (...) O corpo e seus membros devem ser mantidos em funcionamento.

mento e exercitá-lo, para que a pessoa possa usar sua mente sem detimento de sua saúde. Somente num corpo rigoroso é que a mente pode trabalhar com liberdade, energia e resistência (...) Mas até mesmo o mais resistente dos corpos devem treinar silenciosamente, arcar com a ruína do mundo habitual da vida dos ermitões que, unilateralmente, usam apenas suas mentes e órgãos e ólas associados, deixando o resto da maquinaria corporal - a eles ofertada para usarem em prol de uma vida completa - na inutilidade. (Carta a um filhote, Samuel Hahnemann's *his life and work*, cap. VII, suplemento 37 vol.II)

(...) Estudos exaustivos e pensamentos profundos aborrecem uma grande porção da energia vital necessária à de�ilhia do frigo num celeiro. Esta atridade é uma causa irragiaria, comparado à primeira (...) como pode tudo isto ocorrer sem que haja uma evidente alteração de toda a força vital, ou então o aduecimento daqueles órgãos que são os mais consumidos pelos estudos: cérebro, nervos e olhos? (...) O descanço de mentes e de suas forças tem muito antes que o desenvolvimento da mente. A mente só consegue atingir o movimento útil de igualdade daqueles órgãos que, por um uso constante, a pessoa chegar a desenvolver com a perfeição possível, através de suas atividades diárias (...) O tempo dedicado aos exercícios corporais é bem retribuído pela energia e pela disposição da mente que se lhe segue, pois pode atingir von mesa hora o que levaria custado um mero dia para alcançar". (Carta a um jovem ermitão, Samuel Hahnemann's *his life and work*, cap. VII, suplemento 37, vol. II)

"En. desse o próprio Hahnemann, procurara assimilar o que há, das poten. por rém muito bem e tinha tudo em ordem no meu espírito, antes de passar adiante. Não esquecia, entretanto, de procurar exercício para o meu corpo, manutenção do ar frio, essa alegria e essa força, graças às quais facilmente podia manter a tensão contínua de meu espírito." (Iniciação homeopática p. 18)

Uma paixão semelhante, mas mais forte, extingue outra mais fraca da nossa mente. Enquanto uma afecção dinâmica qualquer afeta nossa força vital imaterial, desequilibrando-a e sendo reequilibrada pela administração de uma potência semelhante mais forte, a mente é desequilibrada por paixões ou outras excitações psíquicas (afecções dinâmicas de natureza diversa), sendo reequilibrada por uma excitação semelhante e mais forte. A unidade mental (físico-mental) é afetada da mesma forma que a unidade orgânica (físico-vital).

"Algj parecido acontece na mente humana" / * Por exemplo, numa moça mergulhada em miséria pela morte do seu companheiro, se levada a ver uma família onde as crianças pobres e seminhas haviam recentemente perdido seu pai, seu único sustento, não se tornará mais triste por testemunhar esta tozunte cena, mas será dessa forma consolada pelo seu infelicíssimo menor. Ela é curada de sua tristeza por seu

companheiro, porque a unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo, e uma paixão deve ser extinta quando outra paixão semelhante, mas mais forte, tomou posse da sua mente, e age como um remédio homeopático que extingue a primeira. A moça não seria tranquilizada e curada de sua tristeza pela perda do companheiro, se sua mãe o censurasse colericamente (inflúencia heterogênea, allopática), mas, ao contrário, sua mente estaria mais desolada por este ataque de tristeza de outra natureza. De maneira semelhante, a moça triste, se não fizerem causar um alívio aparente mas somente paliativo de sua tristeza, por meio de desordens, iria, em seu subdô, marginalhar em uma tristeza mais profunda e choraria muito mais intensamente que antes pela morte do seu amigo (porque esta afecção teria aquí somente um caráter oposto, antihomopático). Da mesma forma que ocorre na vida psíquica, ocorre na vida orgânica. A unidade de nossa vida não pode ser prejudicada e receber duas afecções dinâmicas gerais da mesma natureza no mesmo tempo, porque se a segunda for semelhante à primeira, a primeira é deslocada por ela, se o organismo for mais energicamente afetado pela segunda.)" (O Espírito da Doutrina Médica Homeopática - 1813: Revista de Homeopatia, pp. 69, 71)

O despertar da Psora e a agravação dos transtornos crônicos ocorre *pelos pesares e contrariedades diárias, pelos aborrecimentos que atmurgaram a vida e abatem o espírito, mais certa e mais frequentemente que todas as demais influências prejudiciais que operam no organismo.* O propósito central dos cuidados e do amor fraternal do médico é aliviar o pesar e as contrariedades do paciente.

"(...) perdas tristes de parentes queridos abatendo o espírito pelo pesar ou contrariedades diárias e aborrecimentos que atmurgaram a vida, (...) nessas ocasiões, a Psora que até então estivera adormecida, acorda e manifesta-se nos sintomas intensificados e aumentados enumerados abaixo, em sua transição ate à formação de sete crônicas". (Doenças Crônicas, 1828. Natureza das Doenças Crônicas, p. 82)

A mais frequente excitação da Psora adormecida alié fornecer-se uma doença crônica e a mais frequente agravação dos transtornos crônicos já existentes, são de longe as causadas pelo pesar e pelas contrariedades. Pesar e contrariedades interrompidas acentuam um breve tempo inclusive os mais diminutos traços de uma Psora adormecida fornecendo-a manifesta nos mais severos sintomas; depois, o pesar e as contrariedades desenvolvem estes sintomas numa manifestação extensiva de todos os sofrimentos crônicos imagináveis, mais certa e mais frequentemente que todas as demais influências prejudiciais que operam no organismo humano, na vida humana médica, apesar destes dois agentes aumentarem também tão certa e freqüentemente os transtornos já existentes. Da mesma forma que o bom médico ficará satisfeito, quando puder unir um jocante e mantê-lo afastado do leito, a fim de fazer progredir

uma cura que não está embarracada por tais obstruções, em tal caso tentar-se é mais do que nunca encumbado da tarefa de fazer tudo que for possível dentro do poder de sua influência sobre o paciente, suas famílias e circunstâncias, para afastá-lo do pesar e das contrariedades. Este será e deve ser o propósito central de seus cuidados e de seu amor fraternal." (Doenças Crônicas, 1828; Pura, p. 149)

Nas próximas citações, vemos a influência, no experimentador e no paciente crônico, das novas psíquico-afeitas (pesar, mágoas e contrariedades), elementos mais destrutivos da vida, em quem a economia vital está sendo destruída por contínuos ataques à mente. Hahnemann diz que a filosofia, a religião e o controle sobre si próprio dão subsídios ao docente para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar. Chega mesmo a negar a ação dos medicamentos homeopáticos, que sejam os mais peculiares e os mais bem adaptados ao transtorno corporal, desde que não sejam afastadas estas impressões mentais perturbadoras, que minam os alicerces da individualidade. Vemos aqui o nível hierárquico superior da mente e sua influência sobre a unidade físico-vital:

A melhor oportunidade para exercitar e aperfeiçoar nossa capacidade de observação é proporcionada pela aplicação a nós mesmos de experimentações medicamenteulas. Enquanto erra todas as influências medicinais exteriores e impressões mentais perturbadoras, nesse importante processo, o experimentando, após ter tomado o medicamento, tem a totalidade de sua atenção dirigida a todas as alterações da saúde que ocorrem sobre si e em seu íntimo, a fim de observá-las e registrá-las corretamente com a sensibilidade sempre atenta e os sentidos sempre alertas." (O Observador Médico, 1825; The Lesser Writings of Samuel Hahnemann, p. 724)

Mas se as reduções do paciente não podem sofrer melhorias a tal respeito, e se ele não tiver filosofia, religião e controle suficiente sobre si próprio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar, se o pesar e as contrariedades abalarem-se continuadamente sobre ele e se foge à alçada do médico efetuar uma reação curadora desses que são os elementos mais destrutivos da vida, temos melhor que descrever o tratamento e deixar a felicidade intrínseca à própria sorte, pois nenhuma o mais competente cuidado de caso com remedios que sejam os mais peculiares e os mais bem adaptados ao transtorno corporal de nada servirá, para absolutamente nada, na cura de um paciente crônico, quando de modo às mágoas e às contrariedades e em quem a economia vital está sendo destruída por contínuos ataques à mente. Proseguir com a mais fantástica edificação é tolér, quando seus alicerces estão sendo diariamente arruinados, raciono que apenas gradualmente, pode agir das ondas. (Doenças Crônicas, 1828; Pura, p. 149-150)

A unidade vital do organismo (princípio vital), é afetada por *paixões debilitantes, infortúnios e preocupações*, que são *distúrbios da mente e do coração*.

"Durante os anos mais floridos da juventude e no iniciar-se a menopausa regular, a par de um modo de vida benéfico à mente, ao coração e ao corpo, elas [doenças crônicas] frequentemente passam despercebidas vários anos, os afetados por elas aparentam, pois, saúde perfeita nos amigos e parentes, como se a doença neles atingida por contagio ou hereditária desde bem cedo desaparecido completamente. Contudo, nos anos seguintes, por causa de acontecimentos e circunstâncias adi essas da vida, ela insuficientemente ressurge, desenvolvendo-se com maior rapidez e adquirindo um caráter mais grave quanto mais o princípio vital ter sido afetado por paixões debilitantes, infortúnios e preocupações, mas, principalmente, mediante um tratamento médico inadequado. (Organon, 6^a ed., § 78, nota HFF)

A mente, entidade distinta da unidade físico-vital, devido a seu nível hierárquico superior, atua sobre o princípio vital desequilibrando-o, desde que seja afetada pelas noxas psíquico-emocionais. Em vista disso, podemos pensar numa unidade mental, diretamente relacionada à entidade superior humana (espírito ou alma), que abarca as manifestações psíquicas e emocionais do ser, possuindo ascendência e interagindo com a força vital e o corpo físico.

CAP XII

Saúde e Moral

S. Hahnemann

Conforme o exposto anteriormente, pela diferenciação entre a unidade mental e a unidade orgânica, deverá existir uma outra forma de buscar o equilíbrio dinâmico da saúde, atuando em níveis superiores da entidade humana, que não seja somente através dos medicamentos homeopáticos.

O fato de o equilíbrio vital orgânico (força vital-corpo físico), conseguido através do medicamento simillimum, não ser duradouro, podendo-se esgotar caso o homem não atue de uma forma digna e ética, direcionando seu livre-arbitrio (mente) para os mais altos fins de sua existência (moral), relatado na concepção miasmática de vários autores clássicos, corrobora a distinção entre a unidade físico-vital e a unidade mente-espírito, sendo influenciadas e necessitando de estímulos distintos para manterem seus estados de equanimidade.

Nas citações abaixo, Hahnemann vê o *caminho da moral* como o mais eletrizante objeto da vida, que aproxima o homem ao Criador através de sensações que asseguram sua felicidade, de ações que exaltam sua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo, exercitados pelo supro divino ou espírito racional na busca do crescimento interior e da evolução espiritual. Vai mais além, responsabilizando o afastamento dos preceitos morais ao aumento

do número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade.

"Habitante da terra, me dizes, quão limitado é o número de teus dias neste mundo, e quantas dificuldades encontrarás a cada instante para proporcionar-te uma existência confortável quando queres permanecer no caminho da moral? Mas todos estes pesos que tão caro pagas, que satisfazem quando te falta a saúde? E com quanta frequência não sucede que se desarmonize a saúde, e que tuja perturbada por incomodidades menores ou maiores gravas? Como calcular o número de enfermidades e de dores sob cujo peso os mortais dobram-se e arrastam-se puntingamente até o término de sua existência, e que não lhes perdoam nem mesmo no meio das festinias da glória, nem os pesos do luxo? Seria dívida oh homem! quão nobre é tua origem, quão grande teu destino, e quão elevado o objeto de tua vida! Nunca estás destinado a apresentar-te por meio de sensações que asseguraram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimentos que alargam a universo, an grande espírito que adoram todos os habitantes dos reinos subterrâneos? Seria possível que o supremo divino que te anima e que te inspira tão nobre attidão fosse condenado a sucumbir, num que nada pudesse socorrer-lhe, sob a influência destes ligérios desregimentos do corpo a que davas o nome de enfermidades?" (*Esculápio na Balança*, 1805. Opiniões de Hahnemann, p. 91).

"... Não há possibilidade de existir alguma coisa no cerum naturalis que possa abençoar o animal. Isto é uma contradição em si e encanta o sedutor que studa o moral com a exibição da segura perspectiva futura da constituição da liberdade perfeita, desse modo, eles só aumentam o número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade. A Deidade de pura bondade que anima o universo infinito também habita em nós c. em nome de nossos mais elevados e mestimazeus atos, nos da uma razão e uma certeza de santidade em nossa consciência - gerada pela plenitude de sua própria moralidade - e que só precisamos cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes, essa razão para pode, com seu verdadeiro mérito el. manter subjugados os motivos de nossa natureza animal de modo que o final de nossa existência aqui condicione possa ser processualmente realizado, e para tanto a deidade dia-nos de força suficiente." (Carta a Stapp, Kötben, 14/01/1828. *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol II, cap. XX, suplemento 189)

Acredita numa outra existência além da terrena (*lá em cima*) e numa evolução moral adquirida gradualmente pela razão através de nossa consciência, certeza da divindade, precisando-se cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes. Claro está que o processo evolutivo é lento e progressivo, com necessidade de esforço e dedicação diários.

a firm de manter subjugados os motivos de nossa natureza animal, frutos de nosso estado primitivo anterior, contrariando totalmente o preceito involucionista da perda dos bens anteriormente adquiridos.

No texto abaixo, vemos a importância que Hahnemann dava ao desenvolvimento e enobrecimento do espírito inteligente, ou seja, à evolução espiritual do ser humano.

"Todem é muito diferente quando se trata de objetos cuja essência consiste em manifestações da vida, e notavelmente quando há que tratar a carne do homem para conduzir suas manifestações morbosas no estado de saúde, ou seu espírito para desenvolvê-lo e enobrecê-lo." (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808, Opúsculos de Hahnemann, p. 133)

Entendendo por moralista o instrutor do espírito humano no caminho do crescimento interior ou progresso moral, Hahnemann exemplifica a forma de atuar através da *psicologia experimental* (empírica), conhecendo-se a *história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode conduzir o homem extrai iado ao caminho da virtude*, negando a utilidade de qualquer *conhecimento ontológico da essência da alma humana*. Baseia seus fundamentos no exemplo práctico de Sócrates, dizendo que o mesmo, para conduzir os homens à virtude, *já não necessitou entregar-se a especulações ontológicas a respeito do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual iusto da alma*. Claro está, a importância dada por Hahnemann de se atingir níveis mais profundos do homem (alma ou espírito), através de práticas outras além dos medicamentos homeopáticos (psicologia socrática).

"O instrutor sabrá está bem persuadido desta verdade. Assim poupa-se no possível a fadiga inútil, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto exige-dele, além-se a ele a posteriori, ou que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de aturaduras, a psicologia experimental. Nem pode, nem necessita saber mais." (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808, Opúsculos de Hahnemann, p. 134)

"O moralista sabe que estando-lhe negada o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada podia servir-lhe, só necessita, adentrar da psicologia experimental, da história das erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraiado ao caminho da virtude. Sócrates, que cultivava tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitaria conhecer

*a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à verdade por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo (...) jamais necessariamente conseguir seu nobre objecto, entregar-se a especulações entológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual rincão da alma. Do mesmo modo o médico não tem necessidade mais que de um conhecimento histórico do modo de comportar-se o organismo humano no estudo da saúde e do modo de manifestar-se a enfermidade individual, para poder socorrer a esta última fogo que tenha encontrado o meu concorrente. Não pode saber mais, porque tão pouco lhe terra servida de nada sabê-lo. Concretizei mais, mas a dignidade da medicina em imaginar teorias, que em adquirir a habilidade necessária para curar as enfermidades?" (Filia dos Sistemas em Medicina, 1798, *Opróbrios de Hahnemann*, pp. 138, 139)*

Exemplificando qual deveria ser a postura do *observador médico* e assumindo o compromisso de divulgar a arte homeopática, Hahnemann ilustra sua concepção de *missão humana, no aprimoramento íntimo e na prática do bem*, acima de qualquer bem material, que poderíamos entender como evolução moral do ser inteligente capaz de agir segundo seu livre-arbitrio: "fui posto aqui na Terra para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar". A sua visão é clara e profunda, submissa a Deus, universalista, sem assimilar tal ou qual corrente mística ou religiosa.

"Escolhi de preferência um mestre que juntas se maiores grosseiros, que nascem se irrita, saem à vista de uma injustiça, que não desculpe de pessoa alguma, salvo os frouxeadores, que tenham prêmios antigas, mas por antigas, botões de coração; que devem ser os que sofrem a liberdade de se lastimarem, que junque embaixada sem preter reflexão; que prescreva poucos medicamentos, a maioria das rezes um único e em satisfação que era modestamente e retratado, afastado do ruído da multidão; que não discute o mérito de seus confrades e não fizer autoelogio, enfim um amigo da ordem, da tranquilidade, um homem de amar e de caridade. Antes de escolherdes um médico observar como ele se comporta com os doentes pobres e se em seu gabinete, quando está só, ocupa-se com trabalhos sérios." (A escolha de um médico, carta a um príncipe, 1795, A Perfeição de Samuel Hahnemann: sua vida e sua obra, p. 24).

Assim qualificado, o *observador médico* não pode deixar de alcançar seu objetivo, especialmente se mantiver à tese a elevada dignidade de sua vocação - como representante do Pai Poderoso todo bondade a servir suas amadas criaturas humanas, restaurando os organismos destruídos pela doença. Ele sabe que as observações em questões médicas devem ser feitas com uma disposição franca e respeitosa, tanto sob a vista de Deus onisciente, a juiz de nossas pensamentos secretos, e devem ser registradas de modo a satisfazer uma consciência integral, o fim de que se possa comunicá-las ao mundo com o

discernimento de que bem terreno algum é mais digno de meus esforços céleiros que a preservação da vida e da saúde de meus semelhantes" (O Observador Médico, 1835. *The Lesser Writings of Samuel Habenmann*, p. 724).

"Se eu não souber para que fui fui posto aqui na Terra - para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar - toria de me considerar muito como imprudente, se tornasse conhecida para o bem comum, ainda antes de mudar mundo, uma arte que só em paua e da qual estás dentro de mim fizer a mais presteza possivel se guardando-a em segredo" (Doenças Crônicas, Prefácio à Primeira Edição, 1828).

Agradeço com sincera gratidão a infinita misericórdia do Senhor e grande Fudor de todas as boas coisas, por ter-me preservado até agora com força e alegria de viver, em meus tantos ataques de meus muios. E não tenho mais nenhum outro desejo que apresentar ao mundo de manter digno o bem que o Senhor permitiu-me descobrir ou possuo dizer, que a sua vontade, para o alívio dos sofrimentos da humanidade. Estarei então pronto para partir desta vida" (Carta a Stapp, 15/04/ 1827; *Samuel Habenmann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 1911).

"Existe felicidade maior que a de fazer o bem? Mesmo depois que fizermos parte daqui, o único e infinito Ser que prouvar a felicidade de todas as criaturas irá mostrar-nos como nos aprimorar de Sua perfeição e santidad, através de atos de benevolência, assim encinando-nos a tornarmos mais semelhantes a Ele por toda a eternidade" (Carta a Stapp, 14/01/1828; *Samuel Habenmann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 1897).

Incorporando uma postura universalista frente às filosofias e às religiões, enfatiza a necessidade do homem buscá-las como meio de auxílio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelas quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar, sem no entanto dirigir seus ensinamentos para uma determinada corrente filosófico-religiosa. Mostra sim, como exemplo máximo de prática religiosa, a vigilância constante das nossas ações, a constante supervisão de nossas paixões animais, com o intuito de encontrarmos a paz de consciência, que nos faz repousar na amizade do Único.

"Mas se as relações do paciente não podem sofrer variações a tal respeito, e se ele não tiver filosofia, religião e controle suficiente sobre se próprio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelas quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar (.)" (Doenças Crônicas, 1828; Psora, p. 119).

"Illustrava cuidadosamente suas horas. Cada hora perdida, não empregada em nosso melhor projeto e no dos outros, é uma perda irreparável que uma consciência sensível não pode jamais esquecer. Nada há mais que precisemos e querer e conter que

as nossas inclinações físicas, incluindo até a imaginação. Nossa parte animal requer supervisão constante e um controle tão estrito e incessante quanto o que fazem nosso poder de raciocínio. Somente por meio de uma certa constrição é que nos tornamos felizes por meio dessa consciência elevada e sã da qual Sentimos entusiasmo que respondemos na dimensão do Exclusivamente Físico... Ficé quer alguma outra religião? Não existe. Tudo o mais é uma concepção humana miseravelmente baixa, cheia de superstição, verdadeira destruição da humanidade." (Carta a um paciente, 1820; 1830; *Samuel Hahnemann, his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 1891*)

"... Precisamente assim que é mantida a distância da cura da humanidade e do que podemos trazer à luz que alcançasse seus altos e ento dirigiisse sua cura para dentro de si mesmo e para o imenso universo em cuja constante prevenção seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada haveria que possa eximirlos do inferno de sua consciência, quando diante da impotência de seu Supremo Benfeitor, as esquecem-se do propósito de seu ser e preferem a satisfação de suas paixões a imitar à Aproximação Superior." (Carta a Staph. Kothen - 14/01/1828; *Samuel Hahnemann his life and work vol. II, cap. XX, suplemento 1891*)

O romper da Psoria interna é facilitado com os vícios e desregramentos morais do homem, sendo necessário um trabalho na busca deste equilíbrio íntimo, embasado em valores elevados, para que os medicamentos homeopáticos possam atuar beneticamente.

"Um grande e insalubre obstáculo à cura de doenças crônicas tanto atingidas é freqüentemente encontrado na delinuidade e na fraqueza em que caem os jovens estragados por pueras e que são desencaminhados pela superabundância e pela derrogação daqueles, seduzidos pelas companhias depravadas, por paixões e excessos desordenados, por paidegas, por abuso do instinto sexual, pelo jogar de azar, etc. Sem a menor consideração pela vida e pela consciência, corpos originalmente robustos são debilitados por tais vícios até tornarem-se metas sonâmbulos de humanidade, sendo além disso arruinados pelo tratamento pernicioso de suas doenças e reumatismos, de modo que a hora, que muitas vezes está enhosada no interior do organismo, acolhuma-se e emerge como a mais digna de penar das doenças crônicas as quais, mesmo que a moralidade do paciente tenha melhorado devido a um remorso deprimido e que haja um frequente remanescente de seus poderes, suas desordenações, deviam apenas face a maior das dificuldades o alívio antipsóótico. Estes casos devem ser abordados pelos médicos homeópatas como curadores suportando com as maiores cautelas e respeito. *Homœocritica, 1826; Poiss., pp. 152, 153*)

"No estudo de saúde do individual reina, de modo absoluto, a força vital de tipo min material (*Autocrático*) que anima o corpo material (*Organizado*) como Iyanus, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nascem espírito racional que nele habita,

possa servir-se livremente deste instrumento vivo e saudoso para um mais elevado objectivo de nossa existência" (*Organon*, 6^a ed., § 9 - BHFL)

Novamente citamos o parágrafo nove do *Organon*, no qual Hahnemann sintetiza claramente a maioria dos conceitos anteriormente abordados: (*força vital imaterial, autoctônica, que anima o corpo material como Dynamis*"), onde descreve a função da força vital instântanea em animar e dar vida ao corpo físico, formando com este a unidade físico-vital do organismo humano; (*mantendo todas as partes do organismo em harmonia vital nas suas sensações e funções*"), responsabiliza a força vital pelo equilíbrio psicosomático do homem; (*massa espírito racional que nele habita*"), demonstra a diferença entre força vital irracional e espírito racional e reitera sua concepção dualista corpo-espírito, estando o espírito ligado ao corpo enquanto ocorra a vida. (*possa servir-se livremente deste instrumento vivo e saudoso para um mais elevado objectivo de nossa existência*"); mostrando-nos a utilização do organismo vivo pelo espírito, como um instrumento que lhe proporcionará curuções para evolução moral e espiritualmente.

CAP. XIII

Despósito das Discussões Metafísicas e Especulativas

S. Hahnemann

Desde o início de seus escritos, Hahnemann critica o excesso de especulações, que não auxiliem a cura do doente. Na citação abaixo, apesar de aceitar uma espécie de explicação que a aplicação forçada dos axionas da antropologia à patologia nos permite, afasta-o terminantemente de sua prática clínica, dizendo que se estes são válidos no indivíduo saudável, não o são no indivíduo doente.

"É verdade que reunindo experiências puras e meditações imparciais aos dados fornecidos pela anatomia, pela física e pela química chegamos a formar uma grande massa de hipóteses e teorias acerca das funções e dos fenômenos vitais do corpo, não porque no corpo são os fenômenos reproduzidos com bastante semelhança... Mas não é menos certo e muito desanimador que as noções antropológicas ou fisiológicas começam a ser-nos inúteis precisamente no momento em que o corpo se afasta da saúde (...) Não há dúvida que a aplicação forçada dos axionas da antropologia à patologia nos permite dar uma espécie de explicação, porém esta é sempre uma ilusão e um erro capaz de extraviar-nos" (Esculápio na Balança, 1805; Opúsculos de Hahnemann, pp. 107, 108)

Mantendo uma postura estritamente prática, habilidade que permitiu à Homeopatia permanecer atuante até os dias de hoje, afirma *como uma princi-*

posição inconfessável, que é preciso renunciar a todas as dietárias ontológicas acerca da enfermidade, objeto para sempre enigmático». Frisando ser a Homeopatia um método terapêutico com fundamentos simples e claros, diz não haver necessidade de perder-se em discussões metafísicas e escolásticas sobre a impenetrável causa primária das enfermidades.

Apesar de suas críticas, em geral, estarem direcionadas para a medicina da época, venho nas suas justificativas a acertiva da inutilidade de discussões filosóficas que se afastem do modelo curativo, incluindo a **escolástica**¹, filosofia que fundamenta o modelo homeopático antropológico tomista.

Ele continua desafiando, afirmando que medo e pesar são graus menores de confusão e tristeza. Se eu fosse me atorcer em fazer essas alegações, eu poderia dedicar qualquer causa de qualquer prenúncio, sendo muito fácil, dessa forma, ser um escolástico sofista. Não mereço querer arranjar lhe duas escalas no topo de uma permanece a indiferença, e abaixo dessa mesma embaixo ressentimento, pesar, desespero. A outra escala tem a indiferença na sua parte mais baixa, e subiremos na mesma escala para confusão, alegria e êxtase! *Obras e Artes Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown, 1801: The Lesser Writings of Samuel Hahnemann, p. 339.*

Tudo então soma todas as terapêuticas de Brown para doenças de, e se compõe das por juntas! Aquela boa índole e juventude, envoltas por um regime apropriado, fazendo sentir nela mais que aí e mesmo por si só curarão doenças que tentam outras causas que não segundas deficiências e o excesso de excentricidade, e um fenômeno diariamente testemunhado pela observação, seu precursor, o qual, entre tanto, deve ser explicado ou negado por Brown para suportar seu sistema esotérico. *Obras e Artes Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown, 1801: The Lesser Writings of Samuel Hahnemann, p. 394.*

Bem! diga eu. Tudo que deve haver um meio seguro e certo de curar, resumido como há um Deus, o mais certo e melhor de todos os seres, deixar o campo aberto das explicações antilogicas, más normas más de operações arbitrárias, qualquer que seja a arte com que hajam sido reduzidas a sistema: não me inclinarei mais ante a autoridade dos homens célebes, ponham buscas alredor de onde der e cair.

[Verbo: escolástica (termo substantivado do adj. escolástico, da grandeza usada, pelo lat. scholasticus, partidário da escolástica). Doutrinas teológicas-filosóficas dominantes na Idade Média, dos séc. IX ao XVII, caracterizadas solenemente pelo problema da relação entre a fé e a razão, problema que se resolve pela dependência do pensamento teológico representado pela filosofia grego-romana da teologia cristã. Desejavam-se que a escolástica incluísse sistemas que se definiam, de ponto de vista estritamente filosófico, pela posição defendida quanto ao problema dos universais, e dos quais se destacaram os sistemas de Santo Anselmo, de São Tomás de Aquino e de Guillermo de Ockham.]

esse meia-terra que nenhuma pena via, porque era demasiado simples, porque não parecia bastante sábia, porque não valia a entidade em coros para os mestres na arte de construir hipóteses e abstracções esoterísticas” (*Carta a um médico de alta categoria a respeito da origem de uma reforma em medicina, 1808. Opúsculos de Hahnemann*, p. 123).

“Então não pode dizer de olhar como sua profissão inconcebível, que é para ele renunciar a todas as decisões ontológicas acerca da enfermidade, objeto para sempre engomado, que basta ao que quer curar, considerar cada enfermidade como um grupo de sintomas e de sensações, para poder distinguir sua resistência com o auxílio de suas subordinações medicinais, capaz de produzir por si mesma um número infindável análogos não sóbrios satisfação.” E que já não haveria necessidade de perder-se em decisões metafísicas e esoterísticas sobre a impenetrável causa primária das enfermidades, dessa maneira de racionalismo, que nunca conduzem mais que a mística ignorância de tratamento.”

Carta a um médico de alta categoria a respeito da origem de uma reforma em medicina 1808. Opúsculos de Hahnemann, pp. 123-125.

Demonstrando sua antipatia às teorias filosóficas e sofistas¹, quando à *infidelidade do corpo organizado* e à *força intelectual que acha dentro dele* – diz que o *verdadeiro saber e o filósofo modesto olham nos com repugnância*:

“Por tanto os filósofos devem avisar em que os humanos tem se o apelo de filosofia e de medicina, não se deve o menor passo no conhecimento a guia de vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que acha dentro dele. Todas as frases desprovidas de sentido, através das quais acreditam-se estabelecer demonstrações, todas as subterfúgios dos sofistas sobre este objeto, cujo círculo envolve nos e inacessível, não valem demonstrar nada, o Verdadeiro saber, o filósofo modesto olham nos com repugnância. Nem se poderá com efeito um metro que fosse suscetível de conduzir-nos a esse conhecimento. Não jamais, juntos chegarão os mortais a talença de que se oculta no sequestro das edades do Deus criador, infinitamente superior a nossa limitada inteligência.” (*Fluxus dos Sistemas em Medicina*, 1808. Opúsculos de Hahnemann, p. 133).

Reiterando sua visão experimental e funcional, se por um lado critica os filósofos sofistas com suas elucubrações teóricas sobre a organização *subtil* do ser humano, por outro enaltece Sócrates com sua abordagem prática da *pси-*

¹ Verbete sofista (Do gr. *sophistiké*, salvo pelo lat. *sophista*) Toda tribo dos filósofos gregos contemporâneos de Sócrates que dominavam a sua profissão de ensinar a sabedoria e a filosofia, e entre os quais se destacam Protagoras (480-410 a.C.), que afirmava ser o homem a medida de todas as coisas, e Górgias (485-380 a.C.), que atribuía grande importância à linguagem. Os sofistas desenvolveram especialmente a retórica, a eloquência e a gramática.]

logos experimental, que, após observar as faltas humanas, conduzia os homens ao caminho da virtude argumentando com seu próprio exemplo: “já-mais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesma, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma”. Apesar de profundo filósofo natural, Hahnemann abominava qualquer modelo metafísico que procurasse explicar a natureza íntima das doenças.

“Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que trazia uma opinião tão esquista da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes. Sócrates só necessitaria conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo (...) Juntam necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesma, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. (...) Sem dúvida, se as especulações e os sistemas metafísicos sobre a essência íntima das enfermidades supondo que tivessem algum fundamento, fossem úteis para o homem que quer curar as enfermidades, (...) não seria de presumir que os fabricantes de sistemas e seus adeptos fossem melhores médicos que os demais, posto que possuam o que eles chamarão a verdadeira, a mais sólida base da medicina?” (*Síntese dos Sistemas em Medicina*, 1898. *Opiogénus de Hahnemann*. pp. 139, 1-101)

Assim como Sócrates não procurava conhecer a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma, Hahnemann não se interessava por especular sobre a natureza metafísica do terror, do medo, da aversão, da cálera, do pesar etc., pois em nada auxiliaria na busca do medicamento correto que cure suas consequências. Evitando qualquer especulação metafísica acerca da teoria miasmática, a qual ancorou em patologias físicas conhecidas, diz que os miásma mürbidos nos são tão desconhecidos em sua essência íntima, como os mesmos males que deles dependem, ainda quando Deus nos revelasse as mudanças iniciativas que um miásmo crônico determina no interior das partes mais sutis de nosso corpo, ainda quando nosso espírito fosse capaz de receber uma instrução tão transcendental, este conhecimento intuito não nos conduziria todavia a remédio específico, o único que nunca deixa de produzir seu efeito.

“O terror, o medo, a aversão, a cálera, o pesar, um resfriamento etc., são impressões que não podemos submeter a uma análise física. Ignoramos como e até que ponto estas impressões modificam o corpo humano, e quais são precisamente as enfermidades que resultam. Nossa ignorância neste ponto é tal, que não damos um

pesso a mais no tratamento, quando nós indicarmos o nome da causa presumida, quando nós dissemos que eram o terror, o medo e o peso ou a calma. As especulações, mesmo a mais abstrata sobre a natureza metafísica do terror, não fornecerem um princípio a nenhuma indicação que lhe ilustre acerca da marcha que deve seguir para curar suas consequências, jamais pronunciam o nome do remédio específico das afeções agudas do terror, que é o ópio. É fácil dizer que a sarna depende do excesso psóico, a sífilis do vício veneno, a varíola do vício cariálico, a febre quartária do ar dos pántanos. Mas no articular estes nomes, não estamos mais adiantados relativamente ao conhecimento e ao verdadeiro tratamento destas enfermidades. Os mesmos móbidos nos são tão desconhecidos em sua essência interior, como os mesmos males que delas dependem! [...] Ainda quando Deus nos revelasse as mudanças invisíveis que um malusmet criminis determina no interior das partes mais sutis do nosso corpo, não de modo pode penetrar o olho do anatomista; ainda quando nosso espírito, que não tem receptividade mais que para as impressões vindas pelos sentidos, fosse capaz de receber uma instrução tão transcendental, este conhecimento intuitivo não nos conduziria todavia a um remédio específico, a ámico, que nunca deixaria de produzir seu efeito." (Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades, 1809. Opúsculos de Hahnemann, pp. 166, 167)

O fenômeno da vida só pode ser conhecido empiricamente a partir de seus fenômenos e manifestações, assim como na medicina, profissão que trata da vida humana, nada a não ser o estudo do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado, ou seja, apenas os sintomas e sinais do paciente interessam para, ao defrontá-los com a Matéria Médica, escolhermos o medicamento correto em cada caso.

"O que é a vida só pode ser conhecido empiricamente a partir de seus fenômenos e manifestações, mas nenhuma concepção a respeito dela pode ser formada através de qualquer especulação metafísica a priori, o que é tudo o que sua natureza essencial, não pode ser averiguado na natureza apagada pelos mortais." (O Espírito da Domínica Médica Hahnepática, 1813; Revista de Homeopatia, p. 65)

"Bem, em uma profissão de tal importância para a vida humana como é a medicina, nada, a não ser o estudo do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção, pode ser reconhecível como o objecto a ser curado, e deve gerar nessas pessoas (escoletas conjecturas e hipóteses andem por aí elas como moscas gatas, pinkarão ser uma talice perigosa e de mais a mais um crime e traquin contra a humanidade)". (O Espírito da Domínica Médica Hahnepática, 1813, Revista de Homeopatia, p. 66)

Criticou o uso exclusivo da razão para estabelecermos modelos e explicações sobre a natureza das crises, sobre causa e efeito, dizendo que toda e qual-

quer de suas conclusões deve sempre basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade. Não acentuando os devaneios da imaginação, acrescenta que, se na sua operação, desatar-se, um único passo, da orientação do perceptível, ela perder-se-á na região limitada da fantasia e da especulação arbitrária - mãe de ilusões perniciosas e absoluta nullidade.

Afirmou que a razão meramente especulativa não pode ser uma ciéncia numérica experimental como a Medicina, pois certamente degenerará em fantasias e especulações vazias produzindo somente hipóteses arriscadas. Exemplificou na medicina teórica de sua época, em que concepções a priori e sutilezas especulativas criaram uma porção de escolas engredosas, que apenas mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são inúteis no tratamento das doenças. É enfático ao criticar a fusão em moldes escolásticos destas doutrinas e suas deduções falsas e ilógicas.

"... Em se fazendo deduções de premissas similares falsas, em deraria com igual justiça dizer, que uma diálise é gelado líquido, e vozes animais forte e sono sono e a mesma coisa, pois as duas diferentes dictas têm primeiro efeito no corpo, qual seja: a sacerdade. Isto mesmos efeitos têm a mesma causa, portanto o nutrimento e gelado líquido e o caldo de carne são uma e a mesma causa. Então esta falsa dedução escolástica é feita." *Habermans Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown 1801. The Lesser Writings of Samuel Hahnemann, p. 350*

"... E quem facilmente persegue, maltrata e manipula, o qual tem ate apesar tudo fundamentado em máximas inertias, mas quais pela força da autoridade utilizaram, terminologia vazia, sofisismo, escolasticismo, dogmas calvotipados, e operários nas imaginações, pretendo fazendo-se parecer branco de uma forma que todos ficarem contentes, especialmente onde o julgamento era perturbado pela depravação do coração do egoísmo e pela falta de liberalidade." *A Visão da Liberalidade Profissional no começo do Século XIX 1801. The Lesser Writings of Samuel Hahnemann, p. 362*

O raciocínio, seu apurado, nada pode saber por si e a priori, não pode, só por si, estabelecer conceito sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito, toda e qualquer de suas conclusões deve sempre basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade. Se, na sua operação, desatar-se, um único passo, da orientação do perceptível, ela perder-se-á na região limitada da fantasia e da especulação arbitrária - mãe de ilusões perniciosas e absoluta nullidade. Nas ciéncias puramente experimentais, na física, química e medicina, a razão meramente especulativa não pode, por consequente, ser ouvida. Isto onde, a priori, degenera em fantasias e especulações vazias e produz somente hipóteses arriscadas que, milhares de vezes, não e por sua própria natureza devem ser ilusões e falsidades. Tal tem sido

até aqui a esplêndida prestidigitação da chamada medicina teórica, em que com opções a priori e sutilezas especulativas criaram uma força de encantos orgulhosos, que aferram mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são iníveis no tratamento das doenças (...) Todas essas doutrinas artificiais depõem de ligadas entre si por toda a sorte de deduções falsas e ilógicas, eram então fundidas em moldes escolásticos pela nobre arte que se deu nis a dirigir, subdivisões e tabelamentos e "pronto" trazido fabricado, a arte médica está pronta para uso - a causa mais oposta à natureza e à experiência que é possuir o conhecer uma estrutura edificada inteiramente com as opiniões, de espécies raras de vulturas de mentalidades, diferentemente constituída." (Hahnemann. Prefácio à Segunda Edição. 1818)

"Julgo merecer a pequena extensão de nossos conhecimentos, mas unicamente o meu emprego que deles fazemos, a causa que impede ao médico de atingir a certeza e a simplicidade" (Os obstáculos à certeza e a simplicidade da medicina prática serão multiplicados. Introdução homeopática, p. 51)

Observamos, na citação abaixo, o cuidado que deservíamos ter ao ditar conclusões especulativas da intimidade humana, pela incapacidade de alcançar com nossos sentidos o processo de vida interior do homem, nem de atingir um conhecimento essencial a tal respeito.

"Não temos meios de alcançar com nossos sentidos o processo de vida interior do homem, nem de atingir um conhecimento essencial a tal respeito, e só algumas poucas vezes nos concedem conclusões especulativas a partir da que está ocorrendo, relativas à maneira pela qual o processo pode ter ocorrido ou acontecido." (Habengus Crônicas. Prefácio ao Quarto Volume, 1830)

Acreditamos estar evidente, o fato de Hahnemann abolir qualquer tendência filosófica e metafísica do modelo homeopático, pois apenas a comprovação experimental e prática poderia dar o substrato necessário para a divulgação da Homeopatia em sua época.

Em suma desse pensamento, vece suas críticas à complexidade da filosofia de Kant, dizendo que a *totalidade de sua filosofia deveria ter sido facilmente compreensível pelo menos por todas as pessoas instruídas*. Valoriza a compreensão e a clareza dos pensamentos filosóficos, postura simplista que sua genialidade e erudição não ovissem esconder.

"Admirei muito Kant principalmente porque ele delatava os limites da filosofia, onde arruinava todos os fundamentos de conhecimento humano, onde se juntavam as experiências. Se

o restante do que ele pensava e quererem fizesse apertos se desdobrando um pouco mais nitidamente diante de sua cécio interior, acha que ele nem tanto envolvido a si mesmo tanta nequem de sentimentos tão abertos. A totalidade de sua filosofia, a meu ver, deveria ter sido facilmente compreensível pelo menos por todos os pessoas instruídas, e ter sido tão compreensível que dela nenhuma incompreensão pudesse surgir. Contudo, apesar de muita humilde pessoa é quem pensa dessa forma, e talvez em esteja enganado. É por este motivo que só entendo Platão quando não é budando compreensível e fala com clareza. Se usávamos chamarados filósofos que seguiriam Kant não houve escrito ainda mais instintivamente e permitindo à sua indignação tantas furturas, se, em uma palavra, tivessem mandado, como era desejo de Kant, a si mesmos dentro das limites da experiência, marria sua atual com a reforma da ciéncia médica teria sido muito mais fácil... ” (Carta para o Sr. von Viller, Torgau, 30/01/1811, Samuel Hahnemann his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 188)

CAP. XIV

Concepção Filosófica de Hahnemann

S. Hahnemann

1) Visão Espiritualista

Se por um lado Hahnemann critica o excesso de especulações no campo da filosofia e da metafísica para explicar as enfermidades, por outro assume uma postura teísta, com valores morais distintos e conceitos espiritualistas. Demonstra acreditar numa continuidade existencial, após a morte do corpo físico, do espírito imortal que nele habita, consequente à brevidade da vida terrena atual, a qual funciona como uma *escola de aperfeiçoamento para a eternidade*.

"...i fio-se em minhas instruções e quando chegado sua hora de deixar esta existência terrestre, venha encontrar-se conigo, pois estarei aguardando por você. (...) Prometi-lhe tudo que desejava; depois ele acrescentou: Deus a recompensará e cinco minutos antes de partir, disse-me: cheio de terrura: Você será minha na eternidade. Estas foram suas últimas palavras." (Anotações Confidenciais da Senhora Hahnemann: *Samuel Hahnemann his life and work*, vol. II, cap. XVIII, suplemento 156)

"Por minha parte sempre obrei como um dos fatores das mais importantes da minha vida os fatores da minha esposa e o aumento da minha família. Fui um que eu contribui para formar em um esforço comum com aquela que me é estreitamente ligada, um novo homem nascido de nosso sangue, com ao mundo aumentar as ale-

graça e os sofrimentos salutares de seu fato e de sua ação, a quem devem dirigir sua vida e prepará-la para uma existência superior no eternidade. Rejeito o nascimento de meus filhos bem sempre aprofundamente sobre minha vida interior e eu considero cada momento de minha família como uma prova que o grande Príncipe do bem é o Pai dos espíritos, inspira-me para purificar minha consciência." (Habermann homöopathicus, p. 47, Carta a Stäpf, 17.12.1816)

"... Um breve intervalo (a Confissão) no reino dos espíritos felizes ("... Carta a Stäpf Küthen, 1826 Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 1827)

"... I essa razão fuiro pôde, com secretoza inextinguível, manter subjugado o molde de nossa natureza animal de modo que o final de nossa existência aqui embriosa possa ser gloriosamente realizado e para tanto a verdade dolorosa de força suficiente..." (Carta a Stäpf Küthen, 14.07.1828, Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 1829)

"... o esse monstroso transformo da personalidade humana que se chama sombrioza e clarividência no qual o Homem, subtraído do mundo dos sentidos, parece pertencer mais ao mundo dos espíritos ("... Organon, 6^a ed.; § 289 HFF.)

"... I esse espírito, imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perfeição cobrir os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem-estar superiores a todos os que as criaturas mortas favorecidas podem gabar-se terem recebido imediatamente da natureza." (A Medicina da Esperança, 1805, Opuscúlos de Hahnemann, p. 423)

"Durante os dois mil anos em que o homem teve se encrado de filosofia e medicina, não se deu o mais pequeno passo no conhecimento a priori da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele. (Valor dos Sistemas em Medicina, 1808 Opuscúlos de Hahnemann, p. 135)

"... Autro de meu testa, recomendando minha alma mortal a graça e a misericórdia de Deus, na inabalável certeza que este Gato maior e mais poderoso de meu destino irá permitir-me partilhar de sua glória celestial." (Testamento de Hahnemann, Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XVIII, suplemento 1821)

"... O molde material está esgotado já a expressão que usam, parece que seu sofrimento foi pequeno e apenas poucos dias ante de falecer (proximamente morrente uns dias), sobrevem uma dispneia em paroxismo e que farta ate a doradura de treze horas de duração e que terminava em suffocação." (Sobre a Morte de Hahnemann, Dr. Hull, Homöopathie Leopoldina vol. III p. 257, Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX suplemento 178)

"Tentem tornar-se tão felizes quanto possam o resto curta vida terrestre trazendo de aperfeiçoamento para a Eternidade! e se vocês tentarem ardorosamente não encontrarão dificuldade para assim proceder." (Carta às Suas Filhas, Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XXI suplemento 178)

2) Hahnemann e Confúcio

Assim como segue o exemplo de Sócrates na *psicología experimental* (primumando pela simplicidade e clareza de conceitos), enaltece os ensinamentos de Confúcio, este *benfeitor dos homens que nos mostrou o caminho certo para a sabedoria e para Deus*, comparando-o com o *anjo da misericórdia* Jesus Cristo. Criticando, mais uma vez, os excessos filosóficos e religiosos, diz que Confúcio *transmite ao leitor uma sabedoria dura sem milagres, fábulas ou superstições*.

A tradução para o alemão dos trabalhos em chungs de Confúcio realizada por Scott é de *não é muito desejável - transmitir a todos uma sabedoria dura sem milagres, fábulas ou superstições. É tão importante assim das temporadas que ignora Confúcio possa ser tudo em excesso fatal. Um herdeiro deve abraçá-lo no reino dos espíritos felizes este benfeitor dos homens que nos mostrou o caminho certo para a sabedoria e para Deus, seu sacerdote e meio antes do arquimontário (Crato-RH)*¹ (Carta a Stapp, Kidder, 1826, Samuel Hahnemann's life and work, ed. II, cap. XI, suplemento 187)

Para melhor entenderemos o pensamento filosófico de Hahnemann, iremos concepções básicas deste educador chinês (Sul a C.) retratadas em seus *Diálogos*. Aqui veremos os mesmos preceus de moral e caráter, ensinados por Hahnemann para a manutenção da saúde psicosomática, como normas de conduta para a formação do bom político e governante.

No meio do caos governante da China Antiga, Confúcio coloca suas preocupações com o reequilíbrio político, falando sobre *a perda do Caminho (dao)*, ou seja, o *Caminho dos Sábios Reis da Antiguidade*. Assume a missão celeste de “despertar o mundo como um gongo” e de fazê-lo reencontrar o *Caminho perdido*.

Com caráter agnóstico, seu pensamento assume uma ética essencialmente fundada sobre a afirmação dos valores humanos e das exigências morais, centrado num ideal prático. Dentro deste conceito de “homem de bem” (*jen-tsii*) a significação essencialmente moral assume lugar central na formação do político ideal.

O *homem de bem* deve contribuir para a realização do Bem Soberano, que é o *ren*, termo central da Ética de Confúcio. O *ren* não designa, puds. um Bem abstrato, alvo disto, mas o *bem* que um homem pode fazer a outro.

O parágrafo XX, 26, nos deixa abundagem negativa, sob o nome de mansuetude: *O que não quiseres que te façam, não o infligais aos outros*. A mesma idéia é

intenção de fornecer maior justificativa em 17. 28: *Praticar o ren é começar por si mesmo...). Busca em ti a ideia daquilo que podes fazer pelos outros - eis o que te potrà no caminho do ren! Tal é, em suma, o sentido da resposta de Confúcio a Fan Chi, que lhe pergunta o que é o ren: É amar aos homens.* (XII, 22) " (Diálogos de Confúcio, pp. 22, 23)

Entram na composição do ren do *homem de bem* algumas virtudes como: a piedade filial (*xiao*), a lealdade (*zhong*) e a fidelidade (*xin*) compõendo a honestidade; o discernimento (*zhì*) e a coragem (*yǒng*), que conferem a responsabilidade.

Atribuindo à Educação, assim como fizera Sócrates, o fator de melhoramento constante, comparava a figura do soberano ao grande Educador, sendo necessário governar (*zheng*) por retidão (*zheng*). "Um soberano não pode governar se não for ele mesmo reto, digno de ser exemplo e norma para seus súditos."

"Longe de preconizar uma adesão rígida, dogmática, a uma forma qualquer de étiqueta ou de regras arbitrárias, confere-lhe a sua importância à experiência e ao julgamento de cada um. O tal é este sentimento do justo, essa capacidade de julgar por si mesma sobre o que é justo e prudente fazer em face de tais circunstâncias. Nos negócios do mundo, o homem de bem não tem uma atitude rígida de recusa ou aceitação. O justo é a sua regra." (Diálogos de Confúcio, p. 28)

Sem se fixar a qualquer religião ou filosofia, a conduta moral e ética confuciana é o guia para se atingir os atributos do *homem de bem*, que sendo exemplificada na prática diária torna o ser humano cumpridor fiel da missão a que se propôs. Seus ensinamentos estão isentos de especulações ou complicações metafísicas, mostrando claramente o ideal a ser atingido, absurável por todos os discípulos, independente de seu nível cultural.

3) Filosofia Natural

Hahnemann demonstra admiração pela *filosofia natural*, donde através da observação dos fenômenos e manifestações da Natureza, *infalível revelação da sabedoria, do poder e da bondade de Deus*, teremos os fundamentos básicos da verdadeira religião, conceitos estes defendidos por pensadores de todos os tempos.

"O livro sobre Entomologia que você me manda é muito bom e acho que seria difícil obter informações melhores (se bem que isso seja um pouco obscuro) a respeito dos movimentos contínuos da aranha; trata-se de uma espécie de vira, num plano horizontal para frente e para trás e perpendicularmente para cima. Se este ramo da História Natural tentatologial não fosse uma infeliz relegação da sabedoria, do poder e da bondade de Deus, em síntese, se não revelasse tudo o que é necessário para moldar os homens de bem a realizarem com alegria sua vontade, tal como se manifesta em sua consciência... se não pudéssemos aprender a verdadeira religião nem com isso, então eu teria sido espiritualmente cego (...) Oh meu Deus! A verdade e a bênção de preverenciar sua tão rara e boa que se oculta tanto durante os ocupados horários de mundanos interesses, que desejam condescender com suas pacíficas animais até o último edent de cada e também anterior por adquirir furtivamente a felicidade eterna, por um caminho erradico!" (Carta a Stäffl, Kötben, 17/07/1827. Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

"(...) Não há possibilidade de existir alguma coisa in reum naturam que possa abençoar o imoral. Isto é uma contradição em si e encanta o sedutor que ilude o imoral com a crença da segura perspectiva futura de consecução da liberdade perfeita: desse modo, eles só aumentam o número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade. A Verdade de pura bondade que anima o universo infinito também habita em nós e, em nome de nossos mais elevados e inestimáveis dons, nos dá uma razão e uma certeza de santidade com nossa consciência - gerada pela plenitude de sua própria moralidade - e que só precisamos cultivar com atenção constante durante muitos anos, para que possa brotar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas ações essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjugados os maiores de nossa natureza animal de modo que o final de nossa existência aqui embusco possa ser prazerosamente realizado e para tanto, a verdade dotou-nos de força suficiente." (Carta a Stäffl, Kötben, 14/01/1828. Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

A título de ilustração do que viria a ser esta *filosofia da natureza* (de natureza experimental e contrária à filosofia especulativa), alicerce da postura científico-filosófica hahnemanniana, que encorajou adeptos em todas as épocas da Humanidade, estaremos as ideias de Goethe, contemporâneo e admirador de Hahnemann, que utilizou-a em suas pesquisas científicas.

"Duas espécies de filosofia existem: a doutrinária e a não-doutrinária. A doutrinária não parte da investigação da natureza, mas lança mão de concepções que ela mesma arquitetou para explicá-la e assim procuret efetivamente fazê-lo. É especulativa e manipula sistemas. A não-doutrinária parte da investigação da natureza integrar-se nela, esforçando-se para explicá-la através da observação e da experiência,

dividindo-se cada vez mais. E a filosofia natural. Essas duas correntes de pensamento eram paralelas na história das ideias. Platão e Aristóteles encarnaram na Antiguidade a filosofia como sistema. No tempo moderno ela atinge o seu ápice no começo do século XIX com Fichte, Schelling, Hegel e Schopenhauer contemporâneos de Goethe. A filosofia natural nasceu na Grécia, mundo grego da Atena Menor. Surge com Tales, Anaximandro, Heráclito, Empédoclés, que se complementam em explicar o aparecimento da vida na matéria e sua extinção. Depois vagem o epicurismo e o estoicismo, que tentam em se apegar à natureza, sendo, assim, pelas características que oferecem, filosofia natural. No Renascimento, em que uma nova preocupação com os céus da natureza é manifesta, reportam tentativas de nova renovação da filosofia natural, cuja figura máxima é Giordano Bruno. Contudo, o Renascimento não consegue impor nos tempos subsequentes, o predominio de uma filosofia natural. Spinoza renova a filosofia natural estoica. Goethe, moço, recebe o influjo de Giordano Bruno e de Spinoza, torna-se naturalista e, como pensador, encarna a filosofia natural científica, justamente no período em que os grandes sistemas filosóficos de Fichte, Schelling e Hegel pretendiam ser a expressão última, definitiva e perfeita em matéria de concepção do mundo e o todo da vida. Goethe concebe as obras da filosofia sua contemporânea, como aliás é muito lido na filosofia em geral. Torna sua obrigação estudar Kant, tende-se aos pés de Schiller, interprete da filosofia, e deixa se categorizar." (Goethe - *Quatro Discursos*, pp. 125, 126)

Afinal, ele mesmo se convence de que nem a teoria do conhecimento de Kant, nem os sistemas filosóficos de Fichte, de Schelling ou de Hegel podem realmente oferecer-lhe algo. O pensamento deles pertence a um outro mundo que não o seu, porque precisa aprimorar-se da natureza, em pausa que o seu bem seja o seu ponto de partida. "Já se gastou tempo bastante com a crítica da razão; preferia uma crítica do entendimento humano. Seria uma verdadeira bênção para o gênero humano se pudéssemos penetrar ate o íntimo do senso comum e ai retificarmos a sua capacidade de compreensão, ou seja, nada mais nada menos do que ele precisa para viver perfeitamente bem a vida terrena. O empreendimento de Goethe firma-se, portanto, na filosofia do entendimento humano, no que ele possa oferecer de mais acertado e saudável." (Goethe - *Quatro Discursos*, p. 127)

Oração erguta para si é ele, segundo o seu modo de ver, se é possível partindo do conhecimento nascido da observação da natureza. Prender-me-nos à realidade para dar alcance ao espiritualidade, é a salvação que nos propõe para a casa. O conhecimento principal que cada um recolhe da observação da natureza é o fato de que o natural e o espiritual sempre se representam simultaneamente. O espiritual age sobre o natural como força plasmadora, ordenadora e consumadora. Conduz para fora da casa e do quotidiano. Manifesta-se aliás em toda ação e ação das formas que naturais. Olhando com os olhos do espírito para dentro da natureza, como se mostra dentro de nos próprios, temos de reconhecer que em nós encontra-

tem o natural e o espiritual, que pertencem ao reino das coisas naturais mas, falso é nos entregarmos à direção das forças espirituais. A filosofia de Goethe consiste, na observação dos fenômenos materiais e espirituais da natureza, como se manifestam dentro e fora de nós e das consequências que decorrem dos mesmos. O espiritual é o elemento luminoso que relida com as levas da densidade da matéria. Nesse trabalho desenvolvem-se os acontecimentos do mundo e nela decorre a nossa vida." (Goethe - *Quadro Discursivo*, p. 128)

O método goetheano de observação da Natureza baseava-se na experiência pura, não permitindo em nenhuma situação que algo subjetivo atrapalhasse a sua pesquisa, restando somente ao observador arrumar o objeto de uma forma específica para que este revele o seu conteúdo, pois a verdade é inherentemente ao fato observado, bastando retirar o emolitório que a esconde para que surja: "O verdadeiro é parecido com Deus; não aparece imediatamente - temos de adquiri-lo por meio de suas manifestações."

"... Goethe procura descobrir em cada coisa um lado pelo qual esta se nos forneça sagrada (...) Esse lado do seu caráter está indissoluvelmente ligado a outro. Ele nunca procura aproximar-se diretamente desse elemento superior, aborda-o sempre através da natureza. O verdadeiro é similar ao divino; não aparece diretamente - temos de adquiri-lo por meio de suas manifestações. Além de ser nebuloso, Goethe tem ainda a fraqueza de que si desejarmos pela abstração da realidade, não lhe tem a alma de buscar o divino em todos lugares semelhantes aos olhos da natureza, mas nele procura sempre descobrir o caráter divino. Se Goethe, ainda jovem, ergue um altar ao grande Deus que está diretamente ligado à natureza, tal culto já provoca nitidamente a contradição de poderíamos chegar ao que de mais sublime está no topo alcançar, e não andar fielmente as relações com a natureza." (A Obra Científica de Goethe, pgs. 123, 124)

"Goethe vê a origem da moral no mundo das idéias que o homem possui. Não são normas objectivas nem o mero conjunto dos instintos que regem os atos morais, mas as idéias, claras em si, pelas quais o homem inscreve um rumo a si próprio. Não as ideias devem por dizer, como devem fazer certa seleção a suas idéias objectivas, nem por coeger, como faria sob o domínio dos instintos e paixões. Ser-vão por amor, mas acima de tudo por amor ao filho. Deseja a sua realização e emprenha-se por elas, porque fazem parte de seu próprio ser. A idéia é o critério, e o amor a força ativa da ética goetheana. Tudo ciò basta dizer quando amamos aquilo que ordenamos a três mestres. Um agrado incerto da ética goetheana é livre, juiz e juizem não depende de nenhuma sorte de suas próprias idéias. Se ficas responsável por si mesmo." (A Obra Científica de Goethe, p. 191)

Introduzindo-nos no pensamento de Lessing, que iremos abordar no próximo tópico, vejamos como seu conceito de *refrigério natural* condiz com o pensamento de Italihermano:

"Reconhecer em só Deus, procurar formar sobre ele os meus dígras como edho, torná-las em consideração em todas as nossas ações e pensamentos: ai está a soma completa de toda religião natural. Todos os homens estão inclinados e abrigados na multidão de suas funções, à dada religião natural." (*Iteritus Edagfirth y Teologicus*, p. 171)

4) Hahnemann e Reimarus

Dando particular importância aos *Fragments* de Reimarus, Hahnemann atribui a este material importante papel no despertar das consciências humanas, afastando os homens da *satisfação de suas paixões animais* e aproximando-os da *Aprovação Superior*.

"(...) Agora, no tocante ao lieto de Wdd. É um fragmento inteiramente desconhecido pelo exelentissimo Brumarius. Nada sabemos se seu resumo exato que a parte do meu refere-se à passagem de Moisés pelo Mar Vermelho. O Antigo Testamento é ali devidamente apresentado. (...) Não devo de procurar para mim, se puder, mais obras de Wdd. Andas os fragmentos, independente de quanto custarem..." (Carta a Stoff, Küthen, 19/07/1827; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

"Estou constrangido por eu só estar tendo tanto trabalho para conseguir os fragmentos. Precisamente isso que é maravilhoso à distância da ciéna da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então abrigados e ser perfeitamente bons, porque nada há que possa extrair-lhos do inferno de sua consciéncia quando diante da omnipresença de seu Supremo Benfeitor, ai esquecem-se do propósito de seu ser e preferem a satisfação de suas paixões animais à Aprovação Superior." (Carta a Stoff, Küthen, 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

"Grandes são os inomináveis trabalhos do Senhor da Criação, incomensurável sua bondade. Seu poder. Sua bondade! Espero que você tenha a grande sorte de encontrar no leilão de Mohrenzell os "Fragments" de Reimarus, bombar que não se dignou a ser subornado pela superstição..." (Carta a Stoff, Küthen, 24/07/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

O que seriam estes *Fragments* de Reimarus, que Hahnemann tanto cula e anseia por conseguir a qualquer preço? Provavelmente tratar-se-á de um assunto que em muito nos auxiliará a entender a concepção filosófica do Mestre. Em vista disto, traremos estes conceitos e o que eles representavam para o pensamento religioso da época.

Hermann Samuel Reimarus (1674-1768) estudou teologia, filosofia, e filosofia em Jena e Wittenberg e viajando pela Inglaterra e Holanda, analisando os problemas e controvérsias do cristianismo e da filosofia desde Toland, Sherlock, Warburton, Espinosa, Grotius, Bayle, etc., considerou que "no cartesianismo teria que tirar o jugo e explicitar-lhe a intenção de fundamentar o conhecimento em todas as áreas da vida, da vida prática". Publicou sua *Doctrina da Razão*, ou seja, instrução para usar corretamente a razão e o conhecimento da Verdade, baseando-se nos princípios e regras naturais da identidade e da contradição.

"Baseando-se nos princípios de identidade e contradição, e mediante análises dos conceitos, tenta fundamentar a existência de atributos divinos, a prisão idêntica, a imortalidade da alma, etc., porém concluindo o herói com a clara proposta de lerar a sério a divida razão e por que criaram a revelação?", finalizando este trabalho na obra *A Apologia*, conforme nos relata Agustín Andreu Rodrigo em *Escritos Filosóficos e Teológicos*, de Gottlieb Ephraim Lessing, que, além de amigo pessoal, foi o grande editor, comentarista e "salvador" da obra de Reimarus.

Lessing publicou *Os Fragmentos* como se fosse obra de um anônimo, por desejo dos familiares de Reimarus, pois o material fazia sérias críticas aos dogmas das Igrejas. Baseado na opinião de Reimarus que dizia: "o povo crê tão fortemente que se deixará matar por sua fé, e matarão aos que não creiam o que ele crê", Lessing se propôs a reinterpretar os dogmas da religião cristã, das dogmas do pecado original e da salvação.

Contudo os resquícios da inquisição clerical, que dificultava a divulgação de *Os Fragmentos*, Hahnemann diz:

"Precisamente isso que é mantido à distância da região da humanidade e do que poderia trazer a fel que alguém use seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada há que possa entorpecer do inferno de sua consciência, quando diante da omnipresença de seu Supremo Beneficente (,)" (Curtis & Staps, Edith, 11/01/1828, *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II cap. XX, suplemento 189)

Em *Escritos Filosóficos y Teológicos*, "Os Fragmentos" de Reimarus, publicados como um anônimo por Lessing, são comentados por Augustin Andreu Rodrigo, professor de Teologia Sistemática, Antropologia e Ética, que

iremos retratar resumidamente, atendo-nos aos tópicos que possam auxiliar no esclarecimento do pensamento filosófico de Hahnemann.

Primeiro fragmento: sobre o descrédito da razão nos pulpitos. (púlpito: tribuna onde pregam os oradores sagrados)

"Trata-se o primeiro fragmento do anônimo sobre a relação entre a razão e a religião. Uma religião que os pulpitos estão fazendo mal, comentava Lessing. Para que enquanto os teólogos ortodoxistas caluniam a razão declarando a corrupção pelo pecado original e exignido, pretendendo seu completo submetimento, os outros teólogos, os progressistas (chamados então modernos) pretendem identificar maravilhosamente a razão com a religião, com intendo este nome maisificação dos comentários daquela, de sorte que a revelação, profinamente, não revelaria nada. A tese de Lessing é que nem faz falta recorrer ao pecado original e ao homem carnal de São Paulo, etc., etc., para provar que a razão está corrompida e debilitada; a razão é de fato por outros conceitos, e uma certa escravidão da razão sob a obediência da fé se desafia do prejuízo concedido de revelação. A religião é uma avanço de *sua luc maior*. Uma vez a razão seja se aseguardo da realidade da religião, deve entregue-se a compreender essa luc maior - tanto que pode ser indiferente. Uma certa escravidão não significa que é uma escravidão do menor, significa que a razão há de se aseguardo preciamente da realidade da religião. Assegurada, a escravidão há de ser rendidamente dada por compreender o novo motivo de aquela prática que da luc maior aparece. No entanto, a religião priva-se com um tipo de fome distinto da estrita demonstração racional, baseada na necessária conexão de causa e efeito. Mas a religião é histórica, empírica, questão de fato" (Escritos Filosóficos y Teológicos, pp. 436, 437).

Comentando o lamentável pecado original, citado por Remarque, esclarece um ponto de fundamental importância à Homeopatia, em vista do tenta ancorar determinada corrente filosófica que se baseia no modelo escolástico, tantas vezes criticado por Hahnemann:

"Porém, no parcer da origem de Gênesis 3 (relato mítico do pecado original) como lugar onde se mostra a causa da corrupção da razão e de sua conseqüente incapacidade. Lessing aduziu uma reinterpretação do dogma do pecado original, mostrando praticamente como a razão há de aprender na religião e como não é indiferente relacionar com o mistério numa idéia ou outra. O recurso no pecado original para explicar que o homem nasça pecador e suspeito era comum às igrejas católica, sistemática e reformada, ate trás o considerarem uma doutrina falsa, especialmente do Novo testamento. A Teologia da doutrina em Gênesis 3, a partir de Santo Agostinho, e a refletiram com outros textos do Novo testamento. Além de pecador, o homem é agora considerado dominado de fraudeidades. Esta dominiação, pelo que corrompeu a razão, a traz em ligamente ou latentes e caleadas, e depois organiza-las (Port-Royal) como uma corrupção integral, ou praticamente integral, da razão; outras (caibéricas e jordanas) como única razão primária de certas igrejas de que,

com anterioridade ao pecado, pecaria (dona preternaturalis) - Lessing intende e adverte aqui uma interpretação da queda originária, na qual já não utiliza propriamente o conceito de culpa: Todos pecamos em Adão (cf. Reimarus) porque tínhamos todos que pecar... Conforme em Educação, n.º 74, Lessing de... no primero e infimo dos degraus de sua humanaidade, o homem não é absoluto senhor de seus atos a tal ponto que possa seguir preceitos morais... E só Lessing a necessidade do filho, ou seja, da pluralidade própria do destino. Cada o pecado original, pois, Lessing não vai explicar a ponta de maledicência ou a corrupção posterior de um bem primitivo, aquela se limita a fazer isto, deixa díz: mas esse relato de Gênesis 3, fula - diz - das intenções do homem para passar do nível escravo e confusa da sociedade ao nível claro e distinto da razão. De ambas maneira, Lessing disse: mas qualas que dízem do pecado original não se moeve a razão, seriam que lida por maior. A inteligência humana não se formou senão paulatinamente (cf. Reimarus, fragmento IV). Neste modo, a humanaidade está às portas de uma de suas grandes e novas etapas. Assim como está libertando pela liberdade do jugo da letra, o homem mesmo está libertando pela libertação da moral da culpa, um milhão de dizerido, do mérito e sens consiquentes prazeres e coisas eternas. Quando Lessing escreve este comentário à doutrina do adamismo sobre a ruína da razão humana, tem já presente o que representa a doutrina do pecado original e, em geral, da culpa, na educação do gênero humano e nos próximos pecados a dar" (Educação Filosófica e Teológica, pp. 439, 440).

"O homem bateu errado. No estado de inocência, dizem [os teólogos], tinha o homem uma imagem de Deus inerida (não criada), ou seja, uma suficiente visão de Deus, do mundo e de si mesmo, assim como sabedoria, justiça e santidade. Incriada e suficiente são termos técnicos para indicar a sobrenaturalidade dessa imagem e desse conhecimento. Também bateu errado ... quem temba e queire usar sua razão natural, pode convencer-se de que sua razão inata [= natural] não é em absoluto agora menor embora sob a visão das perfeições de Deus... Os adjetivos incriado (unbeschaffen) e inata (angeboren), que no texto do iminente referem-se ao elemento superior (imagem de Deus, Razão), Lessing refere-se ao poder que têm nesse apetite sensível e nossas escravas representações esse poder é o incriado (...) O incriado e anterior, diz Lessing, é esse poder escuro, que faz com que tenhamos que pecar (entre outras coisas, das quais penitência e punição que somos). (Aventuras Filosóficas) Teológicas, p. 4-6)

Segundo a análise deste *'primeiro fragmento'* da obra elogiada por Hahnemann, a queda do paraíso não significou a perda de nenhum dom preexistente e sim o ganho da Razão, atributo divino, que o homem adquiriu no seu caminho evolutivo normal. Ao diferenciar-se dos animais, que vivem sob as leis restritas da Natureza Criadora, o ser humano recebeu o *Princípio Inteligente ou Espírito*, que lhe conferia condições de evoluir segundo seu livre-arbítrio, suavidade e seus esforços próprios. Para que ele pudesse ser senhor *absoluto de seus atos a tal ponto que possa seguir preceitos morais*, pressupondo

do nível espiritual e confuso do sensível ao nível claro e distinto da razão, incorporando com isso mais um estágio no seu crescimento espiritual, logicamente deveria caminhar por si próprio, trocando a Responsabilidade Divina pela responsabilidade pessoal. O fruto proibido representa a inteligência e o livre-arbitrio, que se mal utilizados levam o homem ao sofrimento e à dor, mas por outro lado, aumentam-lhe as experiências que fazem-no amadurecer moralmente.

Esta ideia encontramos na referida citação de Hahnemann:

"Parece a fonte eterna do amor não deserdar o homem mais que da animalidade, a fim de desfensor-lho com mais profusão esta faixa da humanidade, este espírito que o faz encontrar com que satisfazer a todas suas necessidades, auxiliar seu bem-estar, e criar os imensos recursos através dos quais ele a si de um modo considerável sobre todos os seres eternos, esse espírito que é imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecerel coberta as metas de conservação, de garantia, de defesa e de bem-estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza." (A Medicina da Experiência, 1895, Opusculos de Hahnemann, p. 46)

Segundo fragmento: impossibilidade de uma revelação na qual possam crer todos os homens de modo fundamentalmente.

"Talus e cada um dos indivíduos têm de ter um conhecimento fundamental da religião, de sua realidade aconhecida ou histórica e de sua origem divina. Mas, tendo-se em conta o tipo de provas que suporta a revelação, considerando-se que cada um tem que acompanhar talas fatias vendo clara e distintamente sua realidade e seu caráter extrahumano, deveria haver propriamente uma religião e uma revelação para cada homem. E, como talis si possem que uma única religião alcance a todos os homens de modo fundamentalizado, assimilariam Lessing que entre haver uma revelação para cada homem e haver uma só religião para todos (cosa que comportaria a impossibilidade de que todos se unissem) hei que optar pela via do meu diversas religiões, multiformes e contemporâneas, para diversos povos (judeus, cristãos, muçulmanos, hindus). E, diversas religiões serviriam para a Humanidade. A revelação é algo que pertence à estrutura da razão, segundo o primeiro fragmento. O undécimo entro é sugestão atu o passo de revelação: uma revelação que sente e se orienta, desde já nos domínios da sua paixão e depois à Humanidade inteira. Pertencendo à estrutura intrínseca da razão, é impossível que Deus dêem a um homem sua revelação direta ou indiretamente" (Diversas filosofias e Teologias, p. 437)

Observamos na postura universalista de Hahnemann, frente às diversas filosofias e religiões, uma grande afinidade com o pensamento de Reimarus exposto neste "fragmento", incorporando ao seu pensar *rei eleições* que encontrava em diversas fontes. Segundo Lessing, "as provas das realidades da

razão são distintas das provas das verdades reveladas, pois estes baseiam-se em testemunhos ou, ademais, versam sobre fatos empíricos, históricos, condicionados por lugar e tempo, sendo impossível que uma reivelação seja universal se todos os homens não de gozar de igual ajuda e dispor de uma revelação, terá que haver mais de uma revelação.

Terceiro fragmento: Passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho.

O terceiro fragmento propõe um tema que serve para ilustrar a inscure e o ridículo em que acaba uma exégese (seja ortodoxa ou noviloga) que pense que a defesa eficaz de uma revelação consiste em defender o caráter da sua infalibilidade de todas e cada uma das afirmações históricas, geológicas, etnográficas, biológicas mineralógicas, geográficas, topográficas... e, enfim, etcias contidas nessa coleção de escritos que recolhem uma sucessão de tempos e condições de todo diversíssimas levando contrapõe a miséria dessa exigência, inclusiva e apetrechada com a melhor filologia e domínio bibliográfico. A sensível religiosidade de quem sabe que é a fé do fiel - a atitude que devia adotar o ortodoxo e que não faria por uma parte intruturável e inacessíveis a ataques, imputando-o, de outro modo, em um certo orientador (ao invés de ser para inconsistência noviloga), praticando a elencação apologetica no prego tremendo de não compreender quase nada). A exégese desconhecedor da limitação do princípio da prova histórica, e entregue à inspiração verbal em literal e à sua consequente infalibilidade, tem que acabar recorrendo a golpes de engenhosidade e ocorrências, para explicar a milagrosa travessia do Mar Vermelho por 600 (90), ou 60 000, ou somente por 6.000 (que a infalibilidade não cobre o risco de corrupção do texto)..., sendo acerto que só devendo de ser capaz de renunciar à interpretação literal das asas de águia que concedeu Deus a Israel para que fuya bem veloz - Em lugar de tão nevrana, desperna, magrou (de si) de sua fé) altitude, exposta a não acertar nem por casualidade na defesa da revelação e a ter que recorrer ao cubo da autoridade cível como refúgio da argumentação ridícula, a altitude religiosa poderia ser a da fidelidade e a consequentem, em manter-se no lugar próprio, a saber, nesse pequeno portmanteau insuperável círculo que é a fé. (Escritos Filosóficos e Teológicos, pgs. 437, 438)

Quarto fragmento: que não se escreveram os livros do Antigo Testamento para revelar uma religião

Destas outras (insuficiente concepção da unidade de Deus, ausência de concepção da imortalidade da alma), pelo menos, nada se pode concluir sobre a unicidade dos livros do Antigo Testamento. Pois esta tese que se protege de muitas outras maneiras que com as verdades da religião natural que nelas se encontram. Qualquer outra forma tanto antiga pode conter as mesmas e identes, elevadas, profundas verdades deste tipo, e disso deve falarmos primeiramente. Provar que um cidadão tem de um doulo sanguinário que conclua a condição divina da

Bíblia, na qual é elas de ligação à unidade de Deus, que se encontra somente no Antigo Testamento. Os três santos dos homens poderiam competir pela antiguidade e dignidade de suas representações sobre Deus, com os livros do Antigo Testamento, se o que desconhecemos ainda destes livros santos corresponde aos exemplos que deles não são dada a conhecer pessoas fideliqüias. Pues que, se a inteligéncia humana não se formou senão paulatinamente, se as verdades que são hoje evidentes e claras para o homem mais sensível, foram adquiridas num só encorpiro sucessivas e, em consequência, fizeram que produzisse inspirações variadas da Divindade e embora so possam ser aceitas como factos não obstante, haverem em todos os tempos e países idemias contradizidas que, com suas próprias forças, persuadido, saíram da esfera dos seus contemporâneos, entraram em encontro da luz maior e, se é verdade que não podem comunicar a outros seus sentimentos sobre esta luz, não obstante podiam indicá-las. Não é possível dar prova alguma sobre a origem direta imediata daquele que provém destes clães de homens que também hoje surgem de quando em quando sem que lhes seja sempre justificada. Porém, se não se pode provar essa origem onde se encontra, tampouco se lhe pode negar onde fuisse, e bem poderia ser de Deus um fato ser composto de soma mais alta inspiração divina, embora nele se encontrem poucos traços que rendam da immortalidade das almas no dia festejado posterior a esta vida. Incrivel é possível que estes livros contenham uma religião beatificante, ou seja, uma religião com cuja observância pode o homem assegurar a felicidade nenhuma além daquele a perspectiva." (Escritos Filosóficos y Teológicos pp. 436-437)

Quinto fragmento: sobre a história da resurreição.

Neste último fragmento de mais de cem páginas, Reimarus questiona as inúmeras contradições encontradas nos testemunhos dos Evangelistas sobre a ressurreição de Jesus Cristo.

"O comentarista no quinto fragmento, distinguindo entre o *testemunho do fato* empírico e histórico da ressurreição de Jesus Cristo e o *cronista*, devolve a cada um deles seu direito e facultade para fazer-se com uma fundamentação de sua opinião religiosa remete o sujeito para fundamentar a fé." (Escritos Filosóficos y Teológicos p. 438)

Provavelmente, a destituição dos dogmas religiosos e, consequentemente, de qualquer modelo ou sistema especulativo que afastasse o homem dos resultados e das observações práticas, tenha sido o encantamento que aproximou Hahnemann de Reimarus e dos demais pensadores afeitos. Na análise pura dos fatos, livre de qualquer hipótese préconcebida, vemos a bússola que sempre norteou o pensamento e a produção científica de Hahnemann, despertando seu interesse por filósofos que comungassem com os mesmos ideais.

CAP XV

Conclusões

S. Hahnemann

A partir deste estudo, observamos aspectos nitidos do pensamento de Hahnemann quanto à concepção imaterial e filosófica do homem, que iremos abaixo relatar.

Primeiramente, torna-se evidente a identidade da força vital hahnemanniana com a *vis medicatrix* hipocrática, ambas possuindo as características de instintiva, automática, irrefletida, irracional, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo.

Esta força vital, instintiva e automática, possui a propriedade de manter o equilíbrio orgânico, *enquanto ocorra a saúde*, perdendo esta capacidade quando o processo de doença se instalar. Nas enfermidades, os esforços cegos da força vital para manter a homeostase, é feito às custas de ações antinómicas, impensadas, caóticas, ocasionando sérios estragos à constituição orgânica. Se a força vital conservadora da vida e da saúde for afastada do corpo físico, este fica entregue às leis da química e da física, entrando em decomposição.

Formando uma unidade inseparável (composto substancial) com o corpo físico, a força vital imaterial proporciona ao mesmo a capacidade de afastar-se

das leis da matéria morta, envolvendo-o com o fenômeno da vida. Hahnemann denomina este conjunto com a expressão *força vital orgânica*. Assim como na matéria inanimada temos a *massa* expressa pelo núcleo atómico e a *energia* constituída pelas camadas de elétrons circulantes, no ser vivo temos o princípio vital imaterial plasmado e animando o corpo físico material.

A força vital imaterial, incorpórea, invisível reage com energias da mesma natureza, não possuindo nada de *espiritual* no sentido metafísico do termo. Hahnemann compara a energia vital a outros tipos de energia conhecidos em sua época, como magnetismo, eletricidade, eletromagnetismo, galvanismo, etc. Vai mais além, orientando na utilização do magnetismo animal ou mesmerismo para o reequilíbrio da força vital alterada, acertando a interação (influxo ou descarga) de energias entre mesmerizador e paciente.

Toda doença ocorre pelo desequilíbrio da força vital, manifesta ao médeu, apenas, pela totalidade dos sintomas mórbidos existentes. A cura, através dos medicamentos homeopáticos, é desencadeada pela reação da força vital orgânica contra a energia medicamentosa despertada pela dinamização (efeito secundário), por serem de natureza e qualidade semelhantes. Daí podemos concluir que a força vital humana assemelha-se em *qualidade* à energia contida nas diversas substâncias dos demais reinos da Natureza, pois de todos eles produzimos remédios homeopáticos.

A força vital irracional difere em natureza e espécie do espírito racional e inteligente que habita em nós, o qual se utiliza da unidade físico-vital para cumprir sua missão durante a vida terrena. Este espírito ou alma não está ligado substancialmente ao corpo físico nem à força vital, diferenciando-se destes como uma entidade separada, *habitando a morada corporal com o fim de cumprir os altos fins de sua existência*. Não encontramos nenhuma citação, nas obras de Hahnemann consultadas, sobre o composto substancial corpo-espírito do modelo aristotélico-tomista.

Hahnemann relaciona a energia vital às fibras nervosas, atribuindo a estas o papel de distribuir a influência dinâmica à unidade orgânica, como um substrato material-energético através do qual a força vital interage com o corpo físico. Por outro lado, chama os órgãos mentais ou *mente* (*sede das ativi-*

dades psíquicas) por órgãos de mais alta hierarquia, invisivelmente sutis, quase não-materiais correlacionando a unidade mental à unidade orgânica, apesar de serem consideradas entidades distintas.

Nestes órgãos psíquicos, quase não-materiais, invisivelmente sutis, temos a base da vida inteligente, ou seja, do espírito racional, que através do psiquismo mental interage com a força vital e todo o organismo. Daí a grande relevância dada por Hahnemann às nuvens psíquico-emocionais, responsáveis pelo despertar da Psora, no adoecer do indivíduo.

Procurando englobar todas estas instâncias num todo harmônico e lógico, apresentaremos um modelo, que acreditamos estar o mais próximo às idéias de Hahnemann.

O espírito material possui sua sede orgânica nos órgãos psíquicos e mentais, semimateriais, invisivelmente sutis, também chamados de mente, por onde este princípio inteligente se manifesta através dos pensamentos e sentimentos. Desta instância de mais alta hierarquia, emana para a unidade orgânico-vital, esta energia mental oriunda do psiquismo e da vida afetiva, influenciando de alguma forma a força vital, por ser de natureza não-material como esta, apesar de possuírem qualidades distintas. No sistema nervoso temos a manifestação material destes órgãos semimateriais.

Assim como esta vida psíquicoafetiva pode desequilibrar a força vital orgânica causando as enfermidades, a energia do medicamento homeopático pode restabelecer o equilíbrio perdido na unidade orgânico-vital, que só será efetivo caso o indivíduo se esforce na manutenção deste estado de equanimidade interior. Da mesma forma que a atividade mental atua sobre a força vital, o influxo vital transmite à mente estímulos que despertam sentimentos semelhantes, que chamamos de *sensação de bem-estar geral* no caso em que escolhemos um medicamento adequado, sintomas mentais ou psíquicos no caso de doenças mentais orgânicas, ou então serão os sintomas mentais despertados pelos medicamentos nas experimentações.

Por outro lado, Hahnemann orientando quanto à busca dos princípios elevados da moral e da ética, ensina o homeopata a atuar diretamente sobre os órgãos mentais e psíquicos de mais alta hierarquia, através de sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimento

mentos que abraçam o universo. A fim de manter a integridade orgânica, mostra o ideal a ser perseguido pelo ser humano, através do exemplo pessoal *"fui posto aqui na Terra para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que em torno a mim se encontra"*.

Quanto à moral propriamente dita, entende-a como o afastamento dos instintos animais que obnublam a consciência humana, adquirindo uma visão mais clara dos valores a seguir pela sintonia com a Consciência Cósmica.

Resumindo, observamos nas obras de Hahnemann uma hierarquia de influências múltiplas entre as entidades imateriais do homem, *onde o espírito manifesta suas propriedades através da mente ou órgãos mentais, que, emitindo seus pensamentos e sentimentos, atuam sobre a força vital orgânica, influenciando o corpo físico*. Por sua vez, a força vital desorganizada atua sobre a mente, causando os sintomas mentais e psíquicos das enfermidades mentais ou das patogeneses.

No penúltimo tópico deste trabalho, fixamos a aversão de Hahnemann quanto às especulações filosóficas e metafísicas a respeito do modelo vitalista que nos legou, o qual procuraremos demonstrar dentro da maior fidedignidade possível.

Vemos também que Hahnemann possuía concepções filosóficas próprias, aceitando que a existência terrena funcionava como uma escola de aprendizado ao espírito imortal, que continuava sua vida de relações e seu caminho evolutivo após a morte. Enquanto repreendia qualquer modelo filosófico que pregasse conceitos distantes da simplicidade prática, enaltecia Sócrates e Confúcio com seus ensinamentos educativos, partindo no esforço constante em busca do aprimoramento moral. Adenirava a *filosofia natural*, *onde através de observações puras da Natureza poderíamos atingir o conhecimento de tudo que necessitássemos para adquirir os valores espirituais de uma verdadeira religião*. Assumindo postura crítica em relação aos dogmas religiosos, fruto da visão extremamente prática com que encara todos os fatos de sua vida, entusiasmava-se com pensadores que se posicionam racionalmente atacando e criticando as chamadas "revelações bíblicas".

Do trabalho em questão, observamos a semelhança do modelo vitalista hahnemanniano com as idéias de *Barbier (1739-1806), símbolo médico e filosófico da Escola de Montpellier, contidas na obra Ensaio Para um Novo*

Princípio para o Homem (1772) e discutidas em *Homeopatia e Vitalismo*, de onde citaremos suas principais concepções.

"Barbierz enunciava sua grande hipótese - transmitindo noturnamente o sempre re-cópiao estabelecido científico - de um princípio vital (que para ele não era idêntico à alma) "que é ativo, natural e unitário e que manifesta sua atividade entre outras formas na sensibilidade, na contracção, no tônus, etc... e se acha unido à matéria orgânica" (*Homeopatia e Vitalismo*, p. 62).

"Barbierz, admirador das teses de NEWTON (1643-1727), amiga pessoal de encyclopedistas como D'Alembert, uniu as ideias diferentes das de Stahl: "a natureza - dizia ele - e as faculdades deste ser não são desenhadas por noções puramente metafísicas ou teológicas", ou invalida em que operam no corpo humano "dois princípios diferentes onde a ação não é mecânica, um é a alma pensante, o outro o princípio de vida". (*Homeopatia e Vitalismo*, p. 63)

Com várias semelhanças aos relatos de Hahnemann, a começar pelo título de sua obra (*Ensaios Para um Novo Princípio para o Homem*), diria que importaria menos explicar o que é, e como é constituído este princípio vital, mas como ele pode ser demonstrado no processo da experiência.

"Seu princípio vital não era material, nem mecânico, nem intelectual; mas uma mistura que procurava intermediar a alma e os fenômenos fisioc-químicos, sendo que tudo que fosse observado seria efeito desta intermediação. Chamo de princípio vital do homem à causa que produz todos os fenômenos da vida no corpo humano. O nome desta causa é bastante indiferente e pode-se escolher a vontade". (*Homeopatia e Vitalismo*, p. 65)

"(...) Barbierz elucida em sua obra que o importante é que o princípio vital é escrita das propriedades físicas da matéria introduzidas nos corpos viventes. Além disso, Barbierz também entra na extensa lista de médicos presquisadores que acreditaram ultrarris de suas observações clínicas, a possibilidade terapêutica da similitude (...)". (*Homeopatia e Vitalismo*, p. 66)

"O princípio vital representou uma solução provisória - podemos dizer seguramente, um adiamento do problema - para que não permanecesse a confusa identificação com sua verdadeira regente, a alma racional. Ao mesmo tempo admite um agente intermediário, co-regente, cujo encargo estaria em atuar especificamente nas sensações e funções. Esta sua tarefa permitiu a manutenção da ideia de similitude, mas este é estrato partilhado pela doutrina de frangões. (...) Barbierz, assim como Galeno, enfatizou que a ação institutiva do princípio vital, - por suas propriedades de defesa e contracção do animal - precederá a formação completa dos órgãos. Identificando o princípio vital com um princípio formativo. Para Barbierz, a doença será o resultado final do desequilíbrio apresentado entre a sensibilidade e a motilidade". (*Homeopatia e Vitalismo*, p. 66)

Desinteressando-se, assim como Hahnemann, a respeito da verdadeira natureza da força vital, Barthéz enfatiza a unidade que o princípio vital forma com o corpo físico, distinguindo nitadamente o princípio vital individual para a maioria dos indivíduos, da alma que individualiza os seres, conforme nos relata Moura Ribeiro em seu artigo sobre o vitalismo:

"... O verdadeiro e maior ser vivo que Barthéz prestou aos fisiologistas, foi o de lhes lembrar a unidade, a grande unidade do princípio vital. <<...><...> o chamado PRINCIPIO VITAL, A CAUSA que produz todos os fenômenos da vida no corpo do homem. >> Estas questões são tratadas em seu livro *Novaos elementos da ciência do homem*, no capítulo intitulado Considerações sérias sobre a natureza do princípio vital do homem, onde não nos traz grandes luzes sobre a natureza do princípio vital, sub pretexto de que a questão é de extrema importância para a verdade do sistema, e que nós somos condenados a uma ignorância absoluta sobre a natureza das causas, seja em geral, seja em particular. Apesar disto, ele não hesita em afirmar que princípio vital, não é uma faculdade da alma racional. E aqui se situa a sua polêmica com Stahl e o automatismo, pois ele acha improvável que o princípio vital seja uma faculdade da alma. E diz que quando o princípio vital age, a alma não tem esse sentimento interior que corresponde à consciência daquele se passa no automatismo fisiológico. As determinações do princípio vital não variam, elas são as mesmas em todos os homens, enquanto tudo o que provém da alma, captação livre, varia mais ou menos de individuo a individuo. Portanto, é essencial distinguir o princípio vital do homem em relação à sua alma, e sendo ele distinto da alma, é necessário saber se ele existe por si mesma, ou se é uma substância a parte ou uma individualidade do homem, um modo inerente ao corpo humano, ao qual ele dà vida." (O Vitalismo, Sumula)

Referências Bibliográficas

S. Hahnemann

- 1) CONFÚCIO. **Diálogos de Confúcio**. Trad.: Anne Cheng e Alcione Soares Ferreira. São Paulo: Ibrasa, 1985.
- 2) GALHARDO, José Emydio Rodrigues. **Iniciação homeopática**. Rio de Janeiro. Typ. Henrique M. Sondermann, 1936.
- 3) GRUPO de Estudos Homeopáticos de São Paulo. **'Besant More': A Personalidade de Samuel Hahnemann: sua vida e sua obra**. Trabalho apresentado no XVII Congresso Brasileiro de Homeopatia, Salvador, 1984.
- 4) RAEHL, R. **Samuel Hahnemann: his life and work**. Trad. M. L. Wheeler. New Delhi: B. Jain Publishers, 1989. 2v.
- 5) HAHNEMANN, Samuel. **Organon Def Arte de Curar**. 5^a ed. Traduzido da 5^a ed. escrita em alemão pelo Dr. José Sebastian Coll. Madrid: Biblioteca Médica Homeopática-Universidad de Madrid, 1844.
- 6) HAHNEMANN, Samuel. **Varios Opusculos de Hahnemann**. Traduzidos do alemão pelo Dr. José Sebastian Coll. Madrid: Biblioteca Médica Homeopática-Universidad de Madrid, 1844.

- 7) HAHNEMANN, Samuel. **Études de Médecine Homéopathique**. Paris: CIBZ J.-B. BAILLIERE, 1855.
- 8) HAHNEMANN, Samuel. **Materia Médica Pura**. Trad. da última ed. alemã por R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1980.
- 9) HAHNEMANN, Samuel. **The Lesser Writings of Samuel Hahnemann**. Coleados e transcritos por R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1995.
- 10) HAHNEMANN, Samuel. **Exposição da Doutrina Homeopática ou Organon da Arte de Curar**. Traduzido da 6^a ed. alemã. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos "Benoit More", 1984.
- 11) HAHNEMANN, Samuel. **Doenças Crônicas, sua Natureza Peculiar e sua Cura Homeopática**. Tradução da 2^a ed. alemã, 1835. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos "Benoit More", 1984.
- 12) HAHNEMANN, Samuel. O Espírito da Doutrina Médica Homeopática. Trad. de Cecília A. Rinque. **Revista de Homeopatia**, São Paulo, vol. 53, p. 65-72, nº 2, 1998.
- 13) HAHNEMANN, Samuel. **Opúsculos de Hahnemann**. Traduzidos e transcritos ao castelhano pelo Dr. José Sebastian Coll, Madrid, 1894. Buenos Aires. Editorial AMHA, 1993.
- 14) HAHNEMANN, Samuel. **Organon der Heilkunst. Organon da Arte de Curar**. Tradução da 6^a ed. alemã por Edmínia Marturano Villela e Izao Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abraham Brückmann, IHF, 1995.

- 15) HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar. Organon der Heilkunst.** Tradução da 6^a ed. alemã por Edmêa Marturano Villela e Izao Carmelo Soares, IHFL. São Paulo: Robe Editorial, 1996.
- 16) HIPÓCRATES. **Aforismos.** Tradução de Leônidas de Assis Rocha. Recife: Arquivo Públco Estadual, 1957.
- 17) KENT, J. Tyler. **Homeopatia. Escritos menores, aforismos y preceptos.** Buenos Aires: Editorial Albatros, 1981.
- 18) LESSING, G. Ephraim. **Escritos Filosóficos y Teológicos.** Edición preparada por Agustín Andreu Rodrigo. Madrid: Editora Nacional, 1982.
- 19) MARZETTI, Angel N. **La Homeopatía. Medicina Del Porvenir.** 5 ed. Buenos Aires: Librería Hachette, 1946.
- 20) REIMARUS, Hermann. **Fragments.** Atlanta: Scholars Press Reprints and Translations, 1985.
- 21) RIBEIRO, A. Moura. **O Vitalismo-Similia.** São Paulo, nº 61, p. 9-13, 1981.
- 22) ROSENBAUM, Paulo. **Homeopatia e Vitalismo - um ensaio acerca da animação da vida.** São Paulo: Robe Editorial, 1996.
- 23) SCHWEITZER, Albert. **Goethe - Quatro Discursos.** São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d.
- 24) STEINER, Rudolf. **A Obra Científica de Goethe.** São Paulo: Editora Antroposófica, 1984.

COMENTÁRIOS

S. Hahnemann

"Quem já ouviu falar de Reimarus? Alguém se lembra de alguma referência de Hahnemann em relação a Confúcio? Ou algum relato explícito acerca de sua admiração pela 'Filosofia Natural'? Finalmente, algo aparentemente novo no campo das concepções filosóficas de Hahnemann

O Dr Marcus nos traz, após extensa e ampla pesquisa, não segundo suas próprias palavras ou interpretações, mas através dos inúmeros escritos e cartas, o relato de Hahnemann quanto a inúmeros aspectos, senão desconhecidos, muito pouco comentados.

Isto foi propício, incidentalmente, graças a uma inquietude interior do autor, invulsa-se com as explicações e interpretações acerca do pensamento vitalista de Hahnemann, até então em voga. Este sentimento motivou-o numa empreitada de pesquisa, num trabalho de organização dos inúmeros escritos de Hahnemann e sua sistematização segundo vários aspectos: *lais medieatrix*, dinamicidade, automaticidade e espiritualidade da Força Vital, mesmerismo, e, por fim, a concepção filosófica de Hahnemann pelo próprio Hahnemann, detalhando aspectos até hoje muito pouco detalhados quanto aos seus conceitos de ética e moral, e sua carcinatidial.

Sabemos que o pensamento e o compromisso do autor neste livro, não é com a criação de mais uma escola ou linha de pensamento homeopático, ou muito menos a formalização, julgadamente com crítica direta, a qualquer modelo antropológico, mas sim com a busca das bases em que se fundamentou o Mestre de Meissen, e quais eram suas idéias com relação ao tema em questão. O compromisso foi, com a realização de um levantamento bibliográfico fiel, amplo e organizado, a criação de uma fonte de pesquisa, deixando o exercício do entendimento sob a responsabilidade de cada um.

Esta obra nos chega num momento crucial, onde a baseia de novos conceitos assentados na doutrina homeopática desenvolvida por James Tyler Kent no final do século passado, veio de encontro ao entendimento das bases que o fundaram.

É interessante observar a proliferação de trabalhos originais e o desenvolvimento da Homeopatia em nosso país, nos últimos anos. Esta obra faz parte deste cabedal, pois amplia nossos horizontes e traz novas subsídios para compreender a formação conceptual do pensamento de Mestre, dando-nos parâmetros para uma visualização ainda melhor da generalidade e do grande número de fatos que o influenciaram na formação dos conceitos analíticos no decurso de sua vida.

A ânsia de não se acromodar diante do inexplicável e a busca incessante da verdade são as grandes molas propulsoras que, apesar de inúmeros percalços, têm feito com que a Humanidade siga em evolução. E foi a chama desse sentimento que deu a Hahnemann, e todos os primeiros homeopatas, coragem para seguir em frente. Neste seleto grupo, veja o Dr. Artur de Almeida Rezende Filho: "E, nessa mesma linha, tentamos vislumbrar a compreensão maior dessa nobre arte médica, tão fundo tão simples, que é a Homeopatia. Por isto, eu congratulo o autor pelo seu esforço na concretização desse trabalho."

Ariozaldo Ribeiro Filho

Vice-Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira
Vice-Presidente da Associação Brasileira de Homeopatia
Autor do Novo Repertório de Sintomas Homeopáticos

"Surge com esta obra, mais um trabalho de extensa pesquisa dos escritos de Hahnemann ao longo de sua vida. O *Organon*, as *Dicas Críticas*, os *Escritos Menores*, suas cartas a médicos e amigos. Tudo foi minuciosamente analisado para se atingir o intuito final.

E qual foi este? Entender qual a visão que o Mestre de Meissen tinha do Homem. Era sua concepção antropológica realmente aristotélico-tomista ou quem sabe dualista? No afã de encontrar a resposta, Zuliani foi além de Hahnemann e encontrou entre outros Beimarus, filósofo alemão, como possível norteador da intuição que o fundador da Homeopatia tinha do ser humano.

Vários trechos da obra *Fragments*, de Beimarus, são citados. Esta foi publicada por outro filósofo alemão, Gotthold Lessing, que também era escritor. Entre seus trabalhos, existe o poema dramático *Nathanael, o Sábio*. Desta, famosa é a história dos três amíhs, contada pelo sábio ao ser inquirido sobre qual das três religiões (cristã, judaica, muçul-

mana) era a verdadeira. A moral da história é que o mais importante não é o nome da religião, mas a conduta humana, desde que o homem seja guiado pela verdade, pela simpatia, pela igualdade de caráter, pela caridade, pela confiança no Ser Superior.

Por isto, independentemente da conclusão que Zilman chega sobre a visão de Hahnemann, esta obra deve ser lida. Não só por causa do cuidado, esmero e fidelidade dos textos com que este trabalho foi feito, mas pelo amor à verdade e à humanidade que nele estão contidos."

Corrado G. Bruno

Vice-Presidente da Ligue Médica Homeopática Internacional

Diretor da Associação Paulista de Homeopatia

"Nesta obra, que certamente interessará a todos os colegas preocupados com a compreensão profunda da doutrina homeopática, vislumbraremos, através de citações das obras de Hahnemann, sua concepção clara de temas extremamente polêmicos entre nós: força vital, mente e espírito.

Nemus reafirmada a ideia de que Hahnemann abominava qualquer modelo metafísico que explicasse a natureza das doenças, e lemos a percepção do seu espiritualismo baseado em pensadores como Confúcio e Bertrand Russell.

Estas questões vitais de nossa ciência são tratadas neste trabalho de uma forma consistente e séria, o que recomenda sua leitura como imprescindível."

Sumaria Salume

2º Secretário da Associação Médica Homeopática Brasileira

Editora da Gazeta Homeopática

Impressão e acabamento



Indústria Gráfica e Editora Ltda.

Fones: 275-1784 / 5589-6294

"Ao esquadrinhar a literatura hahnemanniana, perscrutando também os escritos menos acessíveis, o sagaz pesquisador nos desvenda, em detalhes, a intimidade do vitalismo em Hahnemann, demonstrando uma vez mais a precocidade do Mestre de Meissen em relação aos de sua época.

Sua aceitação do conceito de força vital em uma unidade indissociável do corpo físico, ao mesmo tempo vítima (instintiva e irracional) e coagente (ao ser passível de estimulação), coloca-o em meio à física do século XX e remete-o à teologia do século XXI, onde o théos, vibracional na essência, matematiza-se no $E = mc^2$, estabelecendo um binômio interativo passível de aceitar e responder a estímulos de ambas grandezas.

Fica bastante claro que Hahnemann, dando costas à beatitude, afasta-se da filosofia medieval, retorna o caminho do bem supremo do homem com a sua felicidade projetada na comunidade, ao mesmo tempo que contribui com o pensamento moderno onde o responsável pelo fim último (*télos*) é o próprio homem.

A perspicaz linearidade do autor, na condução do tema, nos brinda com uma obra de inestimável valor e, sem sombra de dúvida, referência a todos que quiserem discutir a visão vitalista de Hahnemann. Sugiro sua versão para o inglês e o espanhol. Mais uma vez, parabéns."

Matheus Marin